

J. S. HELIOS

O RETORNO DE SEDNA

1.^a edição



SÃO PAULO 2013

Copyright © 2013, J. S. Helios

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor.

Autor: J. S. Helios

Design de capa: Wellington Consoli

Projeto gráfico e diagramação: Wellington Consoli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Helios, J. S.

O Retorno de Sedna / J. S. Helios –

1ª edição – São Paulo: Perse, 2013

ISBN: 978-85-8196-424-9

1. Ficção brasileira. I. Título

13-09866

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

Todos os direitos desta obra pertencem à João Helios de Figueiredo Silva.
Proibida cópia ou reprodução sem prévia autorização do autor.

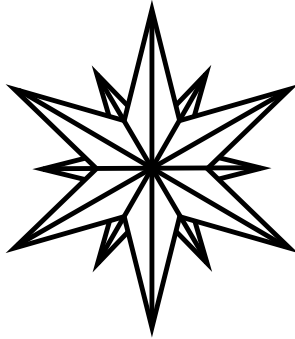
Esta é uma obra de ficção baseada no livro *A Última Contagem Regressiva – o que Isaac Newton não descobriu*, do mesmo autor.

Como aconteceu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do homem. (Lucas 17:26)



Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; e na terra angústia das nações em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas. Homens desmaiando de terror na expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo, porquanto os poderes do céu serão abalados.

(Lucas 21:25-26)



Quando virdes a abominação da desolação situada onde não deve, quem lê, entenda, então os que estiverem na Judéia fujam para os montes. (Marcos 13:14)

CAPÍTULO

I

Passava de duas horas da madrugada quando o professor John Holson Smith, o mais importante docente da disciplina de História das Religiões na Universidade de Nova York, ergueu-se de sua escrivaninha, desligando o computador em que estivera trabalhando.

– Não consigo mais! – exclamou, em voz alta – Essa dor de cabeça não me deixa em paz!

Fazia já mais de dois anos que John sofria quase diariamente com crises de enxaqueca que só melhoravam à custa da ingestão de doses maciças de vasoconstritores cerebrais. E ele chegava a abusar desses medicamentos, embora soubesse muito bem que estava se expondo ao risco de um espasmo vascular cerebral com a conseqüente isquemia de parte do cérebro e com possibilidades de sequelas das mais graves. E isso, se não morresse no instante do AVC (Acidente Vascular Cerebral). E, como se não bastasse, havia aquela insônia... Tinha muita dificuldade para adormecer, ficava horas e horas rolando de um lado para o outro na cama, sem conseguir pregar o olho. Na verdade, John atribuía esse problema à ausência de Carolina Moreira Knox, uma brasileira, filha de um americano, diretor de uma indústria multinacional, com uma ex-modelo brasileira e que tinha vindo para Nova York quando o pai fora transferido para a matriz.

Desde que sua namorada o deixara, havia cerca quinze dias, o professor sentia demais a falta de seu calor na cama. Tudo parecia extremamente vazio depois que ela se fora.

– E não havia motivo algum! – murmurou ele, enquanto se despia, já com o chuveiro ligado para que a água ficasse bem quente.

Porém, ele se recusava a aceitar a principal razão de Carolina ter decidido separar-se: uma total incompatibilidade de opiniões a respeito justamente de religião.

Desde que John abraçara, como tema para sua tese de doutorado, a influência e importância da fé na salvação da alma humana, o casal passara a ter discussões acaloradas. Para John, a fé era uma etapa importante no processo de redenção espiritual do ser humano, mas não um fim em si mesmo. Ele considerava o esforço na caridade, no voluntariado e a forma correta de se relacionar com os outros e com o mundo o fator determinante para a salvação da alma. Em outras palavras, ele sintetizava seu pensamento dizendo: “Nós somos salvos pelas boas obras que a fé em Cristo nos inspira a praticar. Se não nos sentimos impelidos a praticar as boas obras de caridade em favor do próximo, é porque a nossa fé em Cristo é insuficiente para realizar a salvação”.

Já Carolina, mulher de espírito extremamente prático e que professava uma filosofia de vida bastante tendente ao materialismo, achava que a crença religiosa era nada mais e nada menos que uma maneira eficaz de se enriquecer usando a ingenuidade das pessoas sem que elas percebam que estão sendo enganadas ou exploradas.

Em poucas semanas a tensão entre eles se tornou tão grande que a vida em comum não foi mais possível.

Carolina conheceu o líder de uma nova igreja evangélica pentecostal que crescia rapidamente no Brasil, Apóstolo Mário Fernandes que, embora não admitisse claramente, deixava bem a entender que encarava a igreja muito mais como uma empresa – altamente lucrativa – do que como um caminho para Deus. Não foram precisos mais do que alguns encontros, algumas poucas horas de conversa,

uma garrafa de champanhe e o charme do luxuoso quarto do hotel onde o “apóstolo” estava hospedado em Nova York, para que Carolina se convencesse de que aquele sim, era o homem de sua vida, apesar de sofrer de obesidade mórbida, pesando nada menos que 160 quilos. Exatamente o oposto de John, atlético e permanentemente preocupado em manter a forma física.

E, sem vacilar, ela acompanhou o pastor quando este voltou para o Brasil. Para John, explicou-se por e-mail como Fernandes a conquistara.

– Vamos fundar um grande templo na cidade de Natal, uma das capitais brasileiras! – dissera o empresário da fé – E vou gostar muito de tê-la ao meu lado, ajudando na obra do Senhor!

E John se viu, de repente, sozinho, sua cama vazia e fria, sem ter mais com quem conversar à noite.

– *Conversar ou brigar?* – pensou ele.

Ergueu os ombros, num sinal de indiferença e murmurou:

– Ora, que diferença faz? Acabávamos sempre brigando. As teorias de Carolina não combinavam com as minhas, mas depois, sob os lençóis, acertávamos tudo...!

Entrou sob a água que caía do chuveiro e disse para si mesmo:

– Mas ela preferiu ir viver com aquele gordo... Um estelionatário! Um lobo disfarçado na pele de cordeiro! E o pior de tudo é que eu sei muito bem que Carolina está apenas deslumbrada com a inacreditável quantidade de dinheiro com que aquele hipopótamo arrecada!

E era bem verdade, pelo menos o que dizia respeito aos negócios com que Fernandes estava envolvido. Eram obras e projetos grandiosos que exigiam muitos milhões de dólares em ofertas e díizimos. Com justa razão, ele sempre aparecia na lista dos dez pastores mais ricos do Brasil, segundo a revista Forbes. Ele, com a

sua fala mansa e aspecto de “portador da verdade divina”, conseguia fazer com que homens ricos, apesar de criteriosos com os negócios, assinassem cheques com valores sempre superiores a seis dígitos e ainda sorrissem satisfeitos, como se de fato acreditassem ter garantido o direito a um lugar no Céu, ao lado de Deus. A simonia era o *modus operandi* da teologia da prosperidade que Fernandes pregava e seguia fielmente.

O professor já estava se enxugando quando escutou uma voz chamando-o pelo nome; “John!”.

Automaticamente, respondeu:

– Um instante! Estou saindo do banho!

Vestiu o *robe de chambre* e foi para a sala. Tivera a impressão que o chamado viera de lá, alguém que já estivesse dentro de sua casa.

Mas não havia ninguém.

Abriu a porta da rua. Também não havia ninguém.

– *Devo estar ficando maluco...* – pensou.

Olhou sobre sua mesa de trabalho, viu o copo de uísque que estivera tomando e murmurou:

– Tomei menos do que uma dose... Não pode ter sido efeito do álcool!

E, no entanto, tinha a certeza de que alguém o chamara.

Apanhou o copo, pôs-lhe dois dedos de uísque e foi até a cozinha buscar um pouco mais de gelo.

Sentou-se na poltrona diante do aparelho de televisão e ligou-o. Com o controle remoto, “passeou” por alguns canais de transmissão e deteve-se no canal de notícias.

O âncora do tele-jornal anunciava várias catástrofes naturais acontecendo simultaneamente pelo mundo. Em apenas uma semana cinco tragédias naturais tinham ocorrido. Furacão de categoria 5 no Atlântico Sul devastou o litoral de Angola, Namíbia e parte da África

do Sul; um tsunami destruiu o litoral do Chile; o vulcão Krakatoa na Indonésia entrou em erupção e dois grandes terremotos sacudiram a costa oeste do México e o norte da Índia deixando milhões de desabrigados e milhares de mortos.

Um especialista em clima é entrevistado e reconhece o estado anormal do planeta. Ele diz que as alterações climáticas como tempestades e furacões podem ser explicadas pelo desequilíbrio climático que é provocado pela industrialização desenfreada e sem critérios de sustentabilidade, mas terremotos e vulcões não são provocados pela ação do homem na Natureza. “Algo de muito estranho acontece com a Terra” – finaliza o apresentador.

Após a chamada para os comerciais, John passa a mudar de canal para se interessar por outro assunto. Num deles, o repórter, falando da Praça São Pedro no Vaticano, noticiava que o papa estava reunido com alguns cardeais e teólogos convocados emergencialmente, juntamente com astrônomos do Observatório do Vaticano há mais de oito horas. Ninguém sabe o assunto que estava sendo tratado, mas a julgar pelo tempo que estavam reunidos, devia ser algo muito sério e importante, talvez alguma descoberta surpreendente feita pelos sacerdotes-astrônomos. No entanto, alguns fiéis católicos acreditam que, diante de tantos cataclismos acontecendo em toda parte, a cúpula da Igreja certamente estaria discutindo a possibilidade do Juízo Final estar se aproximando.

Em seguida, é levada ao ar uma entrevista com Dom Octavius Bourjois, um importante monsenhor da Igreja Católica, fundador e diretor-geral da Ordem da Revelação, organização católica dedicada a estudar e guardar os mistérios proféticos contidos na Bíblia. Embora o título de monsenhor seja honorário para sacerdotes católicos e não confere nenhuma posição de destaque na hierarquia Igreja, Dom

Octavius exercia grande influência no Vaticano e nos bastidores da Cúria Romana.

John decidiu assistir à entrevista principalmente porque o monsenhor Bourjois estava falando justamente sobre um assunto que interessava diretamente à tese que iria defender sobre a influência da fé na vida das pessoas. E, mais ainda, pelo fato de o clérigo ter mencionado o “Dia do Senhor” – não o domingo, dia reservado para o descanso do cristão e adoração ao Senhor, mas aquele fatídico momento na história humana descrito no Antigo Testamento quando deverão suceder terríveis acontecimentos no mundo. Será o tempo em que Deus mostrará toda sua ira contra aqueles que não seguiram seus mandamentos.

Pensando friamente, como pesquisador e historiador, John não conseguia admitir essa história. Não lhe era possível aceitar que Deus, sendo Infinito Amor, tivesse qualquer tipo de ira. Porém, era dessa forma que as Sagradas Escrituras diziam e era dessa maneira que os crentes acreditavam ser. Portanto, também com a mente cética de um cientista, era-lhe forçoso aceitar que essa fé de alguma forma influenciava no dia-a-dia das pessoas, alterando-lhes pensamentos e comportamentos. O temor do “castigo eterno” era realmente algo a se considerar.

– E quando esse dia chegar, não haverá quem possa se esconder; nem haverá meios eficazes para fugir com segurança. Todos serão julgados com rigor. Os salvos serão aqueles que se converteram ao catolicismo, a verdadeira igreja cristã, erigida sobre a pedra principal que foi São Pedro. – Disse Dom Bourjois para o entrevistador.

– E quando será esse dia, Monsenhor? – perguntou este – Será possível ao menos supor uma data?

– Há muitas suposições – respondeu Bourjois – Até os Maias imaginaram uma data, que vimos nada aconteceu. O grande físico,

Isaac Newton fez uma previsão, baseada em cálculos matemáticos e com uma interpretação esotérica das escrituras sagradas, em especial os textos de Daniel e do Apocalipse. Mas nada disso pode ser levado em conta com seriedade. O Grande Dia do Senhor ou a Grande Tribulação é de conhecimento apenas do Pai. Nem mesmo o Filho tem essa informação.

John não pôde deixar de sorrir. Como esse Monsenhor se podia dar o direito de falar com tanta prepotência? Como ele podia afirmar que nem o Filho tinha esse conhecimento, uma vez que as Três Pessoas da Santíssima Trindade eram uma só, exatamente isso constituindo um dos pilares da fé católica? Se as Três Pessoas formam um único Deus, como pode um saber de algo que o outro desconhece?

Nesse exato momento, num volume bem acima ao da televisão, o professor voltou a escutar alguém chamando-o pelo nome: “John!”

Pareceu-lhe que a voz vinha da cozinha e ergueu-se da poltrona para ir verificar.

Não chegou a dar dois passos e sentiu uma fortíssima dor de cabeça. Parecia-lhe ter uma prensa Morsa apertando-lhe as têmporas. Caiu. Percebeu que não perdera os sentidos, apenas suas pernas tinham ficado moles como se fossem feitas de gelatina. Com a ajuda dos braços, rastejando pelo chão, alcançou o telefone e ligou para a emergência. Aliviado, viu que não havia comprometimento da fala, pois conseguiu dizer o que tinha acontecido e dar o seu endereço.

– Parece que estou bem – disse à telefonista – Mas pode ser um acidente vascular cerebral... Venham depressa!

Cerca de vinte minutos depois, os paramédicos já o estavam transportando para o hospital.

Ainda na ambulância, a caminho do hospital, John ouviu aquela mesma voz que o chamara, dizendo:

– *“Quando o Destruidor estiver onde não deve estar, saiam todos do litoral.”*

Os médicos fizeram-no passar por uma extensa bateria de exames, inclusive exames de tomografia computadorizada do cérebro e ressonância magnética. Nada foi detectado. E não se soube dizer a causa das dores de cabeça que tanto perturbavam o professor.

– Por um tempo você deve ter espasmos arteriais mínimos – disse-lhe o neurologista – Tem de continuar a tomar remédios e estar atento. Se tiver dores muito fortes, tonturas ou perder a consciência tem de se internar.

Mais uma vez, John sorriu intimamente e pensou:

– *Mas que idiotice! Como vou poder me internar se estiver inconsciente? Tive sorte, desta vez de não ter simplesmente “apagado”... O mesmo pode não acontecer numa outra ocasião! E se isso ocorrer enquanto eu estiver dirigindo?*

Ficou em repouso, seguindo fielmente as recomendações médicas, por uma semana e, quando voltou à Universidade, estava se sentindo perfeitamente bem, até mesmo ansioso para retomar sua rotina de trabalho. Contudo, continuava tendo as crises de cefaléia e a insônia, mas na verdade, já estava até acostumado com isso.



CAPÍTULO

II

Claro, por ser uma pessoa muito querida – além de todos respeitarem-no por sua competência – sua ausência por uma semana foi sentida e ele teve de dar muitas explicações para seus colegas. Porém, omitiu ter escutado aquela voz chamando-o e, depois, dizendo-lhe aquela frase misteriosa que o deixara bastante impressionado.

Já no final do expediente, um amigo mais chegado, Bernard Fry, assistente do Departamento de Botânica, convidou-o para um café e, durante a conversa que tiveram, disse-lhe que estavam pesquisando uma planta amazônica que apresentava propriedades terapêuticas incríveis.

– Uma dessas propriedades é a capacidade de analgesia – disse-lhe o botânico – e uma incrível ação antidepressiva.

– Tenho dores de cabeça muito fortes – retrucou John – Mas não creio que seja depressivo...

– Uma das primeiras manifestações de muitos quadros depressivos é a insônia – falou o amigo – E você já me disse que tem muita dificuldade para adormecer.

– Isso é verdade – admitiu John – Mas daí a achar que esteja depressivo...

– Você pode não perceber – insistiu o botânico – Aliás, o mais comum é justamente isso. A pessoa que está entrando num quadro de depressão, até mesmo inconscientemente, se recusa a aceitar as evidências.

Pedindo mais uma xícara de café, ele esboçou um sorriso e falou:

– Não lhe fará mal algum experimentar...

John refletiu por um breve instante. Sabia que poderia confiar. Aquele cientista jamais haveria de convidá-lo para ser “cobaia” numa experiência de resultados duvidosos. Muito menos perigosos...

– Está bem – disse John sorrindo – Serei sua “cobaia”. Quando começamos o tratamento?

– Já, se estiver disposto – respondeu o amigo – Não implica em nada além de tomar um chá, de sabor até bem agradável.

– Que chá é esse? – quis saber John – Não vá me fazer tomar...

– Não se preocupe – interrompeu o outro – Não há nada de perigoso, nojento ou mesmo ilegal... É apenas um chá feito com algumas ervas que vêm do norte do Brasil, da Amazônia, uma receita indígena que estamos aperfeiçoando. Pudemos perceber que essas ervas possuem uma acentuada ação analgésica e, ao mesmo tempo, antidepressiva. Como a dor, via de regra, leva a um estado de depressão...

– Vocês estão achando que a ação antidepressiva potencializará a ação analgésica – completou John.

– Exatamente! – exclamou Bernard – E já é sabido que as enxaquecas são das causas mais importantes nos quadros de depressão, ansiedade e síndrome do pânico.

Erguendo os ombros e esboçando um sorriso, John falou:

– Então, estamos prestes a fazer uma experiência terapêutica que, segundo o que você me disse, é absolutamente segura... Ou será que devo ligar para o meu corretor de seguros?

– Pode acreditar que não será necessário, John – garantiu Bernard, rindo – Como eu lhe falei, é apenas um chá. Uma espécie de infusão de ervas, só que realmente eficaz. Venha ao meu laboratório

hoje, após o expediente. E passe o dia normalmente, não faça nada de diferente de sua rotina habitual.



John foi ao encontro de Bernard no laboratório, assim que o expediente se encerrou, às seis horas da tarde.

O botânico levou o amigo para uma confortável sala anexa ao laboratório e, depois de um médico medir sua pressão arterial, temperatura, ritmo cardíaco, frequência respiratória e de lhe fazer algumas perguntas, serviu-lhe uma xícara de chá.

– É bom – aprovou John – O perfume e o sabor lembram bastante o chá de hortelã, talvez apenas um pouco mais amargo.

– Não tem nada de hortelã ou de menta – falou Bernard – Esse gosto é da própria erva.

– E que erva é essa? – quis saber John.

– Na verdade é uma mistura de ervas – respondeu o botânico – Algumas ervas, a seiva de uma árvore e alguns cogumelos muito especiais. Os índios de certa tribo da Amazônia brasileira usam essa mistura em rituais xamânicos. Nossos pesquisadores notaram que, depois de ingerir esse chá, os pajés perdiam completamente a noção de dor, chegando a se cortar, queimar ou inserir lascas de madeira sob a pele, sem nada sentir. Daí a experimentarmos a ação com outros tipos de dor, dores não traumáticas, foi um passo e, até agora, um sucesso.

– E não aconteceram reações adversas? – perguntou John, sem conseguir esconder uma expressão preocupada.

– Nada foi relatado – respondeu Bernard – Houve, é verdade, alguns pacientes que relataram sonhos mais nítidos. Todos foram sonhos agradáveis, nenhum pesadelo ou desconforto de qualquer espécie.

– Bem... – murmurou John – Como eu não consigo dormir, não terei sonhos...

– Pois acho que está enganado. Acho que vai dormir, e muito bem. Como eu lhe falei, a capacidade de analgesia desse chá deverá eliminar a dor e, com isso, uma porção importante da ansiedade. Você conseguirá dormir.

Com expressão de quem pede desculpas, Bernard acrescentou:

– Como parte da experiência, você terá de dormir aqui. Precisamos monitorar seu sono, compreenda. Temos um apartamento adaptado para isso e, se quiser, podemos acompanhá-lo até sua casa para você apanhar algumas coisas de que possa necessitar.

– Não preciso de nada – afirmou John – Tenho tudo o que preciso em minha sala, até mesmo várias mudas de roupas. O trabalho, muitas vezes me obriga a “virar a noite” aqui na Universidade...

John foi levado para o apartamento a que se referira Bernard, que ficou lhe fazendo companhia por um espaço de aproximadamente duas horas.

Conversaram sobre vários assuntos, a maior parte deles relacionada com a política dentro da própria Universidade, pois estavam em época de eleição do novo reitor e dos membros do conselho diretor, aqueles que efetivamente tomam as decisões sobre captação de verbas e distribuição pelos diversos departamentos.

E os dois professores, cada um de seu lado, discordavam da maneira como essas verbas estavam sendo administradas e distribuídas.

– O Departamento de Botânica, assim como a Faculdade de Biologia, necessita de mais verbas – falou Bernard – Temos muitas pesquisas paralisadas por falta de equipamentos e de recursos...

– E nós, na Faculdade de História, sempre somos relegados a um segundo plano – queixou-se John – Especialmente a minha disciplina, História das Religiões, uma vez que a atual Reitoria, notadamente agnóstica, julga perda de tempo e dispersão de recursos investir em pesquisas nesse campo.

Passaria um pouco de dez horas da noite quando John falou que estava sentindo um pouco de sono.

– Estou admirado. A dor de cabeça que estava me perturbando desde a manhã, passou completamente – acrescentou o professor com satisfação.

– Esses dois sintomas já eram esperados – disse Bernard – Agora, precisamos ver como você se comportará durante a noite e durante os próximos dias. A experiência está programada para durar cinco dias...

– O que vocês estão esperando que aconteça? – indagou John, curioso e sem esconder uma ponta de preocupação.

– Achamos que, em primeiro lugar, você dormirá bem. Em segundo, essas cefaléias deverão desaparecer. E, em terceiro, achamos que você poderá ter sonhos...

– Pesadelos? – perguntou John, apesar do amigo já ter dito que seria mínima essa possibilidade.

– Como lhe falei – respondeu Bernard – não creio que venha a ter pesadelos. Mas os pesquisadores que descobriram estas ervas lá na Amazônia, relataram que um dos seus efeitos seria a abertura da *terceira visão*, principalmente pela ação da espécie *Banisteriopsis caapi*, também conhecida por cipó dos mortos ou cipó dos espíritos. Isto significa que a sua sensorialidade pode vir a ser exacerbada e

você poderá ter sonhos um tanto quanto estranhos, como premonições ou visões astrais, isto é, visões de outra dimensão de vida.

John ergueu os ombros em sinal de resignação e murmurou:

– Bem... Estou sem dor. Há muito não tinha essa deliciosa sensação de não ter dor de cabeça. Da mesma maneira que há muito não sentia sono. Se o preço que terei de pagar é ter alguns sonhos esquisitos, não faz mal.

Bernard acompanhou o professor até a cama, instalou pessoalmente os eletrodos que monitorariam seu coração e pressão arterial e conferiu as micro câmeras de vigilância, dizendo:

– Temos uma campainha que soará para despertá-lo, caso venha a apresentar agitação e indícios de que esteja tendo pesadelos. Meu interesse é que você tenha o melhor conforto possível.

– Conforto mesmo eu teria se tivesse a companhia de Camilla Belle. – Falou John para descontrair o amigo, mas este não sabia de quem ele falava.

– A Evolet do filme 10.000 AC. Assisti umas cinco vezes.

– Ah, claro... Mas isso é uma pesquisa científica, não é enredo hollywoodiano...

John esboçou um sorriso e, menos de cinco minutos depois, quando Bernard deixou o quarto, ele já estava dormindo profundamente.



CAPÍTULO

III

Ao contrário do que vinha ocorrendo havia anos, John dormiu profundamente e sem nenhuma dor de cabeça.

Teve um sonho, bastante estranho principalmente por conseguir lembrar-se nitidamente do mesmo, em que um homem esguio e de aspecto angelical, aparecendo-lhe envolta numa aura luminosa, dizia: “*John, escute o profeta. Quando o Destruidor estiver onde não deve estar, saiam todos do litoral.*”. A frase era repetida várias vezes e intercalada com cenas de catástrofes da Natureza, em especial tsunamis amedrontadores que invadiam litoral adentro e arrasavam milhares de pessoas para o mar quando as ondas retornavam. Prédios desabavam e vulcões expeliam lava incandescente em todas as direções. O nível do mar subia rapidamente surpreendendo a população das metrópoles que se refugiavam no terraço dos prédios.

Ao acordar, John ficou muito impressionado com o sonho, tanto quanto intrigado com as palavras repetidas que ainda ecoavam na sua mente: “Quando o Destruidor estiver onde não deve estar, saiam todos do litoral.”.

Que profeta era? O que significava esse tal “Destruidor”? Depois de muito se esforçar em busca de algo que explicasse o sonho, lembrou-se do noticiário televisivo do dia anterior que mostrava os acontecimentos catastróficos que se passavam pelo mundo. Talvez isso explicasse o pesadelo, mas não justificava as misteriosas palavras que ele lembrava claramente.

Quando Bernard veio para lhe perguntar como passara a noite, John contou-lhe a respeito do sonho e o botânico disse:

– De fato, o monitoramento de seu sono mostrou uma agitação um pouco fora do normal por volta de três horas da madrugada. Deve ter sido quando você teve esse sonho, e a anormalidade não durou mais do que 45 segundos...

Era um tempo bem curto, embora John tivesse a sensação de ter vivido a experiência por cerca de uma hora.

– *É uma mensagem, não tenho dúvidas quanto a isso – pensou o professor – Mas o que significa? E o engraçado é que eu tenho a sensação de já ter escutado ou lido isso em algum lugar...*

– Está disposto a dar continuidade ao experimento? – indagou Bernard, sem conseguir esconder a ansiedade – Ainda precisamos avaliar mais alguns pontos...

John aquiesceu com um sinal de cabeça e Bernard falou:

– Se quiser chamar sua namorada...

Dando um sorriso, o botânico acrescentou:

– Seria interessante avaliar seu comportamento quando em companhia de alguém que, de fato, mexa com seus sentimentos.

John deixou escapar uma gargalhada e disse:

– Há um problema, Bernard... Carolina me deixou há quase um mês. Não tenho ninguém, atualmente.

Bernard não disfarçou uma expressão de frustração e murmurou:

– Pena... Pena por todos os motivos: por você ter sido abandonado e pelo experimento em si, que ficaria muito mais rico...

Conversaram por mais alguns minutos, tomaram juntos o desjejum – John salientou ao amigo que fazia tempo muito tempo não tinha tanto apetite pela manhã – e cada um retornou à sua rotina, John sentindo-se muito feliz e bem humorado por não estar mais com aquela terrível dor de cabeça.

Bernard, por sua vez, tinha um problema que queria, a todo custo, resolver: no plano da experiência que estava realizando com John, havia pelo menos uma avaliação de sociabilidade e de relacionamento interpessoal. E ele precisava encontrar uma maneira de fazer com que sua “cobaia” acabasse por fornecer os dados necessitava.

No trajeto até seu laboratório, encontrou-se com uma amiga, assistente do Departamento de Psicologia Aplicada e que também estava participando dos experimentos com aquele chá, Christine Bell, e contou-lhe sobre essa preocupação.

Christine, muito séria, disse:

– Pois acho que você deve aproveitar enquanto o professor John está em sala de aula para deixar tudo preparado, lá no apartamento.

– Mas não vai adiantar nada! – protestou Bernard – John está sozinho, sem namorada! Carolina não está mais com ele! Para a experiência retornar dados válidos, para haver credibilidade nos resultados que seriam obtidos, seria necessário existir empatia entre John e a mulher... Portanto, não pode ser qualquer uma!

– Você não pode afirmar isso – objetou Christine – Essa empatia pode não ser tão profunda quanto existiria em relação a uma namorada... Mas pode ocorrer. E nunca se sabe o que poderá acontecer logo mais à noite, não acha?

Bernard fez uma expressão de dúvida e Christine completou:

– Não vamos desperdiçar nenhuma oportunidade, Bernard... Prepare tudo e vamos contar com o inesperado. Tudo pode acontecer, nunca se esqueça disso.

Ainda duvidando, o pesquisador seguiu a recomendação da psicóloga e mandou que o apartamento fosse preparado. Depois do almoço, os dois amigos se encontraram.

– Vamos conversar um pouco – falou Bernard – talvez você até receba uma visita hoje, depois do jantar. Precisamos ver como está

o seu modo de relacionamento com as pessoas, a sua sociabilização sob os efeitos desse chá.

– Não acho que tenha acontecido qualquer mudança – ponderou John – Fora o fato de eu estar me sentindo muito feliz por não ter cefaléias e por estar descansado, uma vez que consegui dormir, não senti nenhuma diferença... Pelo menos, as reações das pessoas com quem tive contato durante toda a manhã não me mostraram nada de anormal ou mesmo de diferente.

– Não é verdade – contradisse Bernard – Eu tenho a impressão que você está mais solto, muito mais à vontade... Mais simpático, mais aberto e mais acessível.

– Pode ser – admitiu John – Como estou sem dor, devo mesmo estar com um humor bem melhor... E, no trabalho, acho que estou rendendo muito mais!

Esboçou um sorriso e acrescentou:

– Mas seria mesmo de esperar, uma vez que, sem dor e repousado, a tendência é melhorar o rendimento de um modo geral...



O restante do dia transcorreu normalmente, John muito satisfeito por não ter sentido, em momento algum, as dores de cabeça que sempre o atazanavam.

No final do expediente, Bernard chamou-o ao telefone:

– Venha até meu laboratório, John... Está na hora de seu chá.

Até um pouco ansioso, John atendeu o convite do amigo. Não estava disposto a deixar passar a oportunidade de ter mais 24 horas de bem estar, sem cefaléias e com uma boa noite de sono.

– *Se o preço disso é apenas tomar uma xícara de chá...* – pensou ele, dirigindo-se para o laboratório do Instituto de Farmacologia.

Servindo-lhe o chá, Bernard disse:

– Como eu lhe falei, hoje você terá visitas. Iremos ao apartamento da experiência, talvez umas quatro pessoas, para fazermos uma avaliação de seu comportamento em vida social.

– Mas se você já está me avisando que vão fazer essa avaliação e que a visita tem esse objetivo, não acha que os resultados serão falseados, mesmo que involuntariamente pela expectativa do encontro social?

– Acho que não devemos nos preocupar com isso. O Departamento de Psicologia Aplicada já estabeleceu fatores de correção para esse tipo de acontecimento. Os resultados que obtivermos dessa avaliação serão devidamente filtrados e serão totalmente fidedignos.

John ergueu os ombros num gesto de resignação e, nesse momento, Christine Bell aproximou-se, dizendo:

– Bernard tem razão, John. Vamos conseguir uma avaliação bastante fiel. E em todos os aspectos.

John sorriu, cumprimentou a psicóloga que, com um trejeito coquete, acrescentou:

– Eu organizei pessoalmente os critérios de filtragem... E estarei pessoalmente no apartamento para conferir os resultados.

– Pois será um prazer – assegurou o professor.

Christine era uma belíssima mulher, alta, loura, com um corpo escultural e um rosto de fazer inveja a muitas atrizes de Hollywood. Com olhos muito azuis, lábios carnudos e sensuais, ela era daquelas

capazes de chamar a atenção de qualquer homem ou de fazer um monge pecar com os próprios pensamentos.

– Pois está aí mais um bom ponto de avaliação comportamental – disse Christine com um sorriso maroto.

E completou:

– Chegarei mais cedo, antes dos outros... Já avisei ao Bernard que serei a responsável pelo jantar.

– Nesse caso – falou John – cozinharemos juntos. Não sei se sabia, mas a culinária é o meu hobby secreto...



Passava um pouco de sete horas da noite quando Christine chegou trazendo uma grande sacola de compras.

– Imaginei que você gostasse de frutos do mar – disse ela – Por isso, trouxe algumas coisas para fazermos juntos um prato que aprendi numa de minhas viagens ao Brasil.

– Gosto e muito! – exclamou John – Quando estive por lá, dois anos atrás, para participar de uma festa literária numa cidade histórica chamada Paraty, provei um ensopado de frutos do mar maravilhoso... Chamam-no de “caldeirada”.

– Pois é exatamente isso que tenciono preparar! – retrucou Christine com um sorriso.

John ajudou-a com as compras e acrescentou, sem esconder uma ponta de malícia:

– Contaram-me que esse prato é bastante afrodisíaco...

– E deve ser – replicou a mulher – Os frutos do mar o são, por natureza. E com a mistura de tantos ingredientes, o resultado só pode mesmo ser estimulante!

Nesse instante tocou o telefone celular e Christine atendeu.

John, ocupado com os ingredientes do que iriam preparar, nem prestou muita atenção, mas mesmo assim, escutou Christine responder:

– Pois é uma pena... Vamos preparar um ensopado de peixes e frutos do mar que é uma delícia.

E, despedindo-se, ela arrematou:

– Sim... Ficaré para a próxima. Até amanhã!

Desligou e, voltando-se para John, explicou:

– Era o Bernard... Ele e mais duas pessoas viriam para o jantar, mas um problema com uma experiência prendeu-os ao laboratório. Jantaremos sozinhos...

John teve de se conter para não dizer um “Ótimo! Prefiro mil vezes estar sozinho com você do que ter a companhia de um barbudo e mais duas pessoas que nem desconfio quem sejam...”.

Começando a picar uma cebola, Christine disse:

– Aprendi, lá no Brasil, que é muito importante a maneira de picar a cebola. Nós temos o hábito de bater a faca na cebola. Eles cortam-na. E faz sentido: batendo a faca, sempre fazemos perder um pouco do sumo... O mesmo tem de ser feito com o alho e com a salsinha e o coentro... Temos de cortar e não esmagar.

Pôs a caçarola no fogo, forrou o fundo com azeite virgem de oliva e pôs a cebola e o alho já picados.

– Vamos deixar dourar o alho. A cebola tem de ficar apenas transparente. Não pode queimar, senão dá um gosto amargo.

Mostrou para John as postas de peixe já sem a pele, e enquanto mexia a panela com a ajuda de uma colher de silicone, disse-lhe para

ir pondo as postas com cuidado. Deixou-as fritar um pouco de cada lado e acrescentou os tomates que, a seu pedido, John tinha cortado em pedaços pequenos. Tampou o caldeirão e falou:

– Agora, vamos deixar que o tomate solte um pouco de sua água, enquanto limpamos e cortamos um pimentão para acrescentar.

Cortou o pimentão em tiras e colocou-o no caldeirão. Temperou um pouco mais com sal, orégano e um punhado generoso de pimenta-do-reino, dizendo:

– Exagerar neste tipo de pimenta vai tornar o prato deliciosamente especial – falou a moça com um discreto sorriso e pensando nos efeitos afrodisíacos do refogado.

Enquanto a caçarola fervia desprendendo um aroma delicioso, Christine pegou as vieiras e os mariscos, lavou-os bem depois de lhes dar um banho com suco de limão e colocou-os lá dentro.

– É muito importante que, daqui em diante, mexa-se com muito cuidado e delicadeza o conteúdo do caldeirão, caso contrário, vamos desmanchar completamente o peixe... – aconselhou.

Enxaguou bem os camarões – médios para grandes, previamente descascados e devidamente limpos – assim como as lulas, já limpas e picadas, e disse:

– Isto nós vamos pôr no finalzinho do cozimento. Não devem ferver por mais de cinco minutos, senão ficam borrachosos e duros. Da mesma forma, o leite de coco e o azeite de dendê só podem ser postos quando tudo terminar, não devem ferver.

– Incrível você ter conseguido todos esses ingredientes – ponderou John.

– Estamos em Nova York, John... Aqui se pode encontrar de tudo, em termos de gastronomia. E na 47 Street você acha qualquer produto brasileiro.

John meneou afirmativamente a cabeça e apanhou na geladeira uma garrafa de vinho branco – um Chablis – e dois cálices, dizendo:

– Creio que podemos tomar um vinho, não acha?

E, com uma expressão preocupada no rosto, perguntou para a moça:

– Será que não vai interferir com esse chá?

Christine sorriu e respondeu, com segurança:

– Não. Segundo o que li no relatório dos descobridores dessa tisana, os xamãs – seria melhor dizer pajés, como são conhecidos na cultura indígena brasileira – estavam tomando esse chá com uma bebida alcoólica fermentada feita com mandioca crua e mascada pelos próprios índios.

John serviu os dois cálices e Christine, erguendo o seu num brinde, falou:

– A esta amizade que está nascendo, John!

– E ao fato de eu estar sem qualquer dor de cabeça... A este chá miraculoso!

Enquanto a caldeirada apurava em fogo lento, os dois foram para a sala e sentaram-se no sofá.

– E fora o fato de estar sem a sua enxaqueca, você está sentindo alguma coisa? – indagou Christine.

– Estou me sentindo bem... Alegre, até mesmo um pouco eufórico – respondeu John.

A mulher se aproximou um pouco mais e, tocando o braço de John numa carícia, insistiu:

– Mas só isso? Alegria e euforia?

John sentiu um arrepio a lhe percorrer todo o corpo e, um tanto quanto encabulado, respondeu:

– Bem... Tenho a impressão que a minha sensibilidade cutânea está mais exacerbada. E posso dizer que é uma sensação bem agradável.

– Os bioquímicos que estão estudando aprofundada e criteriosamente cada uma das ervas que compõem esse chá disseram-me que pelo menos duas delas têm ação muito semelhante à produzida pelo *Ecstasy*, só que sem quaisquer efeitos colaterais ou perigo – falou Christine – e, para os homens, funciona melhor que o *Viagra*.

– Se isso se confirmar, será uma descoberta sensacional – ponderou John.

E, esboçando um sorriso, acrescentou:

– Então é por isso que o Bernard se mostrou tão interessado em que eu convidasse a Carolina...

– É verdade... – admitiu Christine – E eu também estou muito interessada nos resultados desse experimento. Já pensou quanto poderá render a patente dessa fórmula?

Fez uma carícia no pescoço de John e completou:

– A Universidade conseguiria verbas significativas para novas experiências e nós ganharíamos uma verdadeira fortuna...

Novamente John sentiu o corpo todo se arrepiar e, ao seu ouvido, Christina sussurrou:

– Eu também tomei o chá, hoje... E nunca tive dores de cabeça ou insônia...

– Então – murmurou John – o seu interesse em se auto administrar o chá é...

– Exatamente – disse ela – Quero confirmar essa ação...

Não terminou a frase e beijando os lábios de John e arrematou:

– Portanto... Vamos aproveitar! Não sei você, mas eu estou sentindo uma sensação incrível!

Sem parar de beijar os lábios ansiosos de Christine, John levou-a para a cama.

– Parece que esse chá tem mesmo uma ação excitante – disse ela, com um sorriso.

- Com você, não preciso de nenhum recurso para ficar... animado!
– rebateu John – Você é incrível!



Acordaram pelo meio da manhã com a gritaria que alguns alunos faziam no corredor do alojamento. Ambos sentiam-se muito bem e com uma profunda sensação de paz e contentamento. John conseguira dormir profundamente e, como disse para Christine, desde que começara a tomar o tal chá, não mais tivera o menor sinal da enxaqueca.

– Só espero que isso não me obrigue a usar constantemente esse chá... – murmurou ele – E que não me veja com a necessidade de ir aumentando a quantidade ingerida!

– Não creio que isso venha a acontecer – replicou a pesquisadora – Na verdade, acho que a próxima fase de testes será avaliarmos a reação do seu organismo com a redução da dose do medicamento.

O dia transcorreu normalmente e à noite o casal dividiu o mesmo apartamento da experiência. Todavia, ao contrário do que acontecera na noite anterior, quando John, exausto, praticamente desmaiara na cama sem nenhuma experiência onírica, desta vez ele sonhou.

Primeiro, ouviu uma voz metálica muito alta repetir o alerta enigmático que ele já tinha escutado: “*Quando o Destruidor estiver onde não deve estar, saiam todos do litoral.*”. Depois disso, tudo ficou escuro e aos poucos foi clareando até John perceber que estava numa cidade totalmente destruída. Viu pessoas mortas se levantarem como os zumbis dos filmes de terror e se encaminharem para uma

escada que se elevava muito alto. Ao chegar no topo, elas se jogavam mas não caíam no chão, eram puxadas para o alto até desaparecer no espaço.

John ficou olhando para o céu estrelado tentando achar onde estariam aqueles mortos-vivos quando notou uma estrela avermelhada que parecia aumentar de tamanho. Ficou olhando e percebeu que estava em movimento acelerado até parar no firmamento. Era um corpo celeste esférico vermelho do tamanho da lua cheia e de aspecto incandescente lembrando uma lava vulcânica. Por algum tempo, ficou estático olhando aquele corpo celeste amedrontador até notar que os zumbis que caíam do topo da escada eram atraídos para este astro.

E a mesma voz metálica, acrescentou:

– O Grande Dia do Senhor se aproxima e com ele muita amargura para as nações!

John despertou um tanto quanto sobressaltado. Deixando Christine ressonando tranquilamente, levantou-se e pegou o celular na pasta para ligar para Bernard.

– O que aconteceu? – perguntou-lhe o amigo, preocupado – Vai desistir do experimento? Sentiu-se mal?

– Não é nada disso – respondeu John deixando transparecer certa preocupação – Tive outro sonho muito estranho...

Após contar o sonho, Bernard falou:

– Este efeito colateral na forma de pesadelos foi previsto pela equipe do projeto, como eu já tinha lhe falado. No entanto, acho prudente que você fique uns três dias sem tomar o chá e vamos observar seu estado clínico. Durante o dia conversamos mais a respeito disso.

John desligou o celular e viu Christine sentada na cama observando-o. Ela sorriu e disse:

– Teve um pesadelo amor? – falou a moça sorrindo enquanto John se aproximava para beijá-la.

– Tive sim. Começou após eu tomar o chá de vocês... Bernard disse para interromper por três dias.

– Ele tem razão. Vamos acompanhar como você vai reagir a partir de agora sem o chá. Eu não sabia que você estava tendo pesadelos...

– Na primeira noite que experimentei o chá também tive outro sonho muito esquisito. Sonhei com destruições apocalípticas e um ser diferente, porém belo, que parecia homem, mas com alguns traços femininos. Ele dizia a mesma frase que venho escutando desde então: “Quando o Destruidor estiver onde não deve estar, saiam todos do litoral.”.

– Isto parece um aviso de que algo de muito grave está para acontecer. Parece coisa de Apocalipse e fim de mundo. Você não estudou sobre isso?

– Estudei, mas não me aprofundei nesta matéria, pois as profecias costumam ser muito enigmáticas e abrangentes. Mas uma coisa é certa: em várias partes da Bíblia encontramos referências a uma grande tribulação para toda humanidade no futuro. No antigo Testamento, os profetas hebreus falavam de um grande acontecimento chamado Ira de Deus, Dia do Senhor, Angústia de Jacó, etc. Podemos encontrar nomes diversos para um mesmo acontecimento futuro. Jesus também previu este evento apocalíptico quando disse que o sol escurecerá, a lua não dará luz e as estrelas cairão do céu.

– Quando isso acontecer será o fim do mundo... – murmurou a moça preocupada.

– É mesmo, será terrível. Aliás, a idéia de fim de mundo tem respaldo até no Evangelho. Se não estou enganado, no livro de Mateus, capítulo 24, versículo 14, Jesus teria dito aos discípulos: “Este evangelho do reino será pregado em todo mundo e então virá

o fim.” Por isso que desde o início do cristianismo se acreditou no fim do mundo, embora possamos dar outro sentido a estas palavras.

– Que sentido? – falou a moça interessada?

– Não acredito que o fim do mundo represente a aniquilação total do planeta e o desaparecimento da raça humana, que é a crença comum, mas eu entendo como o fim deste mundo de violência, guerra, doenças, tristezas, pobreza, etc. E este fim deverá ter início com um evento extraordinário profetizado por Jesus. Ele disse que no futuro haveria uma aflição tão grande que nunca havia ocorrido desde a criação e que se Deus não abreviasse esses dias que virão nenhuma pessoa sobreviveria. ¹

Christine estava admirada com a explicação de John. Nunca ninguém tinha lhe dado um entendimento tão simples e claro de qualquer passagem da Bíblia. Assuntos de religião não lhe atraía, mas, apesar disso, estava gostando de conversar com John.

Continuaram conversando por mais alguns minutos sobre profecias até Christine olhar o despertador e ver que faltava meia hora para sua aula.

– Precisamos levantar. Eu tenho que dar aula e você também – falou a moça dando um pulo da cama e correndo para o chuveiro.



Como não precisava tomar o chá da experiência, na noite seguinte John preferiu dormir em casa e convidou Christine para ir

1: Mateus 24:21-22 e Marcos 13:19-20

com ele, pois ela morava sozinha no alojamento da Universidade. Após o término das aulas daquele dia, ele passou pela biblioteca e pegou vários livros sobre profecias. Chegando em casa, John deixou Christine à vontade como se estivesse na sua própria casa e logo pegou alguns livros para folhear. Depois, começou a pesquisar, na Bíblia, as profecias do Antigo Testamento, em especial os textos de Daniel e Ezequiel, juntamente com o mais enigmático de todos os livros proféticos: o Apocalipse. Também reuniu as Centúrias de Nostradamus, cópias dos manuscritos proféticos de Isaac Newton, as leituras premonitórias de Edgar Cayce, entre outros materiais que tentavam desvendar os acontecimentos futuros que marcariam a História da humanidade.

Certamente ali, em algum daqueles livros espalhados pela mesa, ele encontraria alguma pista que pudesse entender a mensagem transmitida em sonho e que ainda estava bem viva na sua mente. Ele estava certo que tanto a mensagem e as cenas apavorantes do sonho, quanto as catástrofes que estavam acontecendo em todo o mundo por aqueles dias tinham alguma relação com o Juízo Final.

Christine não quis atrapalhá-lo e deixou-o mergulhado em suas pesquisas, dizendo-lhe apenas que, quando estivesse cansado, que fosse para a cama, pois ela estaria à sua espera.

John entendeu perfeitamente o que ela quis dizer, deu-lhe um beijo e disse para não esperá-lo, pois precisava descobrir uma explicação para seus sonhos.

Ficou estudando até quase quatro horas da manhã, quando sentiu a visão ficar turva. Ele jamais pôde dizer se foi outro sonho, ou se realmente teve uma visão sobrenatural, uma espécie de desdobramento da alma, como diriam os esotéricos.

O fato é que ao lado dele apareceu um ser iluminado pedindo-lhe para calcular o “tempo do profeta” e aí encontraria o dia do

Juízo Final e apontou para a Bíblia que estava aberta na mesa entre outros livros. John pegou o livro e começou a ler a página que estava à mostra. Era o capítulo 12 de Daniel. Ao terminar de ler o versículo 10, o anjo falou: “Preste atenção.” Leu os versículos 11 e 12 que diziam: *“Desde o tempo em que o sacrifício contínuo for tirado e posta a abominação desoladora, haverá mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias.”*

A visão tornou a ficar turva e após sentir um calafrio, John despertou como se tivesse cochilado por alguns segundos. Olhou para os lados e não havia ninguém na sala, então pensou:

– Se a visão mandou calcular o tempo, então é porque os dias devem ser somados. Se na simbologia profética da Bíblia dias significam anos, logo o tempo da profecia só pode ser 1290 anos mais 1335 anos, sendo igual a 2625 anos. Mas a partir de quando? – ponderou.

Ele estava muito cansado para continuar pesquisando sobre o assunto e achou que o melhor que tinha a fazer era ir para a cama, ao lado de Christine, e deixar o entendimento das profecias para quando acordasse.



CAPÍTULO

IV

Ao acordar, lembrou-se da entrevista com Monsenhor Bourjois, que assistira dias antes, quando o clérigo mencionara claramente o Dia do Senhor. Talvez ele pudesse ajudá-lo a entender as profecias apocalípticas que, pela sua intuição, pareciam estar perto de se cumprirem, se fosse levado em conta a ocorrência de várias catástrofes em curto espaço de tempo.

– É isso! – exclamou ele – Se há alguém que pode ajudar-me a solucionar isso tudo é aquele Dom Octavius Bourjois!

Foi até o computador e digitou no Google “Ordem da Revelação”. O primeiro resultado que o mecanismo de busca retornou era exatamente o que procurava: o site da ordem religiosa. Anotou o endereço e escreveu um bilhete para Christine, que ainda dormia, deixando na cabeceira da cama. Quis beijá-la de leve, mas desistiu para não acordá-la. Após admirar a beleza da professora por alguns segundos, saiu de casa.

Chamou um táxi e ordenou ao motorista que rumasse para a Abadia Fiore, sede da ordem religiosa e residência do monsenhor Bourjois.

Lá chegando, John teve a primeira surpresa: a abadia, diferentemente das casas paroquiais habitualmente modestas que estava acostumado a ver, servindo para abrigar o pároco num ambiente de simplicidade e de pura religiosidade, esta era suntuosa, grande, recheada de arte que inspirava luxo, chegando a parecer mais um

pequeno palácio do que um lugar onde deveria se prezar pela vida monástica.

Puxou uma corda que fez soar, no interior da verdadeira fortificação, um sino e logo um noviço veio atendê-lo.

– Preciso falar com o Monsenhor Bourjois – disse ele, após se apresentar – E com extrema urgência, pois é sobre um assunto que ele abordou na última entrevista que concedeu para a televisão...

O noviço convidou-o a entrar numa ampla sala e, dizendo que ia chamar o Monsenhor, deixou-o sozinho.

John estava um pouco perdido, extremamente surpreso com o luxo do ambiente, uma riqueza que no seu entender, não deveria primar numa casa paroquial. Ali ele podia ver inúmeras obras de arte que poderiam muito bem fazer parte do acervo de um museu, tais como pinturas renascentistas, esculturas, caras tapeçarias orientais, porcelanas de mais de mil anos de existência e livros. Muitos livros que, já pela lombada, podia adivinhar tratar-se das primeiras edições, raridades certamente avaliadas em verdadeiras fortunas.

Era difícil para John aceitar que um padre católico se prestasse a tanta ostentação. Para ele, a Igreja Católica tinha por obrigação fazer com que seus sacerdotes e representantes levassem uma vida simples, quase beirando a pobreza, mostrando assim que a preocupação era com o próximo e não com o próprio bem-estar e satisfação pessoal.

Depois de alguns minutos, Monsenhor Bourjois apareceu.

O professor ficou surpreso com a imagem do padre. Era um homem grande, com mais de um metro e oitenta de altura e podia-se notar que era dotado de uma formidável massa muscular. Estava vestido com um terno preto e por baixo um suéter marrom. Chamava a atenção o broche de ouro preso na lapela do casaco, uma insígnia vermelha formada pelo símbolo matemático que representa o infinito

(oito deitado) com um traço em baixo. Preso ao dedo anular esquerdo, um grande anel de ouro estampava o mesmo sinal feito com minúsculos rubis. Apesar do porte avantajado e da fisionomia austera, jamais alguém poderia imaginar que ali estava um dos mais ilustres e destacados clérigos da atualidade, um especialista reconhecido mundialmente nos assuntos referentes ao Apocalipse e à interpretação das palavras dos profetas.

Sem rodeios, o professor se apresentou e disse:

– Assisti a uma entrevista sua na TV recentemente e percebi que o senhor tem um amplo conhecimento sobre profecias bíblicas, em especial aquelas que anunciam um período de grande perturbação para a humanidade. Enfim, aquelas que falam do Dia do Senhor e da Ira de Deus.

O padre olhou com interesse para John e este prosseguiu:

– Assim como Isaac Newton, eu fiz alguns cálculos e acho que uma profecia de Daniel deve ser a chave para desvendar o mistério de quando será o Juízo Final da humanidade. Newton acreditava que seria em 2060, pois supôs que 1.260 anos se passariam entre a fundação do Sacro Império Romano por Carlos Magno, no ano 800, e o Apocalipse e o Fim dos Tempos. Entretanto, eu acho que ele, apesar de ter sido um grande cientista, estava errado. O Apocalipse pode estar mais perto do que imaginamos.

John pegou a Bíblia que estava em sua pasta e abriu onde havia deixado previamente marcado e leu:

– No capítulo 12 do livro de Daniel, versículos 11 e 12, está escrito: *“Desde o tempo em que o sacrificio contínuo for tirado, e posta a abominação desoladora, haverá mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias.”*

Fechou a Bíblia e continuou:

– Somados estes dois períodos o resultado é 2625 dias, que equivalem a 2625 anos, mas eu ainda não consegui descobrir a partir de quando. Newton pensou em algumas datas de início, como o ano 800, 607 ou 609 DC, mas não creio que seja algum destes anos.

O sorriso que bailava no rosto do monsenhor, e não escondia certa mofa ou mesmo desprezo até aquele instante, desapareceu.

Muito sério, o sacerdote indagou:

– Você comentou esse assunto com mais alguém?

– Não – respondeu John – Não falei com ninguém, o senhor é a primeira pessoa com quem comento esse assunto. Achei que poderia saber alguma coisa sobre profecias do fim dos tempos e me explicasse como entender estas profecias. Nos últimos dias eu tenho tido sonhos repetidos de catástrofes e alguém aparece no sonho querendo me alertar para o que está por acontecer, dizendo: “Quando o Destruidor estiver onde não deve estar, saiam todos do litoral.”. Eu não sei exatamente o que isto quer dizer, mas sinto que devo avisar às pessoas que algo de grave está para acontecer. Talvez, o apocalipse e o julgamento final estejam próximos.

Dom Octavius fez uma expressão de preocupação após ouvir John. Pensou que aquele jovem poderia descobrir muita coisa que convinha que ninguém soubesse. Um segredo que a Ordem da Revelação deveria guardar do conhecimento do mundo. Aliás, é curioso que uma ordem religiosa tenha esse nome se a verdadeira intensão é não revelar o que seria do interesse de todos.

– Pois fez muito bem, professor – disse o padre – Há certas coisas que a população não pode tomar conhecimento para que as pessoas não entrem em pânico. Por favor, espere aqui um instante, tenho de lhe mostrar alguns apontamentos que andei fazendo...

Ágil como um felino, Bourjois deixou a sala e, mais uma vez, John se encontrou sozinho, admirando as magníficas obras de arte que decoravam o local.

Apanhou numa estante, um exemplar de “A Divina Comédia” de Dante Alighieri e voltou a sentar, quase extasiado com a beleza do livro, não apenas pelo conteúdo – que já conhecia e gostava muito – mas principalmente pela qualidade estética daquela preciosa edição.

Embevecido com o que via – e podia tocar, ao contrário do que existia, pois a imensa maioria dos livros estava em formato de e-book, portanto eram virtuais – nem sequer notou o tempo passar e não se preocupou quando escutou o ruído do motor de um automóvel que parecia estar saindo da garagem da Casa Paroquial.

Depois de mais de meia hora, no instante em que estava terminando de folhear o livro, escutou a porta da sala sendo aberta e, imaginando que fosse Bourjois retornando, ergueu os olhos naquela direção.

Levou um susto. Não se tratava do monsenhor, mas sim de dois padres, estes usando batinas tradicionais, que rapidamente se aproximaram do professor e agarraram-no agressivamente.

John, porém, não era bem exatamente do tipo físico que praticamente estigmatiza os intelectuais, aquelas pessoas que vivem quase que somente para os estudos e cujos exercícios são 99% feitos com os miolos. O professor era, bem ao contrário, um homem extremamente preocupado com sua forma física – era adepto fervoroso do *mens sana in corpore sano* – e dono de respeitável força física e conhecimento em artes marciais.

Apesar de os dois padres serem homens bastante avantajados, John conseguiu se desvencilhar de ambos e, embora lhe causasse bastante espécie, pois sempre fora educado a respeitar os sacerdotes, viu-se obrigado a desferir um soco no rosto de um deles.

Porém, já pelo próprio respeito que dedicava aos padres, teve seu movimento parcialmente autobloqueado e, assim, não conseguiu nocautear seu oponente que, recuando três passos, sacou de uma das muitas dobras de sua batina, uma reluzente faca modelo *Bowie*.

Ao mesmo tempo, o outro padre apanhou de cima da lareira da biblioteca, uma espada japonesa, desembainhando-a e avançando para cima de John.

John possuía boas noções de *Ken-jutsu*, a principal arte marcial dos antigos *samurais*, e assim estava perfeitamente consciente de que, para se defender de um *katana*, não poderia ser com as mãos limpas. O ideal seria ter outra espada, mas isso não estava à vista. Num gesto desesperado, apanhou uma cadeira e ergueu-a, usando-a como uma espécie de escudo. Porém, sabia que aquilo era uma defesa insuficiente, uma vez que a afiadíssima espada destruiria sua defesa e, em poucos segundos, abriria sua cabeça ao meio, como se fosse uma abóbora...

Conseguiu defender-se de uma primeira investida e, quando o padre se preparava para lhe desferir um golpe na horizontal, visando atingi-lo na linha da cintura e que, se tentasse defender com o que lhe restava da cadeira, seria atingido no antebraço, escutou o som da janela sendo estilhaçada e um grito.

Um vulto vestido de preto, usando gorro e sapatilhas de *ninja* invadiu a sala brandindo um *katana*. O padre que estava atacando John teve sua atenção desviada e foi obrigado a se defender.

Porém, não teve a menor chance. Segurando o *katana* com as duas mãos, o estranho *ninja* defendeu um golpe e, fazendo a espada deslizar lateralmente, atingiu o pescoço do padre, quase decapitando-o. Esguichando sangue pelas artérias seccionadas, o homem tombou, já nos estertores finais da vida que se esvaía pelo enorme e impressionante corte.

O outro padre, ainda meio zozzo devido ao soco que recebera de John, percebendo que jamais seria páreo para aquele adversário, fugiu, fechando à chave a porta que levava para o interior da casa.

– Temos de sair daqui! – exclamou o *ninja*.

John não discutiu. Sem vacilar, acompanhou seu salvador através da janela quebrada e, atravessando o jardim, saltou atrás dele o muro do jardim.

Entraram dentro do carro conversível que estava estacionado junto à calçada e, dirigindo com a habilidade de um piloto de competições, o estranho homem rumou para a pista rápida da avenida.

– Para onde vamos? – perguntou John – E quem é você?

Depois de alguns segundos de silêncio o homem descobriu o rosto e respondeu:

– Meu nome é Maximilian Bacon. Entre os meus amigos sou mais conhecido como irmão Max. E me foi dada a missão de protegê-lo. Pelo visto, eles estavam certos. Se eu não tivesse aparecido naquele momento, a esta hora, você estaria morto.

– Mas por que queriam me matar? – indagou John – Não represento perigo para ninguém! Sou um mero professor...

Max não respondeu, limitou-se a esboçar um sorriso enigmático, e John perguntou:

– E onde se meteu o Monsenhor Bourjois? É impossível que ele não tenha escutado todo o barulho que foi feito naquela sala...!

– Bourjois se pôs a salvo, professor. Ele deu a ordem de eliminá-lo. Precisava de um álibi sólido, caso a polícia viesse a descobrir.

Olhou de lado para John e explicou:

– Esse pessoal dispõe de meios mais do que suficientes e eficientes para esconder um assassinato. Ele, Bourjois, é o líder de uma fraternidade acobertada pela própria Igreja Católica, conhecida como Fraternidade da Santa Revelação, ou simplesmente, Ordem da

Revelação, que se diz detentora de revelações até hoje conhecidas como Revelações Finais. Uma dessas revelações seria justamente a data do fim do mundo. O que eles chamam de “O Santo dia do Senhor”.

Deixou escapar uma risada e acrescentou:

– Você mexeu diretamente na ferida ao mencionar os manuscritos de Isaac Newton e os cálculos que ele realizou na intenção de determinar o Fim dos Tempos.

John fez uma expressão de surpresa e perguntou:

– Mas como você sabe disso? Como pode saber o que eu disse para Bourjois menos de uma hora atrás, se não havia ninguém lá além de eu e ele?

Depois de alguns momentos de silêncio, Max disse:

– Há micro escutas eletrônicas em quase todos ambientes da abadia, sem que eles saibam, naturalmente. Tudo o que é dito lá é transmitido para uma central próxima que monitora todas as ações de Bourjois.

John voltou os olhos para Max, cheio de interesse e este continuou:

– Octavius Bourjois é um velho conhecido meu... Homem muito inteligente, ambicioso e obstinado. Estudamos juntos até o ensino médio e depois nos separamos. Eu fui estudar engenharia aeronáutica e ele optou pelo sacerdócio católico. Bourjois não mede esforços para conseguir o que deseja e sempre consegue, não importando os custos que representem, inclusive de vidas humanas. Ele sempre derruba quem ameaça ficar no seu caminho. Desde jovem estudava a Bíblia com dedicação. Tinha particular interesse por profecias. Depois que foi ordenado sacerdote da Igreja Católica, ele resgatou uma antiga ordem secreta da Idade Média fundada por Joaquim de Fiore, um grande estudioso de profecias bíblicas. Após a morte de Joaquim, seus discípulos continuaram se reunindo e estudando profecias. Mas com a perseguição

promovida pelo papa Alexandre IV, que havia declarado heréticos os tratados escritos por Joaquim de Fiore, eles foram obrigados a se esconderem e começaram a atuar nos bastidores e a influenciar nas decisões da Santa Sé. Dizem que Isaac Newton, também profundo estudioso de profecias bíblicas, além de ser alquimista e rosa-cruz, teria descoberto o ano do Juízo Final. Mas não foi o ano de 2060 que aparece em seus rascunhos manuscritos e sim algumas décadas antes. No entanto, ele não teve oportunidade de deixar registrado em nenhum lugar, pois antes que pudesse revelar sua descoberta, os membros da Ordem de Fiore decidiram envenená-lo. Porém, a dose do veneno não foi fatal, só deixou o eminente físico muito doente com sérios problemas renais, vindo a morrer meses depois, em março de 1727, sem revelar o que havia descoberto.

Fez uma breve pausa e continuou:

– Cerca de cem anos antes, Giordano Bruno também havia descoberto o ano em que se daria a Ira de Deus e o julgamento do mundo ao pesquisar as profecias de Daniel. Quando os membros da Ordem De Fiore souberam que ele iria contar tudo, então decidiram eliminá-lo. Convocaram um membro da ordem chamado Giovanni Mocenigo, pertencente a uma das mais ilustres e respeitadas famílias de Veneza, para que ele formalizasse uma acusação de heresia contra Giordano Bruno junto ao tribunal da inquisição por ele defender o heliocentrismo. O plano deu certo e a execução aconteceu no Campo de Fiori onde os membros da ordem secreta se reuniam no passado. Bourjois trouxe de volta esta ordem secreta que estava decadente e sem expressão com o novo nome de Fraternidade da Santa Revelação, a qual dirige com mãos de ferro. Entre seu círculo íntimo de seguidores, confia saber o que aconteceu ao corpo de Cristo após a crucificação e que a resposta está na própria Bíblia. Mas ele nunca disse o que pensa a

respeito, afirmando que este segredo abalaria os pilares da teologia e da fé católica. Os membros da Ordem da Revelação o consideraram um enviado de Deus, pois ele descobriu através da Bíblia quando será o dia do Juízo Final. Se algum de seus seguidores descobre a verdade e tenta contar ao mundo é logo eliminado e nunca mais é visto por ninguém. Aqueles homens tentaram matar você por ordem de Bourjois, pois ele teme que você descubra mais coisas sobre profecias e divulgue isso para a imprensa.

– Você quer dizer quando será o fim do mundo? – falou John, espantado.

– Exatamente. Este dia está guardado em um código no livro do profeta Daniel, que fez menção a 1290 dias e 1335 dias. Você já descobriu parte do código. Pois já sabe que dias significam anos e que os dois períodos precisam ser somados. O Dia do Senhor que você já leu no Antigo Testamento será um evento apocalíptico de grande magnitude que causará destruições através de forças cataclísmicas da Natureza. Ninguém poderá deter o que está por vir. A única coisa a fazer é esperar pelo melhor possível, mas se preparar para o pior. Apesar da enorme aflição que a humanidade passará, não será o fim da Terra. Ademais, as destruições não atingirão a totalidade dos habitantes do planeta. Boa parte, é verdade, deverá perecer e em certas áreas a civilização retrocederá dramaticamente, dado o caos que se instalará em muitos países. Mas outra parte da população terrestre sobreviverá mais ou menos da maneira como está. Estes sobreviventes serão os responsáveis pela construção de um novo mundo de paz e felicidade para todos.

– Você sabe quando acontecerão as grandes destruições? – perguntou John, curioso.

– Elas já estão acontecendo, mas você deve estar se referindo ao clímax apocalíptico. Sim, eu sei. Também descobri pesquisando nas

profecias bíblicas, mas não posso lhe revelar. Você precisa descobrir isso sozinho, através da reflexão, intuição e muita pesquisa na Sagrada Escritura. Quando você conseguir, poderá ser admitido na Fraternidade à qual estou filiado.

Após uma ligeira pausa, John falou:

– Eu tenho tido sonhos apavorantes com catástrofes naturais e um ser luminoso que aparece e diz estas palavras enigmáticas: “Quando o Destruidor estiver onde não deve estar, saiam todos do litoral.”

– Você está perto de descobrir o significado de tudo isso, John. No momento certo você saberá. O chá que você está tomando tem o efeito colateral de abrir suas percepções extra-sensoriais. Você já está experimentando premonições e aos poucos poderá vislumbrar as coisas que acontecem do outro lado da nossa dimensão, no universo paralelo da quarta dimensão. Quanto a este ser de luz de que você fala, deve ser o mesmo que me apareceu pedindo para protegê-lo de Bourjois.

Max esboçou um sorriso e completou:

– Fui encarregado para ser seu “anjo-da-guarda” até que você consiga entender o que está se passando no mundo e revele esse grande segredo para a humanidade. Esta é a sua missão neste processo de transição planetária.

– Imaginei que o Monsenhor Bourjois fosse a pessoa indicada para transmitir essa mensagem para o mundo – disse John – E não entendo por que ele quis me impedir de fazê-lo!

– Bourjois é um sacerdote muito conservador e da ala mais tradicionalista da Igreja. Exerce grande influência sobre os cardeais e há quem diga que é ele quem decide quem deve ser eleito papa, fazendo lobby nos dias que antecedem o Conclave. Agindo assim, ele peca contra o Espírito Santo, que segundo a Bíblia é um pecado sem perdão, pois impede que a inspiração divina oriente os cardeais a votarem espontaneamente naquele que é da vontade de Deus. Ele

acha que ninguém deve revelar quando será o julgamento espiritual da humanidade, porque está escrito nos evangelhos que ninguém sabe quando será, nem os anjos, nem Jesus, mas só o Pai é quem sabe quando será o Dia do Senhor. Se alguém revelar este segredo, a Bíblia perderá credibilidade e conseqüentemente toda fé cristã nela. Nos planos maquiavélicos de Bourjois, ele pensa que só ele estará preparado quando a Ira de Deus pegar todas as nações de surpresa. Haverá um caos tão grande em todo planeta que ele se aproveitará da situação para controlar todo o mundo. A Ordem da Revelação conta com a ajuda financeira das maiores corporações mundiais. Estas estão se preparando para o pior graças ao alerta de Bourjois que em contra partida terá o apoio destas organizações para assumir o cargo de Secretário Geral das Nações Unidas e assim controlar todo o mundo após as grandes catástrofes. Antes, porém, ele já terá conseguido se tornar líder da Igreja Católica, transformando-a em uma igreja universal onde todos serão obrigados a se tornarem membros ou serão executados. Será ao retorno do Tribunal da Inquisição.

– Então, o temor que muita gente tem de uma Nova Ordem Mundial controlar todo mundo tem fundamento – falou John preocupado.

– Tem sim. Bourjois opera sorrateiramente para governar o mundo com o apoio da elite dos banqueiros internacionais e das grandes corporações mundiais. Você notou o broche de ouro que estava preso na lapela do paletó dele? – Perguntou Max.

– Sim, notei. Era o símbolo do infinito com um traço em baixo. O que significa?

– Significa poder infinito. É o poder sem limites sobre o plano que significa o domínio sobre a massa, o povo. Ele anseia em adquirir algum dia poder ilimitado. Esta é a insígnia da Ordem da Revelação que está gravada no anel de ouro dele.

Todos os membros da organização também usam anel semelhante só que de prata.

Max fez uma breve pausa e continuou:

– Bourjois é um homem muito poderoso. É membro honorável do Clube de Roma e sempre participa da conferência anual do Clube de Bilderberg como presidente de honra. Ele tem tanta influência no mundo corporativo, que conseguiu convencer muitas empresas, entre as maiores do mundo, a financiarem a construção do maior banco de sementes do mundo: o Silo Global de Sementes de Svalbard situado na ilha de Svalbard no Ártico e administrado pelo governo da Noruega. Este projeto só saiu do papel com a influência e contatos de Bourjois.

Nesse momento, John notou que estavam bem distante da cidade, na zona rural, e trafegavam por uma estrada de terra batida, bastante esburacada e empoeirada.

– Para onde estamos indo? – perguntou ele

– Já chegamos – respondeu Max, parando o automóvel diante de um portão e acionando o comando de abertura remota – Aqui é nosso quartel-general... A sede da Fraternidade do Cravo Sagrado, ou mais simplesmente, da “Ordem do Cravo”.

Entraram na propriedade e seguiram por um caminho ladeado por grandes ciprestes, até a frente de uma casa ampla e rodeada por uma varanda.

– Aqui somos apenas meia centena de homens – explicou Max – Cerca de mil outros estão espalhados pelo mundo e todos nós temos um objetivo em comum: combater as ações nefastas da Ordem da Revelação e impedir que seus componentes exerçam um domínio muito marcante sobre os seres humanos. Tentamos minimizar a influência nociva de Bourjois sobre pessoas e instituições, mas o fazemos de forma silenciosa e na medida do possível sem o uso da violência,

mas às vezes isso não é possível. Para combater Bourjois é preciso usar todas as armas e recursos disponíveis. Ele é astuto como um leopardo e traiçoeiro como uma serpente.

– E todos vocês têm o dom de comunicação com seres de luz da outra dimensão? – quis saber John.

– Infelizmente, não – respondeu Max – Somente alguns de nós somos passíveis de ter contatos com estes seres. Alguns deles não são da Terra, mas de outros planetas. Na verdade, um número bem reduzido de integrantes da nossa organização consegue realizar este contato satisfatoriamente.

Com um sorriso que beirava o sarcasmo, John ponderou:

– Nesse caso, vocês, os privilegiados devem exercer algum domínio sobre os demais. Eles acreditam em vocês... Com isso, vocês os dominam, vocês os controlam...

– Não é essa a intenção – protestou Max – Todos os adeptos da Ordem do Cravo aceitam voluntariamente o nosso, digamos, comando. E nós não escondemos nada dos demais. Absolutamente nada!

Um tanto quanto preocupado, John quis saber:

– O que viemos fazer aqui, afinal? Preciso voltar. Meu celular descarregou a bateria e alguém pode estar querendo falar comigo – falou pensando em Christine.

– Não se preocupe – retorquiu Max – Você não vai demorar aqui. Só quero apresentá-lo ao meu superior direto, mostrar que você está vivo e que estou cumprindo à risca a minha missão. Depois vou levá-lo de volta para sua casa, pois Christine, a esta altura, já deve estar preocupada com a sua demora.

– Você também sabe de Christine? – perguntou John.

– Ah, professor – falou Max com um sorriso – sabemos de muita coisa, quando aprendemos a nos comunicar com os seres espirituais da outra dimensão. Um dia você entenderá isso.

CAPÍTULO

V

Aguardaram alguns minutos na biblioteca até que uma parte da estante moveu-se lentamente mostrando um corredor escuro, por onde logo surgiu o superior de Max. Sua aparência lembrava a dos antigos sábios orientais que John estudara nos livros de religiões antigas. Enquanto olhava para o homem, inexplicavelmente, o nome Confúcio não saía da mente de John. Certamente que era bem mais que um mero superior hierárquico, mas um grão mestre estava ali na sua frente.

Embora inspirasse ter uma idade bem avançada, talvez mais de cem anos, não tinha rugas. O ar de sabedoria era reforçado pela longa barba muito branca e totalmente careca. Como vestimenta usava uma espécie de túnica de tecido grosso, acinzentado, que o cobria até os pés calçados com grosseiras sandálias de couro.

– Vejo que está bem, professor – disse o velho – E fico muito feliz por isso. Saiba, John, que destruições, lágrimas e sofrimentos estarão em breve presentes em toda parte do planeta. A situação será tão desesperadora que até os ateus clamarão por Deus. O ser humano continua tratando o semelhante com violência, desrespeito, ódio e preconceito. O terrorismo é o grande mal deste século. Por isso, Deus mostrará toda sua Ira para com os maldosos, violentos, prepotentes, orgulhosos, viciados, autoritários, egoístas e aqueles que estão afastados dos seus sábios mandamentos. Neste processo, infelizmente muitos que são bons e justos também serão sacrificados,

mas serão consolados no outro lado da vida. Quanto aos pecadores e todos que estão afastados do bem e do amor ao próximo, estas almas ingratas, serão todas expulsas da Terra. Serão exiladas num planeta distante para nunca mais voltar, sendo esta a condenação eterna de que falava Jesus. Neste lugar longínquo, eles aprenderão o que não aprenderam aqui na Terra. Você desempenhará um papel muito importante de esclarecimento na transição planetária para uma nova era da civilização. A paz finalmente se estabelecerá no mundo para sempre.

John teve de se esforçar para não perguntar que papel seria esse e o sábio ancião, com um sorriso, disse:

– Preste atenção aos sonhos que tiver, de agora em diante. As mensagens que lhe serão transmitidas pelas Inteligências Superiores deverão surgir nesses sonhos. E você terá de agir de acordo com o que elas lhe ordenarem. Uma grande parte da humanidade vai depender de suas decisões e atitudes.

– Serei uma espécie de salvador? – indagou John, balbuciando.

– Sim. De você dependerá a preservação das populações localizadas em áreas de grande risco, avisando-as do perigo que correm ficando onde estão. Também será preciso alertá-las que a salvação da alma depende única e exclusivamente das boas ações e boas obras que são praticadas durante a vida. A religião não salva ninguém, só a verdadeira religiosidade é que promove a transformação do homem e a consequente salvação da alma. Por enquanto, é cedo para mais detalhes.

O ancião juntou as mãos e baixou ligeiramente a cabeça num sinal de despedida e, dando-lhes as costas, saiu pela mesma passagem secreta que havia entrado na biblioteca.

– Vamos voltar agora? – convidou Max.

– Gostaria de ver mais este lugar... – murmurou John – Parece-me ser muito intrigante.

– Você terá tempo para fazer nas outras visitas que fizer. Por enquanto, basta o que viu e o que ouviu.

– Mas como vou voltar aqui? – perguntou o professor – Nem sei onde estamos

– Eu estarei perto de você a partir de agora. Onde quer que esteja, onde quer que vá. Minha missão é garantir a sua sobrevivência e pode estar certo que o pessoal da Ordem da Revelação vai tentar eliminá-lo a todo custo!

– Não seria melhor avisar a polícia? Pedir proteção? – indagou John, sem conseguir esconder o medo que sentia.

– Por enquanto não – respondeu Max – Além do mais, como você justificaria o fato de estar sendo ameaçado? Dom Octavius é um homem muito respeitado entre as autoridades e de todo clero da Igreja. Ninguém acreditaria em você que ficaria em total descrédito antes mesmo da sua missão principal, que é alertar o mundo do perigo que se aproxima. É preciso salvar maior número de pessoas possível e resguardar as conquistas da humanidade, tais como livros, obras de arte e o conhecimento adquirido ao longo de milhares de anos de civilização humana.

John foi obrigado a admitir que Max estava com a razão. Sentiu, de repente, uma grande ansiedade e desejou estar dormindo para que pudesse sonhar com alguma coisa que lhe desse uma pista do que fazer, de como agir.

Lembrou-se das palavras do ancião quando ele dissera sobre a destruição de uma grande parte da humanidade.

E lembrou-se de que ele, por mais que tivesse agilidade de movimentos e dispusesse de meios de transporte supersônicos, jamais conseguiria avisar a todos.

Como se estivesse lendo seus pensamentos, Max disse:

– Você não precisará estar presente em todos os lugares, John. Com a ajuda da internet e das redes sociais você conseguirá salvar muitas pessoas.

John não retrucou. Talvez ele estivesse certo, mas ainda lhe restava uma dúvida que o estava martirizando: como faria, como agiria no sentido de salvar todas essas pessoas? E, no final das contas, salvá-las de quê? Da morte? Da dor? Ou do castigo eterno, como ainda pregava a Igreja?



John chegou em casa visivelmente cansado, o que deixou Christine aflita. Ela quis saber por onde ele andara durante todo dia e porque o celular estava desligado, mas ele parecia meio aéreo, imerso nos próprios pensamentos. Depois de ouvir a explicação de que o aparelho havia descarregado a bateria, ela falou demonstrando irritação com um misto de ciúmes:

– Você saiu cedo e deixou um bilhete dizendo que iria procurar um padre... fiquei preocupada – falou enquanto preparava um sanduíche para o namorado.

– Foi um dia longo... Estudei sobre profecias até a madrugada. Eu estava tão cansado que tive uma visão. Um ser espiritual me mandava pesquisar certo capítulo do livro do profeta Daniel. Este trecho faz referência a um período de 1290 dias mais outro período de 1335 dias para o Juízo Final. Acredito que os dois espaços de

tempo devem ser somados, o que resulta em um período de 2625 dias, que equivalem a 2625 anos. Só não sei dizer a partir de quando.

Depois de relatar tudo o que lhe ocorrera durante o dia, o casal foi se deitar e John teve mais um sonho. Ele estava num lugar desértico que não parecia ser aqui na Terra. A escassa vegetação do lugar era estranha com formas desconhecidas. Caminhou alguns passos e observou atrás de umas rochas um grupo de pessoas reunidas em torno de uma fogueira. Assavam a carne de um animal e todos ali pareciam estar com fome, pois aguardavam ansiosos.

Aquela gente não parecia seres humanos do nosso planeta, embora não conseguisse distinguir com exatidão o que tinha de diferente naqueles corpos peludos, muito semelhantes aos nossos primos neandertais. De repente, ouviu-se uma gritaria e sons assustadores. Um animal muito feroz, semelhante ao extinto tigre dente de sabre, avançou sobre aquelas pessoas e todas saíram correndo. Uma delas, parecendo ser do sexo feminino foi perseguida pela fera que facilmente a alcançou. Antes de sucumbir no chão, imobilizada pelos dentes do felino, John presta atenção na fisionomia e reconhece naquele rosto a ex-namorada Carolina.

O professor acordou sobressaltado, despertando Christine.

– O que aconteceu? – quis saber a moça acendendo o abajur.

– Tive um sonho esquisito com Carolina. Era um lugar estranho parecido com o tempo das cavernas com aquelas pessoas peludas, cabelos desgrenhados... – falou esfregando as mãos no rosto.

– Você deve ter ficado impressionado com as coisas que aquele homem da Ordem do Cravo lhe disse.

– Pode ser... – falou John, já se levantando e se dirigindo para a cozinha.

Tomou um copo de água e retornou para o quarto. Ficou olhando para o teto, pensativo, até adormecer alguns minutos depois e sonhar novamente.

Ele se viu numa praia deserta olhando para o mar. Era um dia claro e o sol brilhava maravilhosamente. Um homem muito alto com longas vestes, mas que ele não conseguia ver o rosto, aproximou-se e disse:

– *“Quando o Destruidor estiver onde não deve estar, saiam todos do litoral.”*

Neste momento John olhou para o céu como que obedecendo a uma ordem e viu que o Sol, além de brilhar, também pulsava. Ficou admirando a cena até que de repente, parecendo sair por trás do nosso astro rei viu surgir outro Sol um pouco menor. Tinha um brilho amarelo, mas com chispas avermelhadas deixando John temeroso com o que iria acontecer. A praia não estava tão bela como antes e tudo em volta estava silencioso. John sentia o ar rarefeito e o dia que antes estava claro começou a ficar avermelhado. Aos poucos, o segundo sol começou a eclipsar o nosso astro rei até ficar tudo totalmente escuro. O ser espiritual que estava ao lado de John disse: “Olha para trás meu filho...” John virou-se e se estremeceu ao ouvir um forte estrondo de trovão. Viu uma metrópole com muitos arranha-céus em dias chuvosos cujo céu fica cinzento com nuvens carregadas. Não demorou muito e logo apareceram meteoros caindo sobre a cidade e destruindo alguns daqueles prédios. Tempestades, vendavais e uma forte chuva de granizo castigavam a cidade. Ao fundo do inacreditável cenário, John viu o que parecia ser um vulcão explodindo e cuspidando lava para todas as direções. Passados alguns segundos daquela visão aterradora, o caos apocalíptico chegou ao clímax quando um grande terremoto estremeceu o chão até John sentir os pés vibrarem. Muitos edifícios balançavam e alguns deles

caíam. Ele não via, mas intimamente sabia que havia pessoas naquela cidade que estavam atordoadas, correndo desesperadas, tentando fugir daquele terror.

John escondeu o rosto com as mãos. Não queria continuar assistindo tanta desgraça acontecendo ao mesmo tempo. Voltou-se para a praia e viu que aquele sol intruso estava diminuindo de tamanho como se estivesse se afastando e se dirigindo para a vastidão do Universo. O ser angelical que esteve todo o tempo ao seu lado repetiu aquelas palavras enigmáticas: – *“John, escute o profeta. Quando o Destruidor estiver situado onde não deve estar, todo mundo deve sair de perto do litoral. Alerta ao maior número de pessoas que você conseguir avisar.”* Neste mesmo instante o professor viu ao longe uma pequena onda no mar que em poucos segundos cresceu assustadoramente. Ele logo entendeu que se tratava de um gigantesco tsunami. Não teve tempo de pensar em mais nada. Foi tragado pela onda monstruosa e acordou com um grito.

– Não!

Tão assustada quanto ele, Christine acordou com o desespero do namorado.

– O que foi John! Outro pesadelo?

John não conseguia expressar qualquer palavra. Com os olhos arregalados olhava para a janela pensando que poderia estar vindo um tsunami. Não conseguia discernir racionalmente o que tinha sonhado, mas sabia que era algo terrível. Ele tremia como se estivesse delirando com 40 graus de febre. Christine acendeu o abajur e viu que eram 5 horas e logo iria amanhecer. Levantou-se e foi até a cozinha pegar um copo de água com açúcar onde colocou algumas gotas de calmante.

– Tome meu amor – falou estendendo o copo.

John tomou o calmante e após agradecer tornou a deitar. Christine entendeu que não era o momento de fazer perguntas e deitou também. Acordaram às 10 horas quando Christine ouviu um barulho na cozinha.

– John, você ouviu um barulho vindo da cozinha? – perguntou a mulher cutucando o namorado que parecia estar recuperado do pesadelo.

– Não ouvi nada... Vai lá ver, deve ter sido o gato do vizinho novamente...

Christine levantou-se ainda sonolenta, apesar da hora tardia. Chegando à cozinha, deu um grito. John ainda deitado na cama arregalou os olhos com o susto e disse para si mesmo: “agora ouvi!”

Foi depressa até a cozinha e antes mesmo de lá chegar ouviu Christine perguntar ao estranho: “Quem é você?” John chegou em seguida e viu Max sentado lendo o jornal.

– Max? Você aqui! Como entrou? – perguntou John surpreso.

Desconcertado, o amigo tentou se explicar:

– Desculpe, eu não queria assustar sua namorada, mas minha missão é proteger você e isto implica que eu tenha de estar sempre por perto.

Após John explicar a Christine quem era Max, ela se acalmou e foi preparar o desjejum. John pegou uma cadeira, sentou-se perto de Max e contou os dois sonhos que tanto o deixaram impressionado. O protetor do professor ouviu-o atentamente e quando terminou, disse:

– John, o primeiro sonho refere-se ao exílio das almas maldosas deste mundo para algum planeta primitivo da Via Láctea, conforme explicou o grão-mestre da nossa Ordem. O segundo sonho que tanto deixou você impressionado são as conseqüências catastróficas de um processo que está andamento neste momento.

Max fez uma pausa para tomar um gole de suco de laranja e continuou:

– O eixo magnético da Terra está atualmente em processo de inversão dos pólos. O famoso médium que viveu no início do século passado, Edgar Cayce, tinha previsto que isso aconteceria um dia. Uma prova deste fenômeno é o enfraquecimento da magnetosfera numa extensa área do Oceano Atlântico no hemisfério Sul. Esta região de comportamento anormal é cientificamente chamada de Anomalia Geomagnética do Atlântico Sul. Este processo tem origem nas profundezas do planeta.

Pegando uma laranja sobre a mesa, explicou:

– Imagine a Terra girando sobre si mesma a uma velocidade de cerca de 1.670 km por hora no equador. Agora imagine que dentro da Terra há uma esfera de ferro líquido, o núcleo externo, que também gira, produzindo o campo magnético terrestre. Se esse núcleo, enquanto gira, começa a virar “de cabeça para baixo”, então o campo magnético se enfraquece e os polos do eixo magnético começam a se inverter. Ao final de todo processo, o norte magnético passará a ser sul magnético e vice-versa. Isto já aconteceu várias vezes no passado e a última vez que os polos magnéticos trocaram de posição foi a cerca de 780 mil anos atrás. Durante a inversão magnética o mundo estará em total caos com terremotos, tsunamis, vulcões em erupção e muitos furacões em toda parte. Infelizmente, minha projeção é de que muitos milhões de pessoas deverão perecer. E as que restarem terão de recomeçar a civilização nas bases da fraternidade e colaboração entre todos os povos.

Os sonhos que você tem experimentado são premonições de acontecimentos que em breve deverão ocorrer. As substâncias presentes na infusão que você estava tomando abrem a mente para

estas percepções premonitórias e extra-sensoriais que você tem experimentado.

Após breve pausa para tomar outro gole do suco, falou: – Não apenas isso, elas possibilitam, em algumas poucas pessoas, uma aproximação com as Inteligências Superiores que dirigem e protegem a civilização humana. E você possui essa característica, possui uma mente privilegiada. Por isso foi escolhido. Esses sonhos são apenas uma importante mensagem dessas entidades. E é preciso que você saiba o que fazer com essas informações.

– E o que devo fazer? – indagou o professor – Jamais serei capaz de, sozinho, salvar a humanidade!

– De fato – respondeu Max – Mas você não está sozinho. Eu estou aqui e Christine também. E você não vai poder salvar a toda a humanidade, mas apenas ajudar aqueles que derem crédito ao seu aviso. Os sobreviventes também dependerão da sua orientação, especialmente no que tange ao esclarecimento das coisas espirituais, caso contrário, a tendência será o retrocesso à selvageria, em que a única preocupação será a sobrevivência, não importando a que custo. Os instintos mais primitivos tenderão a sobrepujar toda e qualquer norma de civilidade. Será uma situação de cada um por si e Deus por todos.

– E quando tudo isso poderá acontecer? – quis saber John.

– Muito em breve, John – respondeu Max – Os sinais estão presentes e você tem assistido na televisão como a Natureza está em desequilíbrio e gerando várias catástrofes.

– E o que devemos fazer? – perguntou o professor, sem esconder a aflição que o invadia.

– Em primeiro lugar, Christine precisa entender sua missão em todo esse contexto que também é um período muitíssimo importante da História mundial. Depois, temos de começar a disseminar

o que você sabe. Temos de fazer com que o maior número possível de pessoas se ponham a salvo desses desastres da Natureza. Através da sua paranormalidade, será possível descobrir as áreas com maior probabilidade de serem devastadas e que precisarão ser evacuadas quando da iminência do clímax do cataclismo global.

Muito sério, Max acrescentou:

– E você pode imaginar a dificuldade que enfrentará para convencer opinião pública, entidades e governos de que estamos todos correndo perigo? Lembre-se do que aconteceu há mais de dois mil anos, quando Cristo tentou salvar as pessoas, tirando-as do pecado...

– Pensei nisso – admitiu John – Pensei, inclusive que há a imensa possibilidade de eu ser assassinado...

– Esta é a intensão dos sectários da Ordem da Revelação – falou Max – É justamente por essa razão que eu fui designado para protegê-lo.

Christine, que até aquele momento só observava e escutava em silêncio, murmurou para John:

– Pode parecer uma loucura... Mas a verdade é que acredito piamente em tudo o que seu amigo diz. Agora temos uma missão. Você será o porta-voz de uma nova era para a humanidade. De você dependerá o contato com os Espíritos Superiores.

Max assentiu com um menear de cabeça e juntou:

– Precisamos começar imediatamente. Será difícil convencer as pessoas, pois para elas, tudo está absolutamente normal. Mas temos de tentar. Temos de falar com autoridades, temos de, ao menos, preveni-las sobre o que virá a acontecer!

– Conheço um general, Felix McEntire, que era muito amigo de meu pai... – disse John – Podemos falar com ele. No mínimo,

servirá como um termômetro para sabermos como reagirão as outras autoridades...

Max concordou. John se levantou e foi para o quarto se arrumar para ir para Universidade e Christine o acompanhou.

– Estarei sempre perto de você, meu amor. Você pode sempre contar comigo – falou a moça, dando um beijo na boca do namorado e indo tomar banho.

John ficou sentado na cama e se lembrou de Bernard. Ligou o notebook para enviar um email para o amigo:

“Caro Bernard. O chá da sua experiência fez com que minha enxaqueca cessasse, mas as experiências premonitórias permanecem.” – Dito isto, narrou os dois sonhos que tivera naquela noite.

Bernard estava online naquele momento e tão logo leu a mensagem de John achou que aquele feedback merecia divulgação entre seus colegas cientistas e repassou o email para eles, além de postar no seu blog e nas redes sociais nas quais estava inscrito.



CAPÍTULO

VI

O general Felix McEntire estava lotado num dos muitos departamentos da ONU e, portanto, havia já algum tempo que ele deixara o Pentágono, em Arlington, Virginia, para residir em Nova York.

Assim, John não teve dificuldade para localizá-lo e marcar uma reunião.

– Tenho um assunto muitíssimo sério para tratar com o senhor – falou o professor – Precisamos de um local com privacidade para conversar.

– Quanto a isso, não se preocupe – tornou o general – Minha sala é totalmente à prova de escutas eletrônicas. Poderemos conversar aqui à vontade e com absoluta segurança.

No dia marcado, acompanhado por Max e Christine, John apanhou seu automóvel para dirigir-se ao prédio das Nações Unidas.

Quando estavam saindo do estacionamento do Campus da Universidade, Max disse:

– Convém prestar muita atenção... É possível que os homens da Ordem da Revelação tentem alguma coisa...

John meneou afirmativamente a cabeça, sem esconder a preocupação, e murmurou:

– Detesto esse tipo de situação... Com tantas pessoas por aí, por que foram escolher justamente a mim?

– Porque você é o homem mais adequado para esta missão – respondeu Max – Já lhe falei sobre isso. E não são muitos aqueles

que possuem a sua sensorialidade. Sua percepção paranormal pesou muito na escolha, pode ter certeza!

– Mas eu deveria ter o direito de recusar, não acha? – protestou John.

– Você tem – retrucou Max – Só que todos sabemos, inclusive e principalmente você mesmo, que jamais iria recusar.

Esboçou um sorriso e completou:

– Você pode estar um pouco assustado com tudo isto. É normal, era esperado. Mas jamais haveria de se recusar a prestar um serviço deste porte para a humanidade...

– Ou para o que sobrar dela – resmungou Christine.

– Exatamente – concordou Max – E mais catástrofes estão para acontecer.

No momento em que John entrou na pista de velocidade, em direção a Manhattan, Max notou um automóvel estacionado no acostamento. Logo em seguida a eles passaram ao largo desse carro, ele também entrou na pista, acelerando forte.

– Teremos problemas – disse Max, com expressão preocupada – Pise fundo e na primeira variante à esquerda, entre!

Não houve nem como vacilar. No instante em que John avistou a entrada à esquerda, pelo retrovisor ele viu que um homem sentado no banco do carona do carro atrás, punha meio corpo para fora e, empunhando o que lhe pareceu ser um fuzil de assalto, preparou-se para atirar.

– Não posso diminuir a velocidade para entrar! – disse o professor para Max – Eles vão atirar em nós!

Deu uma guinada para a direita no exato instante em que o atirador calcava o gatilho. A bala zuniu, ricocheteando num raspão na capota do carro de John e este, imediatamente, pisou no freio, obrigando o carro perseguidor a ultrapassá-lo.

Voltando para a pista de velocidade, John acelerou para se aproximar o mais possível do carro que os estivera perseguindo e, pondo-se um pouco à sua direita, encostou a ponta do seu para-choque dianteiro no para-choque traseiro do outro veículo e, num golpe firme e rápido, torceu a direção para a esquerda, empurrando-o para fora da estrada.

Apanhado de surpresa, o carro derrapou e rodou, metade ainda na pista e a outra metade no acostamento. Sem possibilidade de controle, deslizou e foi se espatifar contra a mureta de concreto que servia de proteção, no canteiro central da rodovia.

– Não pare! – ordenou Max – Pise fundo e vamos tratar de sair daqui!

John obedeceu e, lançando um olhar para a apavorada Christine, ao seu lado, murmurou:

– Acho melhor pegarmos outro caminho para Manhattan... Não creio que valha a pena ir para lá pelas rotas mais tradicionais. Pode ser que haja mais alguém nos esperando ao longo deste trajeto...

– Ela tem razão – concordou Max – Entre à direita e vamos dar a volta pela Brooklin Bridge. É longe, mas em compensação, será muito mais seguro.



O general McEntrie estava no seu gabinete lendo o jornal do dia cuja manchete estava tendo grande repercussão na imprensa. Um *paparazzo* havia fotografado um dos assessores do presidente enquanto estava num restaurante. O fotógrafo estava tão perto do

alto funcionário da Casa Branca que o clicou no exato momento em que lia uma mensagem de texto no celular em que dizia: “Presidente muito preocupado com a chegada de Edna. Providencie um relatório completo.”.

A notícia correu o mundo no mesmo dia em que o *paparazzo* postou a foto na internet e naquela manhã era manchete em todos os jornais do país, que se perguntavam: “Quem é Edna? Por que ela preocupa tanto o presidente?”.

O general lia a reportagem a respeito quando John, Christine e Max entraram na sala, acompanhados da secretária. Após as apresentações e cumprimentos, John contou todos os acontecimentos que o levaram até ali.

Após ouvir o professor, o general falou:

– Governos de muitas nações estão bastante preocupados com a frequência com que tragédias da Natureza estão ocorrendo. Toda semana acontece pelo menos uma catástrofe que causa comoção mundial. A comunidade científica mundial está intrigada, pois terremotos e vulcões não são causados pelo desequilíbrio do clima fruto do aquecimento global.

Tirando uma Bíblia da gaveta, continuou o militar:

– Eu sou cristão e creio na Bíblia. Acredito também que as profecias bíblicas expressam verdades que irão ocorrer um dia. Talvez, estamos mesmo vivendo no tempo do Juízo Final, mas eu não posso levar adiante suposições baseadas em profecias ou premonições fruto da ação alucinógena de uma planta da Amazônia.

– Haverá muita tragédia, se não forem tomadas providências imediatas – disse Max – As regiões litorâneas de muitos países deverão desaparecer. Aquelas próximas a vulcões serão literalmente devastadas por torrentes de lava e cobertas por cinzas vulcânicas...

– O que teríamos de fazer? – indagou McEntire – É impossível evacuar uma cidade inteira como, por exemplo, Nova York!

– Sem dúvida – murmurou John – Mas creio que poderíamos alertar a população residente nas áreas de maior risco para que estejam prontos para a fuga quando for necessário.

– É preciso elaborar um plano de emergência mínimo para evitar que o pânico se instale na população... – disse Christine – Já imaginou a confusão? Já imaginou o desespero daqueles que forem deixados para trás? As autoridades são responsáveis por toda população e precisa saber agir no momento certo.

Era algo em que pensar... John meneou a cabeça num sinal de desalento e Max, tomando a palavra, disse:

– O máximo que poderemos fazer será ampliar um pouco o número de sobreviventes, o que será de extrema importância, pois a humanidade terá necessidade de mão-de-obra para a reconstrução do mundo. Compreenda que não é possível admitir que, por exemplo, um físico assuma a posição e o trabalho de um pedreiro... Precisamos garantir a sobrevivência de muitos, mas proporcionalmente a área de trabalho em que atuam.

McEntire assentiu com um sinal de cabeça e, depois de alguns instantes, falou:

– Tem razão. Vou ver o que consigo fazer. Mas há todo o resto do mundo... O que vocês pretendem fazer nesse sentido?

– Receberemos as indicações do que fazer em tempo hábil, general – respondeu Max – Por enquanto, nossa missão está sendo avisar as autoridades dos Estados Unidos sobre o risco iminente que todos nós estamos correndo dentro de pouquíssimo tempo. E isso, acabamos de fazê-lo.

Esboçou um sorriso e acrescentou:

– Agora, minha missão em especial, é continuar a preservar a vida do professor John, uma vez que os sectários da Ordem da Revelação estão decididos a eliminá-lo.

Os três heróis estavam se preparando para se despedir, quando o general falou:

– Posso sugerir algo que será uma boa forma de proteção para o professor John e, ao mesmo tempo, uma experiência enriquecedora para vocês?

– Sim? – fez Max, interessado.

– Tenho de ir à Base Aérea de Natal, no Brasil... Vocês poderiam vir comigo. Será muito mais fácil manter o professor John em segurança dentro de uma base aérea, não acham?

– Se não for indiscrição, o senhor poderia nos dizer o que vai fazer no Brasil? – quis saber Christine.

– A Força Aérea Brasileira abateu um Objeto Voador Não Identificado no sertão nordestino – respondeu o general – E eu fui incumbido de averiguar esse objeto e fazer um relatório para o Secretário Geral das Nações Unidas.

– E quando pretende partir? – indagou John.

– Já tenho uma aeronave da Força Aérea Americana (USAF) disponível para esta missão. Assim, podemos partir neste instante – falou McEntire – E se vocês puderem me acompanhar...

– Podemos – concordou Max – Nem precisaremos de bagagem, pois podemos comprar lá mesmo alguma coisa que necessitarmos.

Não esperaram mais. Desceram para a garagem do prédio e, de lá, a bordo de um automóvel oficial e escoltados por uma perua com quatro agentes e dois motociclistas, partiram para o aeroporto.

Porém, não conseguiram decolar de imediato. Caía uma tempestade muito forte no Oceano Atlântico, com terríveis ventos de través e o comandante do jato decidiu não arriscar, prefe-

rindo aguardar o tempo melhorar. O que só aconteceu no meio da madrugada.

O general e seus três companheiros aguardaram na sala destinada às autoridades, muitíssimo bem protegidos, cujas portas eram vigiadas por agentes da CIA.

Como dissera o general, John estava em absoluta segurança.



CAPÍTULO

VII

Com o fim da tempestade, o vôo foi tranquilo, sem turbulências ou quaisquer intercorrências.

Pousaram no começo da manhã, na Base Aérea de Natal e o jato foi imediatamente rebocado para um dos hangares onde os passageiros visitantes desembarcaram.

O general e seus três acompanhantes foram recebidos pelo tenente da USAF Edward Halleck, que estava acompanhando as investigações sobre o OVNI e encaminhados para um setor fechado do hangar, onde o misterioso objeto voador estava sendo cuidadosamente examinado por militares brasileiros e americanos.

– Tenho encontrado muita resistência, por parte das autoridades brasileiras no sentido de entregarem o OVNI para nós, para que possamos levá-lo para a Base de Operações Especiais em Nevada, a Área 51. Nós temos pessoal e equipamentos para realizar um estudo aprofundado de engenharia reversa e descobrir os segredos desta “coisa voadora” – disse o tenente.

Observando a fuselagem do OVNI, Christine notou que os desenhos e inscrições enigmáticos ali gravados eram os mesmos que ela tinha visto na televisão dias antes quando estava na casa de John assistindo a uma reportagem sobre círculos em plantações (*crop-circles*).

Ela ia abrindo a boca para fazer um comentário a esse respeito com John, mas nesse mesmo instante, o tenente Halleck convidou-os a entrar na sala de reuniões.

Sentado à cabeceira da mesa, o militar falou:

– Há algumas semelhanças entre este evento com o *Incidente de Roswell...*

Esboçou um sorriso como se pedisse desculpas e prosseguiu:

– Imagino que já saibam do que estou falando, mas apenas a título de "refrescar a memória", permitam-me discorrer um pouco sobre o que aconteceu naquele já longínquo mês de julho de 1947...

– Pode falar à vontade – disse Christine – John e eu ainda nem tínhamos nascido...

O tenente anuiu com um menear de cabeça e, tomando fôlego, começou:

– No dia 9 de julho de 1947, o jornal *Roswell Daily Record* publicou uma entrevista com William Mac Brazel, fazendeiro da localidade de Roswell, no Novo México. Ele afirmava que no dia 14 do mês anterior tinha encontrado em suas terras os destroços de um disco voador.

– Naquela época, ele deve ter se assustado... – comentou Christine.

– Ele já tinha encontrado em outras ocasiões destroços de balões meteorológicos na sua propriedade, por isso não deu maior importância ao seu achado naquele momento – continuou o tenente – Porém, comentando, mais tarde, o fato com seus vizinhos ficou sabendo que alguns jornais estavam oferecendo até 3.000 dólares de recompensa por uma prova dos chamados discos voadores. Isto porque poucos dias antes a imprensa estava noticiando, com grande alarde, o relato de um piloto, Kenneth Arnold, sobre estranhos objetos que ele avistara sobre o Oregon. Arnold disse que, ao sobrevoar o estado, viu algo que parecia ser uma esquadrilha de aeronaves voando em

formação com movimentos que ele descreveu como parecendo discos deslizando na superfície de um lago.

O tenente sorriu e acrescentou:

– No dia 4 de julho, Brazel decidiu recolher os destroços e no dia 7 foi até a delegacia do condado de Chavez comunicar sua descoberta. O xerife Wilcox ligou para a base aérea de Roswell informando o fato que enviou dois oficiais para analisarem os destroços.

Tomou um gole de água de um copo que estava à sua frente e prosseguiu:

– Eles analisaram o objeto e acharam conveniente recolher o material encontrado e enviá-lo para a Base de Fort Worth. Porém, apesar das tentativas de manter segredo sobre o ocorrido, a história se espalhou, dando origem à entrevista de Brazel para o Roswell Daily Record do dia 9 de julho. No dia seguinte, um porta-voz do Exército apressou-se em desmentir a versão do disco voador, garantindo que os destroços encontrados por Brazel eram de um balão meteorológico e o que o piloto Arnold tinha avistado não era nada além de um bando de pássaros em migração.

– Imagino quantas histórias essas notícias geraram – ponderou John – Especialmente com esse negócio de o Exército tentar desmentir o que se dizia...

– Sem dúvida – concordou o tenente – Mas até um certo ponto, eles conseguiram abafar o caso. A história do disco acidentado ficou esquecida até 1978, quando Stanton Friedman, professor de Física Nuclear, interessado em assuntos ufológicos e de vida extraterrestre conseguiu uma entrevista com um certo Jesse Marcel que dizia já ter tocado em um disco voador. Publicada no tablóide National Enquirer, na entrevista ele afirmava que nunca tinha visto nada igual ao material encontrado em Roswell, e que acreditava ser de origem extraterrestre.

– Essa onda de ufologia devia estar no auge... – comentou Christine.

– É verdade – concordou o tenente – E a mídia estava ajudando muito na disseminação do tema. Como seria de se esperar, após esta entrevista de 1978 vários livros foram escritos abordando o *Incidente Roswell*. Embora houvesse alguns pontos de divergência, todas essas obras baseavam-se numa mesma suposição: os destroços achados em Roswell seriam de uma nave alienígena que se acidentara e caíra. Receando que a população entrasse em pânico por causa de uma possível invasão da Terra, o governo americano desencadeou uma campanha de desinformação para esconder dados e informações sobre a verdadeira origem do material com que fora construída a tal nave, afirmando peremptoriamente que o achado não seria mais do que os restos de um balão meteorológico. O material teria sido, na verdade, encaminhado para análise em instalações secretas de pesquisa e escondido do público. Em alguns dos livros publicados afirmava-se que havia corpos de alienígenas e até mesmo sobreviventes, que estariam prisioneiros.

O tenente, olhando com intensidade para seus ouvintes e baixando um pouco a voz, prosseguiu:

– Exatamente como está acontecendo aqui...

Houve um rebuliço na sala e Halleck, com um gesto, pediu silêncio e disse:

– Daqui a pouco vocês poderão confirmar minhas palavras... Deixem-me terminar... No livro *Top Secret/Majic*, Stanton Friedman afirmava que possuía evidências documentais da existência de uma equipe formada por integrantes do governo dedicada a acobertar o Incidente Roswell. Este grupo, constituído por doze pessoas, foi designado *Majestic-12* tendo sido encarregado de coordenar todos os estudos secretos sobre os destroços e os corpos de alienígenas

recuperados. Porém, o governo nunca reconheceu este grupo de trabalho e os céticos dizem que as provas apresentadas no livro eram documentos falsos, inclusive com falsificações da assinatura do presidente Harry Truman.

– Dá para perceber que desde aquela época havia duas correntes dentro do governo – ponderou John – Uma que era favorável à transparência e clareza das notícias e investigações sobre os OVNIS e outra insistindo que tudo se mantivesse sob o mais absoluto segredo...

– É verdade – admitiu o tenente – A corrente favorável à verdade dos fatos, através do congressista Steven Schiff, solicitou à USAF relatórios conclusivos sobre os fatos. Em um deles a USAF afirmava que os destroços encontrados em Roswell eram restos de balões do Projeto Mogul, altamente secreto, projetado para detectar possíveis testes nucleares soviéticos. Esta explicação é no mínimo curiosa, pois os russos só iriam fazer testes nucleares dois anos depois dos acontecimentos em questão.

– Mas e o alienígena sobrevivente? – indagou Christine, curiosa.

Com um sorriso, o tenente respondeu:

– Quanto aos corpos supostamente de alienígenas encontrados, no relatório de 1997, a Força Aérea dos Estados Unidos afirmou que eram, na verdade, bonecos de teste do *Projeto High Dive*. Finalizando, a USAF concluiu que diversas atividades da Força Aérea ocorridas ao longo de vários anos foram misturadas pelas testemunhas, que as lembraram erroneamente como tendo ocorrido em julho de 1947. Os supostos corpos de alienígenas descritos nos livros eram simplesmente bonecos de testes carregados por balões de grande altitude. Já os relatos envolvendo alienígenas mortos no hospital da base de Roswell provavelmente se originaram da combinação de dois acidentes, cujos feridos foram para aí transportados: a queda de um avião KC-97, em 1956, no qual onze militares morreram

e um incidente com um balão tripulado em 1959 em que dois pilotos ficaram feridos.

Halleck tomou fôlego e prosseguiu:

– Na verdade, entre junho de 1954 e fevereiro de 1959, 67 bonecos foram lançados de balões na região do Novo México, sendo que a maioria caiu fora dos limites das bases militares. Os bonecos eram transportados em grandes caixas de madeira, semelhantes a caixões, para evitar danos aos sensores montados em seu interior. Pelo mesmo motivo, quando retirados das caixas ou após recuperados no campo, os bonecos eram normalmente transportados dentro de sacos plásticos e em macas. Em alguns lançamentos, os bonecos vestiam uma roupa de alumínio que protegia os sensores das baixas temperaturas das grandes altitudes. Estes fatos contribuíram para que as testemunhas acreditassem se tratar de corpos alienígenas.

– E todos acreditaram nisso – murmurou Max, sarcástico.

– Nem todos – falou o tenente – Até os dias de hoje, ufólogos de todo o mundo não têm dúvida de que o episódio é uma das principais provas de que discos voadores já visitaram a Terra. E há documentos e declarações que põem em séria dúvida as palavras dos militares e do governo. Por exemplo, em março de 2011, o FBI liberou um documento, cujo título era *The Vault*, de 22 de março de 1950, escrito pelo agente Guy Hottel. O documento registra apenas o boato de que três discos voadores teriam sido recuperados no Novo México e que cada uma das espaçonaves seria ocupada por três corpos de forma humana, mas com apenas um metro de altura, vestidos com roupa metálica de textura muito fina. Outro exemplo: em 2012 um ex-agente da CIA, Chase Brandon, confirmou o que muita gente já desconfiava: o incidente em Roswell realmente aconteceu. Ele declarou em entrevista para a TV: “Não era a droga

de um balão meteorológico. Era sim o que as pessoas achavam que era quando encontraram aquilo. Aquele objeto claramente não era deste planeta”.

– Muito bem... – resmungou o general McEntire – Vamos admitir que esse objeto que vocês estão examinando hoje seja de fato extraterrestre. Mas ninguém me falou de algum tripulante extraterrestre...

– Achamos melhor manter esse detalhe em sigilo, general – justificou-se o tenente – Já imaginou se acontecesse um vazamento para a mídia?

O general concordou com um sinal de cabeça e o tenente convidou o grupo a conhecer o ET.



Inegavelmente, o estranho visitante do espaço estava bem instalado num apartamento contando com um quarto sem janela e a sala estava isolada do ambiente externo através de grades de aço que lembravam um presídio. Os móveis eram de alvenaria bem estofados, paredes também estofadas, temperatura ambiente agradável e umidade controlada. Podia-se notar a existência de várias câmeras de monitoramento no local que se apresentava monotonamente branco e absolutamente isolado e estéril.

– Parece um quarto de hospício, com essas grades e paredes com revestimento acolchoado – comentou Christine.

– Não poderíamos correr nenhum risco – justificou o tenente – Se ele se desesperasse e começasse a se bater... E não poderíamos,

também, arriscar qualquer espécie de contaminação. Por isso o ambiente esterilizado.

Apontou para o banheiro e disse:

– Até agora não o vimos usar o banheiro...

– E como vocês estão fazendo para alimentá-lo? Como adivinharam o que ele come? – perguntou Christine – Há alguma forma de comunicação?

– Ele já nos disse o que lhe serve de alimento e se comunica conosco telepaticamente – respondeu o tenente, com um sorriso.

– Como isso acontece? Como conversam telepaticamente? – quis saber a moça curiosa.

– É muito simples: você o ouve dentro da sua mente, como estivesse pensando, mas não é você que pensa e sim o pensamento dele repercutindo na sua mente. Quando você pensa ele, também estará captando tudo.

– Nossa, que coisa incrível! Imagine um mundo em que todas as pessoas sabem o que os outros estão pensando... Todos seriam autênticos e sinceros.

– Quando ele quer também se comunica pela boca na nossa língua ou em português. Não sabemos se ele aprendeu outros idiomas.

O ET estava ali, confortavelmente instalado numa poltrona. Parecia estar alheio a tudo.

Apesar da aparência serena e inofensiva, não sugerindo ser uma ameaça, o ser alienígena estava sentado e com os punhos algemados ao braço da cadeira. Sua forma era humanoide e tinha cerca de 1,7 metro. A cabeça era bem maior que uma cabeça humana, completamente desprovida de cabelos, dois olhos escuros e bastante grandes, o nariz afilado e orelhas grandes e pontiagudas. A boca era proporcionalmente pequena, com lábios finos. Num primeiro instante, não lhe puderam ver os dentes. A constituição era longilínea, com os

membros proporcionalmente compridos e finos, dando a impressão de fragilidade e pouca força física. A cor tegumentar ficava entre o bege e o cinza e Christine comentou consigo mesma que aquele ET não era nem um pouco atraente.

– E o que ele come? – perguntou o general.

– Principalmente verduras cozidas no vapor e frutas – respondeu o tenente – Foi o que ele nos pediu. E toma água pura. Disse-nos, inclusive, que a nossa água é de excelente qualidade.

Nesse momento, o ET voltou a cabeça para os visitantes e estes “ouviram-no” dizer dentro da mente:

– Bem-vindos terráqueos! Percebo que estão curiosos a meu respeito e devo dizer que estou à sua disposição para responder tudo quanto eu puder... Não gostariam de entrar?

E, fixando os grandes olhos em Christine, disse:

– Pode dizer a eles que não estou contaminado e nem vou me contaminar com nada. Meu sistema imunológico é muito melhor do que o de vocês e estou naturalmente protegido contra os vírus e bactérias do seu planeta.

Sem hesitar mais, eles entraram nos aposentos do ET e pareceu-lhes que este sorria, feliz por recebê-los.

Deixando o recurso telepático de lado, falou pela boca em um inglês claro e sem nenhum sotaque estranho, que até se poderia pensar que um americano se comunicava através dele.

– Estou sendo bem tratado e já me conformei que não poderei voltar para casa. Sua raça ainda não domina uma tecnologia capaz de construir uma nave em que eu possa retornar para onde eu vim.

– De onde você veio? – indagou o general.

– Vocês já descobriram o meu planeta. Deram-lhe o nome de Kepler-22b, pois orbita a estrela Kepler-22 localizada entre as constelações de Cygnus e Lyra, 600 anos-luz distante daqui. Nós o

chamamos de Lano. Portanto, com a tecnologia de que vocês dispõem atualmente, é impossível chegar lá.

– Mas como vocês descobriram nosso mundo e como chegaram aqui? – quis saber o general – Que tipo de máquina utilizaram?

– Nós viemos em resposta ao contato que vocês fizeram anos atrás, quando dois cientistas terráqueos transmitiram informações da localização da Terra em código binário. A mensagem foi enviada para o agrupamento globular estelar M 13 na Constelação de Hércules, mas nós conseguimos captar o sinal, porque nossa estrela está perto desta constelação.

Na intenção de melhor esclarecer a informação do extraterrestre, Max fez um comentário:

– Ele está falando da Mensagem de Arecibo, elaborada e transmitida em 1974 por Frank Drake e Carl Sagan.

O visitante extraterrestre continuou:

Nós chegamos até aqui rapidamente porque utilizamos as “dobras espaciais” localizadas em determinadas regiões do espaço – respondeu o extraterrestre – Um de seus maiores gênios, Albert Einstein, já falou sobre isso. Mas ainda falta muita capacidade científica e tecnológica para vocês conseguirem o mesmo resultado. Será necessário dominar perfeitamente a energia escura, que nós denominamos de energia primordial. Por enquanto, não lhes é possível alcançar a velocidade da luz, ou superá-la, sem haver o total desmantelamento energético da matéria. Ou seja, qualquer massa, ao atingir a velocidade da luz, vai se transformar em energia pura e, portanto, será destruída. Vocês ainda precisam aprender a dominar essa transformação sem aniquilar a matéria.

Voltando o olhar para John, o ET falou:

– Nós, habitantes de Lano, somos descendentes da civilização que habitou o planeta que vocês chamam de Marte. Muito tempo

atrás, nosso lar neste sistema solar sofreu um colapso catastrófico, mas alguns sobreviventes conseguiram escapar e se refugiaram em Lano e lá constituíram uma nova civilização.

John sentiu uma pontada no estômago. Aquilo que o alienígena estava dizendo era muito semelhante ao sonho que tivera, em que uma parte da população da Terra seria transportada para outro planeta com a missão de constituir uma nova civilização. E o próprio Max tinha dito a mesma coisa.

Ouvindo os pensamentos de John, o ET esclareceu:

– O que acontecerá com a sua civilização será diferente. Não haverá destruição total do mundo e vocês não precisarão abandonar este lindo planeta em que habitam. Todavia, será necessário extirpar as almas maldosas e improdutivas que vivem no seio da civilização. São ervas daninhas que sufocam a hortaliça que é útil para a alimentação. Como diria um grande santo da antiguidade que viveu entre vocês: o trigo e o joio algum dia serão separados, pois o primeiro é útil, mas o segundo é imprestável e deve ser queimado.

Sempre olhando intensamente para o professor, continuou:

– A evolução dos nossos antepassados de Marte foi anterior à evolução da sua raça. Há cerca de 250 mil anos, numa época em que o Homo sapiens estava começando a se formar, a civilização de Marte estava vivendo um tempo idêntico ao que vocês estão vivendo atualmente: um planeta no auge do progresso tecnológico, super populoso, com guerras, pobreza, doenças, fome, etc.. Como seria de esperar, pois em todo universo, neste estágio de evolução, as humanidades são todas egoístas, dominadoras e exploradoras, as principais nações de Marte se desentenderam e começaram uma guerra nuclear mundial. Não é sem razão que o nosso antigo planeta sempre esteve associado à guerra na mitologia dos povos antigos da Terra, como aqueles que vocês chamam de romanos. Quando

os países em conflito decidiram terminar com a guerra, aconteceu o inesperado, um astro errante, que fica vagando no sistema solar, passou muito próximo da órbita do nosso planeta exercendo tão forte atração magnética que inexplicavelmente “desligou” o campo magnético que nos protegia das radiações solares. Sem campo magnético nossa civilização estava com os dias contados. Tudo foi destruído com o passar do tempo pelos ventos solares, mas ainda hoje existem indícios das nossas construções na superfície do planeta.

Quando foi descoberto que o fim da civilização estava próximo, os habitantes mais inteligentes, como cientistas, médicos, engenheiros, artistas, tanto do sexo masculino quanto feminino, entraram em várias naves espaciais, congelaram seus corpos através do processo criônico (preservação de seres vivos a baixas temperaturas) e todos partiram em direção ao planeta Lano. Nessa época, já detínhamos uma tecnologia muito superior à dos terráqueos de hoje. A viagem durou cerca de 60 mil anos. Enquanto a sonda espacial mais rápida que vocês já construíram, a Voyager 1, alcança velocidade de 17 km/s ou 0,006% da velocidade da luz, nossas naves espaciais naquele tempo alcançavam 1% da velocidade da luz, isto é, era 167 vezes mais rápida que a Voyager 1 ou cerca de 3100 km/seg. Enquanto vocês moravam em cavernas, nós conquistávamos o espaço...

– Com toda essa tecnologia, por que seus antepassados não vieram habitar a Terra? – indagou o general.

– Eles tentaram – respondeu o ET – e chegaram a construir uma base na Lua temporariamente com este objetivo, mas o problema era o oxigênio da vossa atmosfera, que sempre foi venenoso para nossa raça.

– Mas como você está aqui e respirando? – quis saber o general.

– Nossos cientistas desenvolveram um sistema adaptado ao próprio corpo que usa o nitrogênio corpóreo para substituir a respiração. A cabeça grande que temos é devido a esse sistema adaptado para poder estar em qualquer atmosfera, equivale aos capacetes dos seus astronautas. Porém, não terei muito tempo mais de vida se não voltar logo para a nave mãe, que está estacionada na face oculta da Lua.

– Quer dizer que, na realidade, vocês respiram nitrogênio? – perguntou o general.

– Sim – respondeu o ET – Respirava-se nitrogênio em Marte. Com o fim do campo magnético, quase todo nitrogênio que nossa raça respirava foi varrido do planeta pelos ventos solares. Hoje resta menos de 3% do gás na atmosfera marciana. Em 100 anos não havia nitrogênio suficiente para respirar então eles tiveram de partir às pressas deixando tudo para trás. Foi uma pena, pois Marte, milhares de anos atrás, era um planeta fértil e com uma Natureza rica como a Terra. Lá já houve rios, mares e lagos. Vossos pesquisadores já confirmaram isso através do estudo do solo marciano.

– De fato – confirmou o general – Em 2002 a NASA encontrou evidências de gelo nas observações da sonda Mars Odyssey o que foi confirmado através das análises do solo marciano feita pela sonda Phoenix em 2008.

O alienígena fechou os olhos demonstrando algum cansaço e após poucos instantes de silêncio, Christine falou:

– Uma pergunta que muitos de nós fazemos é porque vocês não se mostram abertamente, porque vivem se escondendo dos olhos humanos?

– No momento certo estaremos visíveis, pois nossa missão no vosso planeta é ajudá-los no momento mais crítico que terão de passar e será muito em breve... Estivemos ocultos porque essa foi a

estratégia adotada. Não estamos aqui sem organização ou comando, mas pelo contrário temos tudo criteriosamente planejado e obedecendo a um único comando central para o perfeito cumprimento da missão. Alguns de vocês conhecem este comando pelo nome de Ashtar Sheran. Este não se trata de um único ser extraterrestre, mas de uma sociedade galáctica de seres altamente evoluídos formada por 21 integrantes de várias civilizações da Via Láctea, cujo lema é união e harmonia.

Como eu disse, nossa raça chegou aqui recentemente para ajudar vocês a passarem pela dura provação que se aproxima. Entretanto, integramos um grupo de doze raças alienígenas que estão atualmente em missão na Terra. Destas, quatro sempre estiveram perto da humanidade há milhares de anos, desde que para este mundo vieram milhões de almas exiladas de outro planeta.

Complementando o que dissera o visitante do espaço, o tenente Halleck falou:

– De fato, em 2013 o ex-ministro da Defesa do Canadá, Paul Hellyer, admitiu em audiência pública a vários senadores em Washington que pelo menos quatro espécies de extraterrestres têm visitado a Terra há milhares de anos.

O ET, voltando o olhar para John, continuou:

– Eu não estou aqui por uma infelicidade do destino. Deixei-me abater para ser capturado e poder transmitir uma mensagem de alerta a vocês terráqueos. O astro errante que destruiu nossa civilização está retornando. No entanto, o que ele fez em Marte não fará o mesmo na Terra, mas interferirá no campo magnético forçando uma inversão dos polos magnéticos. Em decorrência deste gigantesco processo muitas catástrofes acontecerão em toda parte.

Mais uma vez, John sentiu uma pontada no estômago. Esta informação confirmava o que Max lhe havia dito na cozinha de sua casa.

O general McEntire aproveitou um breve silêncio e falou para o tenente Halleck:

– Bem, tenente, já ouvimos bastante... Preciso voltar a Nova York, mas antes, devo apanhar mais dados e informações com os militares brasileiros. Terei de aproveitar o tempo de voo para elaborar o meu relatório...



CAPÍTULO

VIII

Avisados que teriam o resto do dia livre, uma vez que o voo para NY seria somente à noite, John, Christine e Max decidiram dar uma volta pela cidade. Era a semana do Carnaval e no Brasil este evento sempre é uma atração para qualquer turista.

Um automóvel da base aérea foi levá-los até o centro de Natal, onde a festa era generalizada nas ruas. Bandas faziam a alegria dos foliões que vestiam roupas coloridas e dançavam com um pequeno guarda chuva ao ritmo denominado frevo. Havia muita gente fantasiada com os mais variados e também inusitados temas. Os três visitantes estavam admirados com tanta animação do povo. Em nada indicava que estivessem preocupados com as tragédias da natureza que aconteciam do outro lado do oceano. Também havia uma banda de música instalada no alto de um grande caminhão rodeado de potentes alto-falantes que arrastava uma multidão de pessoas.

Assim que desceram do carro para uma caminhada, duas moças semi nuas aproximaram-se de John e começaram a acariciá-lo abertamente. Christine não tolerou e, com um safanão, puxou o namorado para perto de si, ao mesmo tempo em que empurrava as duas, falando, em bom inglês:

– Este tem dona! Vão procurar outra presa! – As moças não entenderam o que ela dissera, mas perceberam que o casal não queria brincadeiras e se afastaram gargalhando.

E, ao ouvido de John, acrescentou:

– E quanto a você, trate de se comportar...!

– Mas eu não fiz nada! – protestou o professor – Elas é que me atacaram!

– Eu percebi – disse a psicóloga – Mas você não tinha nada que sorrir, entendeu?

John achou melhor não retrucar. Queria aproveitar o passeio e não brigar com a namorada.

Com muito esforço e dificuldade devido ao grande movimento, conseguiram escapar para uma área menos alvoroçada e, como John sabia que Carolina, sua ex-namorada, estava residindo em Natal com o pastor protestante com quem havia se casado, decidiu fazer-lhe uma visita.

A princípio, Christine não gostou da ideia, mas concordou meio a contra gosto. Conseguiram encontrar um táxi e John deu ao motorista o endereço de Carolina.

– Mas é o endereço do Apóstolo Mário Fernandes! – exclamou o taxista – Todos conhecem o *Castelo do Apóstolo*, aqui em Natal!



Seguindo por ruas secundárias para fugir do trânsito gerado pelo Carnaval de rua, o motorista falou para Max, que falava bem o português e se encarregou de traduzir para o casal:

– Sabe, *dotô*, eu sou católico, mas acho muito errado o que esses que se dizem pastores evangélicos estão fazendo com o povo. Eles exploram a *inguinorância* das pessoas. Na verdade, não fazem outra coisa se não vender *lotes no Céu*!

Passou uma marcha mais forte para vencer uma pequena ladeira e continuou:

– Sabem aquela revista americana que lista as pessoas mais ricas do mundo? Pois é... O Apóstolo Fernandes é o pastor mais rico do Brasil, bem longe do segundo colocado! O patrimônio do homem é de milhões de dólares!

– A religião sempre foi um negócio lucrativo – afirmou Max – E aqui no Brasil, como em qualquer outro país ainda em desenvolvimento, existem muitas oportunidades de se encontrar uma mina de ouro.

– É verdade – concordou Christine – Li uma reportagem falando do crescimento do número de evangélicos no Brasil e sobre a popularização da teologia da prosperidade adotada pela maioria das religiões neopentecostais. Segundo essa reportagem, muitos jovens no Brasil sonham em se tornar um pregador evangélico de olho não só no dinheiro que a atividade proporciona, mas também no prestígio social e possibilidade de ascensão na carreira política.

– Como a Bíblia diz – disse John, com uma risada – a fé move montanhas. E dinheiro também.

Depois de rodarem por cerca de vinte minutos por um maravilhoso litoral, chegaram a uma praia praticamente deserta, onde havia uma construção luxuosa ao estilo dos castelos do Vale do Loire, na França.

– Chegamos! – disse o motorista – Ele está sabendo de sua visita? Normalmente é preciso marcar com muita antecedência...

– Ele não está sabendo – respondeu Max para o motorista – Mas não estamos interessados em falar com o apóstolo, mas sim com sua esposa... E não vamos demorar, portanto, aguarde aqui, por favor.

Ele estava certo. Desceram do automóvel e bastou que pedisse ao guarda uniformizado da guarita à entrada que anunciasse o nome

do professor à esposa do pastor e logo foram encaminhados para a imponente entrada do castelo.

– Só está faltando o fosso e a ponte levadiça – escarneceu Christine enquanto caminhavam por uma bela alameda.

Carolina veio recebê-los pessoalmente, à entrada.

Estava bonita, vestida com luxo e elegância, um sorriso resplandecente no rosto. Era a mostra viva e encarnada da felicidade.

John, contudo, não pode deixar de pensar que Christine era muito mais bonita e que, mesmo vestindo apenas um confete de estampa colorida, superava de longe sua ex.

Caroline levou-os para uma sala de visitas e John observou que tudo ali era excessiva e ostensivamente luxuoso.

– Que surpresa agradável! – exclamou Carolina – Se tivesse me avisado que viria...

– Foi uma viagem repentina – explicou John – Uma missão da ONU na base da Força Aérea Brasileira em que estamos acompanhando um caso... Como estamos com o resto do dia livre, quis saber como você estava.

Carolina mandou servir suco de caju para os visitantes e contou que estava muito feliz ajudando o marido nos trabalhos da Igreja. Mas sua colaboração ficava restrita apenas à área financeira do ministério, visto que ela não sentia ter vocação para assuntos teológicos e muito menos pastorais.

– Estou gostando de morar no Brasil. Não tem o mesmo glamour que morar em Nova York, próximo ao Central Park, mas aqui temos recebidos muitas bênçãos financeiras, graças a Deus. – Segurou um cãozinho Yorkshire que se aproximou dos seus pés e colocando-o no colo continuou:

– Fernandes está sempre viajando, supervisionando nossos templos por todo Brasil. Depois que compramos um jatinho... Ele não pára mais em casa.

– Vocês compraram um jato? – Falou Christine surpresa com esta possibilidade.

– Compramos e registramos como patrimônio da igreja, mas é só o Fernandes que usa a aeronave. É o brinquedinho dele...

John procurou deixar as futilidades de lado e dando um tom mais sério à conversa, disse:

– Carolina, você está acompanhado na televisão que várias catástrofes naturais estão ocorrendo pelo mundo?

– Estas coisas sempre aconteceram desde que o mundo é mundo. Acho até que é uma punição divina para aqueles que não aceitam Jesus como único Senhor e Salvador. – Falou sem demonstrar pesar pelas milhares de vítimas das tragédias, que eram de países do Oriente Médio e Ásia, logo não cristãos.

Max, que até aquele momento estava em silêncio, disse:

– Você não acha que estamos perto do Juízo Final, o tão aguardado evento de seleção da humanidade, que será julgada conforme as obras de cada um, como está escrito no Apocalipse?

– Eu penso, e meu marido concorda comigo, que Jesus voltará repentinamente e levará para o céu todos aqueles que crêem no seu nome. Nós não passaremos por qualquer tribulação, pois seremos arrebatados e viveremos na glória com o Senhor para sempre. Estas coisas que acontecem do outro lado do oceano não me preocupam.

John, percebendo que ela estava refratária a qualquer pensamento contrário ao seu, fez mais uma tentativa:

– Carolina, eu tenho tido sonhos muito estranhos com tragédias da Natureza e vozes que revelam mais catastróficas ainda para acontecer. Eu sugiro que você se afaste do litoral o mais distante

possível, pois existe o risco de um tsunami atingir o litoral brasileiro na região em que estamos.

Carolina olhou o mar pela janela, sorriu incrédula e disse:

– Ora John, estas tragédias não acontecem aqui no Brasil, somos um país abençoado. Como se diz popularmente, Deus é brasileiro.

– Eu acho que você deveria pensar na possibilidade de deixar o litoral por um tempo. Uma parte da Dorsal Mesoatlântica está próxima da costa brasileira na região norte e nordeste até o estado da Paraíba. Uma movimentação das placas nesta região poderá gerar uma onda devastadora capaz de chegar até o litoral.

– Não podemos abandonar a Igreja e os fiéis de um momento para o outro... – Dizia Carolina quando o marido entrou na sala.

Após as devidas apresentações, o pastor sentou-se ao lado da esposa e com uma voz rouca falou:

– Eu estava na biblioteca ouvindo a conversa de vocês. Compreendo a preocupação do professor e todos nós estamos intranquilos com os acontecimentos do outro lado mundo. São lamentáveis a guerra e os desastres naturais, mas posso assegurar aos senhores que ainda não é o fim do mundo. Essa tribulação vai passar como tantas outras do passado. Precisamos continuar vivendo nossas vidas normalmente, com as preocupações inerentes às coisas desse mundo.

E pegando uma Bíblia que estava aberta na mesinha ao lado do sofá, exibida como um troféu para admiração pública, levantou e mostrando o livro disse:

– Esta aqui é a Palavra de Deus. Ela nos garante que muita coisa precisa acontecer antes do Juízo Final. Os justos serão arrebatados, o Anticristo dominará o mundo e profanará o Templo de Jerusalém, fazendo-se Deus para ser adorado pelos homens. Satanás será derrotado pelas hostes angélicas, os mortos serão ressuscitados... Vejam quanta coisa ainda precisa acontecer.

John meneou a cabeça, desalentado e pensou:

– É absolutamente óbvia a razão para que eles não acreditem no nosso alerta. Se ele admitir a iminência do Juízo Final, os fiéis pararão de fazer doações de ofertas e dízimos... E isso é a última coisa que ele pode querer!

Despediram-se, John bastante decepcionado por ver que Carolina estava cega pela ambição e pelo materialismo desmedido. Não deveria se impressionar tanto assim, na realidade, pois conhecia muito bem sua ex-namorada e sabia que ela era extremamente voltada para o consumismo e para as facilidades e vantagens do mundo. Para o dinheiro, enfim. A fé e a religião foi o caminho fácil para realizar seus sonhos e desejos materialistas.

Voltaram para a base aérea já ao anoitecer, poucos minutos antes de o jato da Força Aérea Americana decolar de volta para os Estados Unidos com destino a Washington, pois o general McEntire tinha assuntos a tratar no Pentágono antes de retornar para a sede das Nações Unidas em Nova York.

John sempre fora avesso a aparecer em público, era um homem bastante reservado e até mesmo tímido. Assim, ele ficou chocado ao ver um verdadeiro batalhão de repórteres aguardando sua chegada ao portão de desembarque do Aeroporto Ronald Reagan.

Bernard, que também estava ali, junto aos jornalistas, foi ao encontro do amigo e explicou:

– Desculpe-me, John, a culpa é minha. Isso é o resultado da repercussão que teve um post que coloquei no Facebook a respeito dos sonhos premonitórios que você me contou por e-mail.

Embora contrariado e sem largar a mão de Christine – ela parecia ao professor ser o seu mais importante ponto de apoio naquele momento – John procurou responder às perguntas que lhe fizeram.

Encarou aquilo como já fazendo parte da divulgação sobre os acontecimentos que estariam precedendo uma série terrível de catástrofes e que constituiriam, na visão de muitas pessoas, o denominado *Apocalipse*.

O encontro com os repórteres durou cerca de quinze minutos e foi interrompido pela chegada de dois homens usando ternos escuros e que se identificaram como agentes federais.

Um deles, disse:

– Vocês precisam nos acompanhar para um depoimento privado... E desculpem, mas tem de ser já.

Sem maiores explicações, além de uma frase vaga que dava a entender que deveriam prestar esclarecimentos no Pentágono, os dois agentes levaram Max, John e Christine para a entrada do aeroporto onde uma Blazer GMC preta estava estacionada esperando por eles.

Já a caminho do destino, escoltados por outro carro com quatro agentes e duas motocicletas, John perguntou para o policial que o tinha abordado no saguão do aeroporto:

– Vocês são da CIA ou FBI? Para onde estamos indo? Para o Pentágono?

– Na verdade, nós somos do Serviço Secreto. O Presidente quer conversar com vocês. Estamos levando-os para a Casa Branca...



Com a intensidade e frequência dos desastres naturais que estavam se espalhando pelo mundo todo e já se tornavam diários, Dom Octavius Bourjois viu-se obrigado a convocar uma reunião

da cúpula da Ordem da Revelação. Urgia tomarem providências no sentido de fazer o povo acreditar que não era o fim do mundo, que o que estava acontecendo nada tinha a ver com o tão propalado Dia do Juízo, ou o Dia do Senhor.

– O nosso maior problema é esse professor – disse Bourjois, preocupado – Temos de detê-lo!

– Não entendo como pudemos falhar nas tentativas de eliminá-lo! – exclamou Peter Balo, o seu homem de confiança – Parecia tão fácil acabar com ele... Pareceu-me um homem tão despreparado para esse tipo de combate, tão desamparado depois de ter sido preterido pela namorada brasileira...

– Ele pôde contar com a ajuda de Max Bacon – falou outro dos assessores de Bourjois, um grandalhão que atendia pelo nome de Aaron – E por cúmulo do azar encontrou aquela mulher... A tal Christine passou a ser o objetivo de vida do professor. Parece que ela substituiu com vantagens a namorada perdida.

– Temos de eliminar os três – disse Bourjois, com expressão severa – Não podemos correr o risco de sermos desacreditados.

Fixando o olhar em Balo, acrescentou:

– John sabe que não se trata da destruição completa e o fim do mundo. Mas ele pode querer fazer a humanidade acreditar que o seja. E pode querer usar isso em seu benefício. Ele conseguirá salvar muitas pessoas e todas acreditarão piamente que ele é um profeta e enviado de Deus. O que ele ordenar será cumprido. Isto impactará enormemente nos meus planos para o mundo no futuro...

– É verdade – admitiu Balo – E ele pode perfeitamente ordenar a nossa eliminação quando todo esse caos passar.

– Temos de estar preparados – falou Aaron – E, para isso, temos de montar e equipar um exército de nossos melhores seguidores...

– Receio que não tenhamos tempo para isso – disse Bourjois – O melhor que faríamos seria silenciar todos os três o mais rápido possível.

– Vou cuidar pessoalmente disso – disse Aaron – E pode ter certeza que não vou falhar.

– Assim espero – disse Bourjois – Estamos atravessando um período em que a aposta é tudo ou nada. Dominaremos o mundo depois que esses desastres acabarem ou seremos destruídos.

Aaron meneou afirmativamente a cabeça e falou:

– Sabemos que ele foi para o Brasil. Provavelmente foi procurar a ex-namorada para tentar salvá-la. Infelizmente, não temos um esquema de espionagem entre os seguidores da seita evangélica que um tal de Apóstolo Mário Fernandes lidera, o atual companheiro de Carolina. São todos extremamente fanáticos. Assim, não temos nenhuma notícia do paradeiro de John desde que eles deixaram os Estados Unidos e chegaram ao Brasil.

– Não, eles já voltaram! Ficaram lá só um dia – Falou Peter Balo – Assisti na CNN ele sendo entrevistado por repórteres no aeroporto Ronald Reagan. A TV mostrou quando dois agentes, que pareciam ser da CIA, levaram os três numa picape preta. Não sei para onde foram, mas provavelmente ainda estão em Arlington ou foram para Washington.

– Acha que devo ir para lá e eliminar todos? – perguntou Aaron.

– Creio que seria uma boa opção – respondeu Bourjois – Mas não vá sozinho. Leve uma equipe para ajudá-lo. E use nosso jato, assim poderá transportar armas e outras coisas de que poderá precisar.

Aaron sorriu. Dotado de um terrível espírito guerreiro, era exatamente isso que ele queria. Uma oportunidade para combater e acabar com o adversário pela força e violência.

– Fique precavido – aconselhou Bourjois – Se as coisas que escutamos dizer a respeito da Ordem do Cravo forem verdadeiras, esses três podem estar sendo apoiados por energias estranhas... Os tais Seres Superiores da Galáxia.

– Sabemos que isso não existe – falou Aaron, em tom de mofa – E mesmo que eles estejam protegidos, nada conseguirá parar uma bala de fuzil... E eu não pretendo dar-lhes nenhuma oportunidade...

Levantando-se, arrematou:

– Levarei seis homens. Escolherei entre meus antigos companheiros da Forças Extraordinárias. Aqueles que serviram comigo na operação Abbottabad.

Bourjois assentiu com um sinal de cabeça. Aaron saberia perfeitamente o que fazer e uma prova disso fora justamente sua participação na captura e morte de Osama Bin Laden em conjunto com os Seals, força de elite da marinha americana.

Bourjois sempre soube que, cedo ou tarde, haveria de precisar de pessoas capazes de guerrear por dinheiro. Assim, quando Aaron terminou o serviço para o qual fora contratado pela CIA, ofereceu-lhe o cargo de assessor especial e em nenhum momento se arrependeu. O mercenário valia perfeitamente cada centavo do polpudo salário que recebia. Não foram poucos os homens que Bourjois tivera de eliminar para manter o seu poder intocável, para conservar sua posição de Eminência Parda, ou seja, a pessoa que realmente mandava na Igreja Católica, muito embora permanecesse nos bastidores.

Além disso, Aaron era ateu convicto. Seu deus não era outro senão o dinheiro. Assim, ele compreendia perfeitamente que Bourjois, na realidade, não deixava de ser um homem e, como tal, sujeito às tentações como qualquer outro. E uma de suas mais fortes tentações era a atração que sentia pelas mulheres. Assim, os dois muito rapidamente fizeram-se mútua companhia em orgias que Aaron preparava

para si mesmo e para o monsenhor. Orgias que não deixavam nada a desejar aos políticos e ricos da Roma Antiga...

Para o mercenário, o cargo que ocupava e o poder praticamente sem limites de Bourjois eram-lhe extremamente convenientes. Dinheiro não lhe faltava e mulheres... Havia aos borbotões. Rara era a noite em que eles não estavam rodeados por mulheres bonitas e, logicamente, bastante permissivas.

E jamais Bourjois teve de temer que essa sua faceta viesse a ser revelada, pois ao menor sinal de ameaça, Aaron entrava em ação, simplesmente eliminando pela raiz toda e qualquer possibilidade de escândalo. Foi o que aconteceu, por exemplo, com uma mulher que decidiu chantagear o Monsenhor. Seu corpo foi encontrado carbonizado, dentro de um carro incendiado no pátio de um shopping center. Muito embora os bombeiros tivessem chegado poucos instantes depois de o fogo ter principiado, não conseguiram apagá-lo e muito menos salvar a mulher.



Acompanhado por Meggy, sua inseparável companheira para todos os momentos e todas as funções, Aaron voou para Arlington no jato executivo de Bourjois.

– Estamos correndo contra o tempo. Precisamos alcançá-los logo. – comentou, olhando para Meggy.

– Não sei por que o Monsenhor está tão empenhado em eliminá-los... Nossas hostes de seguidores são muito mais numerosas e nosso poderio, em todos os sentidos, é muito maior!

– Trata-se de uma questão política, Meggy – explicou Aaron – Bourjois não pode permitir que haja dissidentes. Todos, absolutamente todos deverão nos seguir cegamente.

– Mas isso é impossível! – exclamou a mulher – Sempre haverá quem não comungue as mesmas idéias da Ordem da Revelação! Isso faz parte do ser humano...

– Pode não ser possível por um tempo muito longo – ponderou Aaron – Mas por um intervalo relativamente curto, é perfeitamente possível. E não se pode esquecer que o Dia do Senhor chegará inopinadamente, quando ninguém estiver esperando. É dessa forma que as Sagradas Escrituras têm de ser interpretadas...

Meggy deixou escapar uma risada e, em tom escarninho, disse:

– Ora, querido... Não venha me dizer quem você acredita nessas baboseiras!

– Não acredito. Você sabe muito bem que nós, que fazemos parte da cúpula da Ordem da Revelação, sabemos muito bem que todas essas coisas foram criadas como sendo uma maneira de manter o controle sobre as massas. O desejo quase irrefreável da eternidade e o temor do desconhecido fazem com que o ser humano possa ser mais facilmente controlável. Na verdade, a religião é a mais forte das amarras... E com o povo tendo certeza que nós, da cúpula, guardamos o conhecimento, ele nos respeita e teme. Com isso, torna nossa vida melhor, mais fácil, mais confortável, mais cheia de vantagens e de riquezas.

Meggy foi obrigada a admitir que Aaron estava com a razão. Eles dois, aliás, eram um bom exemplo disso. Se não fosse pelo fato de estarem trabalhando para Bourjois, ainda seriam dois mercenários, arriscando diariamente a vida por um punhado de dólares, nas selvas africanas ou em alguma região desértica do Oriente Médio, lutando por alguma coisa que jamais poderia ser um objetivo de vida. Com Bourjois, era diferente. O objetivo era o poder, a riqueza, a comodidade.

Valia a pena correr alguns riscos e, de qualquer maneira, eram riscos bem menores do que enfrentar, muitas vezes sozinhos, centenas de soldados. Era bem verdade que havia um preço a pagar, como por exemplo, ter de, de vez em quando, dividir a cama com o próprio Bourjois... E ter de aceitar que Aaron participasse das orgias que o Monsenhor costumava fazer. Ela preferiria estar sempre com Aaron e ser somente dele... Mas ambos sabiam que não deveriam reclamar.

Como se adivinhasse os pensamentos mais profundos de Meggy, Aaron falou:

– E não adianta tentarmos enganar o Monsenhor, pois ele sempre sabe de tudo. Lembra de Arthur Carrani aquele que tentou revelar os segredos da nossa organização para imprensa? Então, até hoje ninguém sabe o que foi feito com ele. Bourjois tirou ele do mapa antes que contasse tudo que sabia sobre nós. Não faço ideia como, mas ele sempre sabe de tudo que se passa abaixo dele.

– Ora, é muito simples que ele sabe – disse a mulher – Alguém de nossa equipe é um espião de Bourjois. E quando eu descobrir quem é, pode estar certo que saberei muito bem o que fazer!

Aaron não deixou de sentir um arrepio. Ele conhecia Meggy e sabia do que ela era capaz. Da mesma maneira que podia ser uma amante calorosa, ela era perfeitamente capaz de ser a mais fria e cruel das assassinas... Aquele corpo escultural e seu rosto angelical escondiam uma guerreira terrível, profunda conhecedora de artes marciais e uma perita incrível em armas de fogo e seu manuseio.

– Bem... – resmungou ele – Vamos nos concentrar na busca de John e seus amigos. Já sabemos onde eles estão, assim, vamos cumprir com nossa missão o mais depressa possível. Temos de lembrar que as coisas estão instáveis no mundo todo e quanto antes pudermos estar em segurança, melhor.

CAPÍTULO

IX

Uma vez chegados à Casa Branca, John, Chris e Max foram levados para um bunker no subterrâneo da Ala Leste do complexo presidencial conhecido pela sigla PEOC ou Centro de Operações para Emergências do Presidente, onde havia uma sala de controle montada pela NASA.

Era um ambiente que chegava a ser assustador, verdadeiramente surrealista, com mais de 300 metros quadrados de área, repleto de painéis de controle, de bancadas com monitores de computadores e um grande telão ao fundo diante do qual cerca de cinquenta pessoas estavam assistindo a uma transmissão da CNN, ao vivo, sobre OVNIS sobrevoando a cidade de Nova York e, ao mesmo tempo, numa outra janela da grande tela, o mesmo estava acontecendo na Europa onde viam-se objetos luminosos cruzando Paris a grande velocidade e passando ao lado da Torre Eiffel. Os visitantes ficaram impressionados com a estrutura tecnológica do local, com muita gente trabalhando ali, pessoas andando apressadas, concentradas diante dos monitores ou falando ao telefone. Na parede, ao lado do telão, um grande mapa do mundo sinalizado com bandeirolas, símbolos e figuras de discos voadores dava a dimensão dos acontecimentos naquele momento em todo planeta.

Em outro telão, militares acompanhavam a ação de duas aeronaves de combate F-22 Raptor que perseguiam uma nave visível-

mente alienígena sobrevoando Seattle. Mas o OVNI logo se afastou dos caças e mergulhou na baía Elliott, desaparecendo até das telas dos radares que o acompanhavam.

– Deus do céu! Será que estamos sendo invadidos? – indagou Christine, visivelmente apavorada.

– Parece que não – aproximou-se o tenente Halleck, o mesmo que eles tinham conhecido na base aérea brasileira – nenhum destes OVNIS fez qualquer disparo, pelo contrário, nós é que estamos sendo agressivos. Quando nossos caças tentaram abatê-los, eles não foram atingidos, pois parecia haver um campo energético desconhecido blindando-os. Se eles forem realmente de outro planeta, e tudo indica que são, não estão tendo uma boa recepção dos humanos.

O tenente estava acompanhado do astrônomo William Mitchell, da NASA e assessor especial do presidente para assuntos espaciais, o mesmo que havia sido fotografado pelo paparazzo recebendo uma mensagem sms no celular. Após o tenente fazer as apresentações, Bill, como era chamado, pediu que os três visitantes o acompanhasse, pois o Presidente iria recebê-los em breve.

Já numa sala de reuniões, ao redor de uma grande mesa oval, o tenente Halleck noticiou que as catástrofes estavam aumentando, algo nunca visto antes, e assegurou que os cientistas da NASA já tinham descoberto a causa disso tudo.

– O Presidente está em uma videoconferência com o presidente russo na *Sala da Situação* e logo estará aqui para explicar tudo a vocês – falou o astrônomo.

Não demorou muito, o Presidente chegou acompanhado pelo general McEntire e um oficial militar que carregava a “Bola Nuclear”, aquela maleta preta contendo instruções e códigos para o lançamento de armas nucleares caso seja necessário um ataque direcionado

imediatamente ou o lançamento de todo arsenal nuclear americano de uma só vez capaz de destruir todo planeta.

– Darei uma coletiva para esses abutres da Imprensa dentro de trinta minutos – falou ele, colocando sobre a mesa uma encadernação preta cuja capa estava estampada com o *Grande Selo dos Estados Unidos* e escrito “TOP SECRET” – Mas antes quis conhecer o professor John Holson Smith, que, segundo fui informado, tem recebido mensagens premonitórias através da sua paranormalidade. O ser alienígena que vocês conheceram no Brasil revelou-nos que o professor recebeu a missão de certo comando extraterrestre para alertar o mundo a respeito das coisas que estão para acontecer com a humanidade. Todavia, é importante lembrar que é nosso dever esclarecer a população o mais possível, mas sempre guardando o cuidado necessário para evitar o pânico generalizado.

– O pânico já está se instalando, Senhor Presidente – resmungou o general.

– Sei disso – replicou o Presidente – Mas ainda é passível de controle. O grande perigo surgirá se perdermos o controle sobre ele. Aí a fuga será desenfreada e teremos muitas mortes que poderiam ser evitadas.

Sentando-se à ponta da mesa, o Presidente continuou:

– Chamei esses repórteres de abutres pensadamente. Para vocês terem uma ideia, eles ouviram dizer que eu estava muito preocupado com a chegada de Edna... E logo criaram uma amante minha com esse nome! Isso até parece roteiro de Hollywood, mas às vezes a vida imita a arte...

Esboçou um sorriso e prosseguiu:

– Edna é o codinome que nós demos para o planetóide Sedna. Antes de continuar, explique para eles o que sabíamos sobre Sedna, general McEntire.

– Sedna foi descoberto em 2003 e acreditávamos que fosse um planetóide localizado além do Cinturão de Kuiper, isto é, na Nuvem Oort, o que significa dizer que ele estaria três vezes mais distante do Sol que Netuno. Sua órbita é extremamente excêntrica, com um afélio (ponto da órbita mais distante do sol) em cerca de 937 UA (Unidades Astronômicas) e periélio de 76 UA. É o corpo mais vermelho do sistema solar e seu período orbital é de cerca de 12.000 mil anos. Em linhas gerais é isso Senhor Presidente.

– Muito bem – falou o Presidente batendo a caneta na mesa – o grande problema é que nossos cientistas descobriram que Sedna está vindo em direção à Terra.

– Mas Sedna não estava muito além de Plutão? – perguntou John espantado.

– Quando o astro foi descoberto, a distância foi calculada corretamente, no entanto, devido a imprecisão de alguns dados obtidos, a estimativa da órbita foi equivocada. Os telescópios terrestres tinham uma imagem muito instável de Sedna devido à turbulência da atmosfera terrestre. Deste modo, foi preciso usar as lentes do Telescópio Espacial Hubble para observar o novo planetóide, o que equivaleria a tentar ver um campo de futebol a 1.500 quilômetros de distância. Depois que o Hubble localizou Sedna, ele foi utilizado para outras tarefas e ninguém se preocupou mais com o planetóide, até porque ele estava muito distante. Nossos astrônomos só se deram conta que Sedna estava dentro do sistema solar, localizada entre as órbitas de Saturno e Júpiter, há pouco mais de um ano quando os telescópios terrestres já eram capazes de observar o astro com mais precisão.

O Presidente lançou um olhar para seu secretário, o astrônomo William Mitchell que, depois de raspar a garganta, assumiu a palavra, completando a fala de seu superior:

– Realmente, a órbita calculada era bastante incomum. A localização de Sedna, no modelo orbital proposto, não fazia nenhum sentido. O planetóide não poderia ter a órbita que pensávamos, pois ele nunca chegaria perto o suficiente para ser influenciado pelo Sol, mas também não estava longe o suficiente do Sol para ser afetado por outras estrelas. Por causa desta anomalia, ganhou força a hipótese Nêmesis.

Nos últimos 30 anos, alguns colegas meus sempre acreditaram na existência de uma estrela companheira do nosso sol. A ideia não era absurda, pois a maioria das estrelas em nossa galáxia está reunida em grupo de dois, três e até quatro estrelas juntas, por isso a hipótese tinha algum crédito no meio acadêmico. Esta estrela foi chamada de Nêmesis ou Estrela da Morte porque ela seria a responsável pelas extinções em massa que ocorreram no passado do nosso planeta. Nêmesis, ao entrar na Nuvem Oort, perturbaria as órbitas de milhões de asteroides e cometas, que seriam lançados em direção ao Sol. Muitos destes corpos cairiam na Terra causando as extinções em massa do passado.

Fez uma breve pausa para tomar um gole d'água e após um suspiro continuou:

– Senhores, *A Verdade Está Lá Fora*. Sedna é o nosso Arquivo X – falou referindo-se ao seriado de ficção científica que fez grande sucesso na FOX nos anos 90. – Sedna é a estrela Nêmesis que acreditávamos existir. Este corpo não é exatamente um planetóide, mas uma estrela anã marrom e seu tamanho é três vezes maior do que supúnhamos ou aproximadamente 2.500 km de diâmetro equatorial ou 70% do tamanho da Lua. Apesar da claridade do Sol, esta estrela já pode ser observada durante o dia na constelação de Touro. A característica mais importante dela é um gigantesco campo magnético. É exatamente este campo magnético que está causando as catástrofes em nosso planeta, pois está agindo diretamente na magne-

tosfera e influenciando o núcleo terrestre que é o dínamo gerador do campo magnético. Sabemos disso porque existem sinais evidentes de inversão dos polos magnéticos. Precisamos nos preparar para um caos ainda pior.

O secretário do presidente levantou-se e dirigindo até o telão de LED preso na parede que mostrava uma animação da órbita de Sedna, explicou:

– A estrela anã marrom já passou pelo Sol e está neste momento passando por Vênus no Hemisfério Celestial Sul, próxima ao plano da eclíptica. Como vocês podem ver, a órbita de Sedna é bastante excêntrica, isto é alongada, sendo semelhante à dos cometas de longo período. Como disse o Presidente, Sedna está vindo em nossa direção.

– Existe algum risco de este corpo celeste chocar-se contra a Terra? – quis saber Christine.

– Existe um pequeno risco estatístico que não deve ser desprezado, algo em torno de 0,1%. O mais provável é que o periélio da órbita seja em algum ponto entre as órbitas da Terra e Vênus, isto é, onde retornará para a vastidão do espaço. A propósito disso, desvendemos um dos maiores enigmas da ciência: porque a rotação de Vênus é contrária a dos outros planetas do sistema solar. A explicação é que ao longo de milhões de anos, a cada passagem de Sedna, Vênus sofreu com os efeitos do campo magnético do astro invasor e aos poucos seu eixo de rotação foi deslocando-se até ficar nos atuais 177° , ou seja, Vênus “virou de cabeça para baixo”. É por esta razão que nosso vizinho gira ao contrário.

Apontando para a animação, continuou:

– O perigo maior é se a estrela se aproximar muito da Terra... Não quero nem pensar nas consequências... Apesar de a Lua não ter campo magnético significativo para ser influenciado por Sedna, a interação gravitacional entre dos dois astros poderá resultar

em terríveis conseqüências para a Terra. Tsunamis gigantesco poderão varrer o litoral em todos os continentes. O cenário seria apocalíptico. – Falou o astrônomo voltando para a mesa e visivelmente preocupado.

– Não poderíamos detonar armas atômicas para alterar a órbita da estrela? – Propôs John.

O Presidente tomando a palavra, pois quando se trata de armamento nuclear qualquer ação depende das decisões dele, falou:

– Esta seria uma solução viável, mas em tempos de paz. A guerra que enfrentamos na Ásia e Oriente Médio impede-nos de usar armas nucleares nesta operação, pois seria necessário usar todo nosso arsenal nuclear para o sucesso desta empreitada. Eu estava a pouco em teleconferência com o presidente russo tratando exatamente desta questão, mas ele não está disposto a cooperar cedendo parte das ogivas nucleares necessárias. Desta forma, esta solução está descartada, pois podemos precisar das armas atômicas nesta guerra em que estamos envolvidos.

Olhando para o general McEntrie, como se ele soubesse de algo, continuou:

– Se soubéssemos a verdade sobre Sedna alguns anos atrás, poderíamos nos preparar adequadamente para este momento. O primeiro alerta havia sido dado por um escritor que no auge do Fenômeno 2012 e das profecias maias, lançou um livro onde analisava profecias apocalípticas. Na segunda edição do livro ele previu que Sedna passaria próxima da órbita da Terra. Suas idéias pareciam absurdas na época, mas mesmo assim chegaram ao nosso conhecimento e das Nações Unidas, mas não tiveram qualquer crédito ou relevância e o autor foi totalmente ignorado.

– E quanto aos cataclismos? Eles podem piorar? – quis saber John.

– Não temos certeza, mas é possível – falou o assessor do Presidente – Nossa civilização nunca vivenciou uma inversão magnética dos polos e o pior cenário é a intensificação dos cataclismos com mais terremotos, tsunamis, elevação do nível do mar e erupções vulcânicas que se tornarão mais frequentes nos próximos dias. Existe também o risco de deslocamento dos pólos geográficos que poderão migrar para outras regiões.

Neste instante tocou o celular do astrônomo W. Mitchell que interrompeu as explicações, permitindo ao general McEntrie dar mais esclarecimentos.

– Existe ainda outro fato complicador extra: acompanhando Sedna, milhares de asteróides e cometas estão vindo e serão lançados em direção à Terra. Será uma chuva de meteoros. Um cenário desta magnitude aconteceu na última extinção em massa ocorrida entre 12 e 13 mil anos atrás, que coincide com o período orbital de Sedna. A última passagem da estrela anã pelo sistema solar ocorreu na intercessão das eras geológicas Pleistoceno e Holoceno, caracterizado pelo fim da Era do Gelo e pela extinção de muitas espécies de mamíferos de grande porte. É desta época o desaparecimento do Mamute Lanoso, Alce Gigante, Urso das Cavernas, entre outros. Destaco ainda que foi também por esta ocasião que o povo americano da pré-história, conhecido por Cultura Clóvis, também desapareceu misteriosamente. Agora, tudo se encaixa e Sedna é peça chave que faltava para a correta compreensão da pré-história da nossa civilização.

Com o semblante que lhe dava uma aparência mística, Max manteve-se todo tempo calado como se já soubesse de tudo que estava sendo dito ali. Tencionando encerrar a reunião, o Presidente tomou a palavra e falou:

– Não existe manual prático para enfrentarmos esta situação. Precisamos tomar a decisão certa e com rapidez. Fomos todos pegos de surpresa. Sedna está onde não deveria estar.

Quando o Presidente mencionou a última frase, de imediato veio à mente de John a voz no sonho e as palavras que ouvira tão claramente: “Quando o Destruidor estiver onde não deve estar, saiam todos do litoral.” – E compreendeu que o *Destruidor* era Sedna. O alerta era evidente, pois a população que vivia em áreas costeiras deveria deixar o litoral devido à ameaça de elevação do nível do mar e dos tsunamis que se formariam, conforme acabava de ser dito naquela sala.

O Presidente finalizou:

– Acho que seria oportuno convidar o escritor brasileiro que previu tudo isso para mais esclarecimentos de algo que ainda não sabemos. Precisamos salvar o maior número de vidas humanas, preservar o conhecimento técnico, científico, proteger obras de arte entre outras ações emergenciais. Estamos correndo contra o tempo.

O Presidente manda chamar o Tenente Halleck que tão logo entrou na sala recebeu a ordem do Comandante Em Chefe para deflagrar o plano de contingência com vistas a evacuar toda população americana do litoral e abrigar nas cidades do interior do país.

Assim, procurando aparentar uma tranquilidade que estava longe de sentir, despediu-se dos visitantes e deixou a sala de reuniões acompanhado por alguns assessores e o inseparável militar carregando a maleta do fim de mundo. Após a coletiva com a imprensa onde contou toda verdade sobre Sedna aos jornalistas, gravou um pronunciamento à nação pedindo calma ao povo e fé em Deus. Lembrou a solidariedade do povo americano e convocou a população do interior para que recebessem em suas casas aqueles que deixariam

o litoral, pois os ginásios e locais públicos não seriam suficientes para comportar todos.

John, Christine e Max ainda permaneceram mais um pouco na sala de controle, admirando-se com toda aquela parafernália de altíssima tecnologia. Quando o tenente Halleck retornou, convidou-os a se hospedarem no mesmo hotel que tinha sido reservado para os membros da equipe que estava assessorando o Presidente naquele difícil problema que afetava toda a humanidade.

Fora do bunker, enfrentaram uma forte tempestade que já estava evoluindo para a dimensão de um furacão de categoria 5.



Uma vez confortavelmente instalados num amplo e luxuoso apartamento do hotel, Christine comentou:

– Bem, lá fora a tempestade está castigando, mas aqui dentro estamos bem protegidos... Vi o esquema de vigilância que foi providenciado para este hotel. Estamos cercados por *marines* e por agentes da CIA. Ninguém conseguirá entrar para tentar alguma coisa contra nós!

– Não tenho tanta certeza assim – ponderou Max – Esses seguidores da Ordem da Revelação virão numa espécie de comando e são homens muitíssimo bem preparados. Mas estarei vigilante e podem ter certeza de que darei muito trabalho para quem tentar alguma coisa...

Abriu um sorriso procurando tranquilizar os dois e acrescentou:

– Vamos tratar de descansar um pouco. Teremos de nos revezar por causa da vigilância. Vocês dois vão repousar e dentro de seis

horas, será minha vez. Teremos uma situação de alarme a qualquer movimento suspeito ou mesmo pelo barulho de um helicóptero ou de um avião voando mais baixo do que o normal. Trataremos de fugir pela saída de serviço do hotel. Seria um verdadeiro suicídio tentar enfrentar esses fanáticos, uma vez que eles tenham conseguido entrar...

– Mas você disse que daria muito trabalho a eles... – protestou Christine.

– Sim, darei – disse Max – Mas se eles chegarem até este apartamento... Se conseguir detectá-los apenas dentro do hotel, será mais prudente e muito mais seguro fugirmos daqui.

John e Christine não se fizeram de rogados. Foram para a suíte do hotel e após o banho ainda conversaram sobre profecias e os últimos acontecimentos em todo mundo. Christine achava o namorado um privilegiado por poder ver o futuro, mas John confessou-lhe que sentia-se angustiado com suas visões, pois pouco podia fazer para salvar todas as pessoas ameaçadas. A moça procurou tranquilizá-lo dizendo que qualquer esforço seria útil, pois para aqueles que lhe derem crédito ele será muito importante.

Antes de dormir, John pegou a Bíblia e foi reler o *Sermão Profético* de Jesus. Encontrou versículos nos evangelhos que sugeriam a antevisão do caos mundial por Jesus. Por exemplo, o surgimento inesperado de Sedna está profetizado no evangelho de Marcos, quando Jesus disse: *“Quando virdes a abominação da desolação situada onde não deve, quem lê, entenda, então os que estiverem na Judéia fujam para os montes.”*² Estava claro que a expressão “Abominação da Desolação” referia-se à Sedna, que estava onde não deveria estar, pois era ela a responsável por toda aquela

²: Marcos, 13:14

desolação, assolamento e destruição que o mundo estava passando. Isto coincidia com a mensagem dos sonhos que vinha tendo. O citado Destruidor era, na verdade, a Abominação da Desolação da profecia bíblica. Quanto à recomendação para quem habita a Judéia de que deveria fugir para os montes sugere a elevação do nível do mar naquela região.

John pensou que aqueles versículos era um rico material profético que não tinha sido decifrado a tempo para que a humanidade se preparasse para aquela tribulação. Ainda no mesmo evangelho, John leu a profecia daqueles tormentosos dias que o mundo estava vivendo: *“Naqueles dias haverá uma aflição tal, qual nunca houve desde o princípio da criação, que Deus criou, até agora, nem jamais haverá. Se o Senhor não abreviasse aqueles dias, nenhuma carne se salvaria. Mas, por causa dos eleitos que escolheu, abreviou aqueles dias.”*³

No texto de Lucas, surpreendeu-se com a precisão da profecia. Até parece que Jesus tinha assistido tudo que estava acontecendo no mundo. *“E haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas. E na terra angústia das nações em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas. Homens desmaiando de terror na expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo, porquanto os poderes do céu serão abalados.”*⁴

Enquanto o casal descansava, Max ligou o aparelho de televisão e sintonizou-o na CNN. Naquele exato momento o âncora do canal noticiava:

– ...a destruição já é estarrecedora em toda a Costa Oeste. Com a elevação repentina do nível do mar, San Francisco, Los Angeles e San Diego estão praticamente debaixo d'água. Há centenas de desaparecidos e milhares de desabrigados. Situação igualmente

3: Marcos, 13:19-20

4: Lucas, 21:25-26

calamitosa acontece em várias partes do mundo. O Sul da Inglaterra, a região da Normandia e quase todo território holandês sofre com a elevação do mar, algo nunca visto antes. Em Londres, o sistema de defesa que protegeu a cidade durante décadas da maré alta do Rio Tâmisa não suportou a força das águas e soçobrou.

Na Itália, vulcões que estavam extintos, entraram em erupção e centenas de terremotos assolam todo o país. Na Ásia, vários tsunamis simultâneos atingiram Japão, Coreias, China, Filipinas, Indonésia, Vietnam, Malásia, Singapura e Austrália. Vários terremotos abalaram China, Índia, Paquistão e várias partes do Oriente Médio.

Na América do Sul, o Brasil foi atingido por um tsunami produzido pelo deslocamento da placa tectônica Sul Americana destruindo várias cidades, dentre elas a capital do Estado de Rio Grande do Norte, Natal. Não sabemos até quando conseguiremos continuar a transmitir notícias de terra. Nossos diretores estão estudando a possibilidade de efetuarmos estas transmissões a bordo de aeronaves, uma vez que parece mais seguro estar lá em cima do que aqui embaixo. Resta-nos apenas encontrar meios que garantam o reabastecimento dos aviões. Os cientistas afirmam que está ocorrendo uma alteração significativa no eixo terrestre, algo nunca visto antes na civilização humana.

Segundo a comunidade científica, todo esse caos na Natureza está sendo causado pela passagem de uma estrela anã marrom vista no céu durante o dia e que antes acreditava-se tratar do planetóide Sedna. Por conta destes acontecimentos e pela guerra em curso o comitê diretor do Boletim dos Cientistas Atômicos da Universidade de Chicago decidiu reajustar o Relógio do Juízo Final para 11:59, isto é, falta um minuto para o fim do mundo. A última vez que o relógio simbólico da comunidade científica esteve tão perto da meia noite foi em 1953, quando chegou a 11:58.

O presidente dos Estados Unidos está propondo aos governos dos países em guerra uma trégua para enfrentar este inimigo em comum que veio do espaço que é muito mais poderoso e mais devastador que a guerra. Quando esse caos passar, teremos de começar uma nova civilização.

Max deixou escapar um suspiro e murmurou:

– Bem... Para mim nenhuma novidade. A Ordem do Cravo já sabia que tudo o que está acontecendo é consequência da inversão dos polos magnéticos. Infelizmente, tudo isso precisa acontecer para que a humanidade, tal qual uma fênix, renasça após esta enorme aflição em novas bases do amor e fraternidade. Provavelmente, grande parte da população perecerá, levando consigo o que se convencionou chamar de “civilização moderna”. Deverá acontecer sério retrocesso para aqueles que sobreviverem. A tecnologia estará prejudicada, a produção de bens de consumo, assim como a de alimentos, sofrerá uma drástica queda... As bases monetárias terão de ser reformuladas, uma vez que o padrão monetário vigente não mais servirá para muita coisa...

Foi arrancado de seus pensamentos pelas palavras do âncora que, naquele instante, estava dizendo:

– No Vaticano, que foi praticamente destruído pelo terremoto que assolou Roma, não se tem notícias do Papa. Supõe-se que ele tenha sido transportado para Castel Gandolfo, sua residência de verão, localizada na região do Lázio, um lugar mais alto e distante 30 km de Roma e que não foi comprometida pelo terremoto. O último compromisso do Papa antes do terremoto foi uma audiência com o Monsenhor Dom Octavius Bourjois, interrompida com o abalo.

– Bourjois conseguiu... – falou Max, para si mesmo – Ele está muito perto do poder e de todo tesouro do Vaticano. Com pouca coisa

mais, com mais um pequeno esforço e ele estará sentado no trono de São Pedro...

Max sabia que tinha de fazer alguma coisa para impedir que isso viesse a acontecer. Conhecia Bourjois de longa data e estava ciente de que este, uma vez detentor de todo poder, seria o pior de todos os tiranos. Nenhum déspota do passado se comparará a ele. Para Bourjois, o que interessava, realmente, era a hegemonia absoluta, o domínio total sobre o planeta.

Exatamente nesse instante, a transmissão foi interrompida.



Enquanto Max tentava estabelecer consigo mesmo um plano de ação, John, dormindo ao lado de Christine, sonhou com Carolina que era arrastada pela correnteza de um rio caudaloso. Junto dela, muitas pessoas das mais variadas idades e raças debatiam-se tentando se salvar. O rio, que formava uma catarata, estava repleto de pessoas que eram arrastadas para o precipício da queda d'água e para a morte. Ele quis pular na água para salvar a ex-namorada, mas era impedido por alguma força invisível.

Acordou sobressaltado e após alguns minutos olhando o teto, refletindo como sua vida tinha mudado quando decidiu tomar aquele chá, resolveu levantar-se e foi até o *frigobar* tomar alguma coisa.

Na sala, encontrou Max que, apontando a televisão desligada, disse:

– Não há mais transmissão. E pouco antes de parar, escutei a notícia de que, entre muitas catástrofes por todo mundo, um tsunami

atingiu o litoral nordeste brasileiro. Natal, a cidade onde sua ex-namorada mora foi duramente castigada. Sinto que ela não sobreviveu... Um VT mostrou a cidade destruída, inclusive a mansão em que estivemos... Não sobrou absolutamente nada. Lamento, John.

Apesar de não ter mais nada que o ligasse a Carolina, John ficou bastante abalado com a notícia.

Deixou-se cair sobre o sofá, murmurando:

– Tinha esperanças que ela sobrevivesse. Gostaria que a religiosidade dela fosse para o crescimento espiritual e não material.

Nesse instante, Christine, que também acordara, veio para a sala e, sabendo por Max a notícia, preparou uísque para eles três e, abraçando John, disse:

– Eu sei que é triste, querido, mas não precisa ficar chorando a morte dela. Você fez o que seria possível para alertá-la do perigo. – Disse afagando os cabelos do rapaz.

Passava de quatro horas da madrugada e, apesar de cansado, John não conseguiu mais dormir.

Ficou ali na sala, Christine cochilando com a cabeça sobre seus joelhos, pensando na difícil missão que lhe tinha sido conferida.

Como se captasse os pensamentos de John e talvez tendo sido alertado por forças espirituais invisíveis, Max falou:

– E é também uma missão muito perigosa... Os homens da Ordem da Revelação estão nos caçando. E estão próximos. Temos de sair daqui o quanto antes!

– Mas como faremos isso? – perguntou o professor, com um tom desesperado em sua voz – As estradas estão congestionadas, todos estão saindo do litoral... Além do mais, acho que seria muito mais fácil para nossos perseguidores encontrarem-nos no meio de um engarrafamento!

– Vamos sair num helicóptero – respondeu Max.

Esboçando um sorriso, completou:

– Já falei com o general a respeito disso e, ele me garantiu que deixaria um *Bell 206 Jet-Ranger* no heliponto do hotel. Não precisamos de piloto, pois meu curso de Engenharia Aeronáutica incluía pilotagem de helicópteros e sei que você também é piloto... Vamos partir por volta de nove horas da manhã.

John sentiu-se mais tranquilo e ia perguntar a Max como é que ele sabia sobre ele ter brevê para helicópteros, mas nesse momento o seu celular tocou.

Era Bernard, que lhe disse:

– Desculpe a hora, John, mas somos obrigados a aproveitar os poucos momentos em que as comunicações via celular estão funcionando... Preciso que você retorne à Universidade o quanto antes... Fui intimado pelo nosso reitor a convencê-lo a proferir uma palestra aos alunos e professores explicando tudo isso que está ocorrendo.

– Ok. Então partiremos pela manhã – respondeu John.

Max, que tinha escutado o que Bernard falara, uma vez que o aparelho estava no viva-voz, disse:

– Diga para ele que teremos de reabastecer na Filadélfia, pois independentemente de o helicóptero que vamos usar esteja com o tanque completo, quero arrumar mais dois tanques suplementares. Não sabemos o que ainda teremos de voar com esse aparelho e quais serão as possibilidades de reabastecimento que teremos pela frente. Sei que está faltando combustível em muitas cidades porque as refinarias estão paralisadas.

Esperaram que Christine despertasse e, depois de um reforçado desjejum, subiram para o heliponto do hotel onde, como dissera Max, um *Jet-Ranger* estava à sua disposição.

Rapidamente, ocuparam seus lugares, Max checkou o aparelho e, elegantemente, decolou.

Sobrevoando a cidade, eles notaram o trânsito caótico, muitos prédios destruídos, incêndios em vários pontos sucediam-se. Ruas e avenidas ficaram completamente alagadas após a passagem do furacão.

Mostrando o desastre abaixo deles, Max disse:

– Este caos que vocês estão vendo, e neste momento se repete por todo planeta, foi previsto por muitos videntes e profetas do passado, dentre eles, Nostradamus e Edgar Cayce. Poucos acreditaram neles, mas hoje sabemos que estavam certos. Na Bíblia, no Antigo Testamento, os profetas já alertavam para este momento histórico que a raça humana está experimentando, conhecido por Ira de Deus ou Dia do Senhor. Até Jesus também previu esta desordem mundial e encontramos seu alerta no sermão profético do evangelhos sinóticos, onde aparece misturado à profecia da queda de Jerusalém. Meus amigos, já estamos vivendo o Juízo Final e a seleção da humanidade.

Empurrando o cíclico para diante, ganhando velocidade, Max continuou:

– As almas condenadas serão exiladas em outro planeta muito semelhante ao nosso no tempo da pré-história, mas os justos ficarão aqui e terão a oportunidade de reconstruir o mundo e perpetuar nossa civilização. E esta reconstrução tem de acontecer de maneira o mais natural possível. Não podemos permitir que o recomeço surjam falhas como, por exemplo, a interferência de homens como Bourjois. Ele vai querer ter o domínio absoluto sobre o que restar da humanidade. A Ordem da Revelação tem exatamente esse objetivo: implantar uma Nova Ordem Mundial que unirá todos os sobreviventes transformando-os em escravos sob a fâmula de uma religião única, um catolicismo semelhante ao da Idade Média, em que apenas os clérigos eram os detentores do Conhecimento e da Verdade.

– Na verdade – ponderou Christine – esse é o objetivo das cúpulas de todas as religiões e seitas espalhadas pelo mundo. Talvez o budismo seja uma exceção, mas as demais...

– Tem razão – admitiu Max – Esse pessoal das elites não leva em consideração que a diversidade também é uma característica do ser humano. Além disso, essa mesma diversidade dificulta que se instale um regime verdadeiramente escravocrata. Uma escravidão regida por uma única fé dominante.

– Às vezes você me dá a impressão de ser ateu... – comentou John.

– Não me considero um perfeito ateu – respondeu Max, com um sorriso – Acredito, por exemplo, nos Seres Superiores de outras dimensões. E tenho provas de atuação deles em nosso mundo. Mas o estudo, as pesquisas e a racionalização levaram-me a não mais aceitar muitos dos chamados “dogmas de fé”. Toda religião é criação de homens que desenvolvem um corpo doutrinário e teológico que acreditam ser a verdade única e imutável. As principais religiões do mundo foram desenvolvidas por homens do passado, num tempo em que o conhecimento científico não chegava nem a 1% do que se conhece hoje. Como que homens do passado poderiam ser infalíveis em determinar o que era verdade em assuntos divinos se nada sabiam sobre ciências? Congregações e ordens religiosas foram criadas para escravizar a consciência humana com objetivo de formar homens mentalmente iguais.

– Mas sua vida é dedicada à Ordem do Cravo – ponderou John – O que significa que você crê em algo, que você luta pelos mesmos objetivos que, por exemplo, Bourjois.

– Sim, mas de forma totalmente diferente, posso dizer até mesmo oposta – objetou Max – A Ordem da Revelação pretende unificar todas as religiões e seitas para poder dominar por completo a mente

dos seres humanos. Não é impossível que estabeleçam uma nova Inquisição para fazer desaparecer todo aquele que se manifestar contra suas regras. Nós, da Ordem do Cravo, pregamos a boa conduta, a moral e a ética, com bases assentadas nas Leis Naturais. Por exemplo, “Não matarás”. É uma das leis naturais. “Não roubarás”, é outra. E não queremos unificar nada, sabemos que a diversidade é necessária para o progresso humano. É de uma discordância que pode surgir uma boa nova ideia que impulsionará a civilização para frente. Se não fosse Einstein com a sua teoria da relatividade, contradizendo muito do que se sabia até então, muita coisa teria estagnado, não é mesmo? E, logo em seguida, todos que o contradisseram, de alguma maneira colaboraram para que o progresso da ciência continuasse.

Sobrevoando a região, eles puderam notar que os estragos eram imensos. Rios transbordaram, morros deslizaram, fendas enormes abriram-se no solo.

– Os lençóis freáticos romperam – explicou Max, como se estivesse, mais uma vez, lendo os pensamentos do professor – Este fenômeno se chama liquefação e surge após abalos sísmicos quando grande quantidade de água sobe para a superfície, causando tudo isso que você está vendo.

Apontou para uma coluna de fumaça negra que subia para o céu a alguns quilômetros de distância e falou:

– Vejam, aquele é o perigo maior, neste momento... Vulcões adormecidos ou extintos podem entrar em atividade a qualquer momento e pegar a população de surpresa. Nosso maior temor é a erupção do super vulcão Yellowstone que seria terrível para a América. Tudo isso está acontecendo porque o núcleo interno da Terra está em movimento, intensificando as correntes de convecção do manto. Isto aumenta a pressão no interior da Terra e os vulcões

são a válvula de escape do planeta. Este aí está preste a cuspir magma por todos os lados em uma grande explosão.

John meneou a cabeça desalentado e, sem esconder uma grande ponta de sarcasmo, perguntou:

– E o que você acha que os Seres Superiores vão nos mandar fazer? Num planeta semi devastado, em autêntica e real convulsão?

Max fez o helicóptero pegar a rota definitiva para Filadélfia e, depois de alguns instantes, respondeu:

– Estes Seres já passaram por esta situação antes em outros planetas. Este Juízo Final sempre acontece em todos planetas habitados com vida inteligente. É um momento de transição necessária. Eles sabem o que deve ser feito e o que podemos fazer para ajudá-los. Eles lhe dirão o que fazer. Por enquanto, o que eu sei é que temos de ir até Filadélfia para abastecer e comprar o máximo que pudermos carregar em termos de combustível.



CAPÍTULO

X

Enquanto Max, o professor e sua namorada rumavam para Filadélfia, por telefone Bourjois recebia de Aaron, a notícia que ele ainda não tinha conseguido alcançar os três.

– Mas isso não é possível! – esbravejou o Monsenhor – Ainda que ele esteja sendo ajudado por esse maldito Max Bacon, você já tinha de tê-lo eliminado!

– Farei isso, Dom Octavius – garantiu Aaron – Consegui descobrir que eles estão indo para Nova York. Nosso serviço de escuta telefônica detectou uma ligação que John recebeu, revelando seu destino, mas eles farão uma escala na Filadélfia para abastecer a aeronave. Vou apanhá-los ainda hoje!

– Pois assim espero – disse Bourjois – Eles não podem ter a oportunidade de espalhar a notícia para a população de que o Juízo Final chegou!

Aaron sabia que o que o Monsenhor estava dizendo era a mais pura verdade. Para o sucesso dos objetivos da Ordem da Revelação, era fundamental que John desaparecesse. E o quanto antes.

Porém, ao mesmo tempo, ele sabia que não seria uma tarefa das mais fáceis. Conhecia Max de longa data, estava ciente de seu potencial como guerreiro e imaginava que não seria simples eliminá-lo. E, enquanto Max estivesse vivo, seriam mínimas as possibilidades de apanhar o professor.

– Temos de resolver isso ainda hoje – disse Aaron para Meggy.

– Podemos atraí-los para uma armadilha – sugeriu a mulher.

– E como pretende fazer isso? – quis saber o mercenário.

– O ponto mais fraco de qualquer homem é a mulher amada – respondeu Meggy, com um sorriso maligno – No momento em que ele souber, ou mesmo desconfiar, que a mulher amada está em perigo, arriscará qualquer coisa para salvá-la.

– Mas pelo que sabemos, a ex-namorada já está morta... – objetou Aaron.

– Ela não é mais a amada de John – replicou Meggy – Vamos seqüestrar Christine. E acho que devemos fazer isso antes que John tenha qualquer possibilidade de divulgar suas visões e ideias de Juízo Final e separação das almas.

Aaron assentiu com um sinal de cabeça e, puxando o cíclico do helicóptero ao mesmo tempo em que acionava o governador de voo, procedeu a uma decolagem em máxima performance, virando a proa da aeronave na direção à Nova York.

– De qualquer forma – disse o mercenário – não será fácil. Os três estão sempre juntos e Max é um osso duríssimo de roer!

– Farei isso sozinha – falou Meggy – Nenhum dos três me conhece. Tenho essa vantagem. E pode estar certo de que conseguirei me aproximar de Christine e ganhar a sua confiança. Depois, será com você.

Com expressão séria, acrescentou:

– Mas lembre-se: precisamos dela viva! Christine será a garantia de que John virá salvá-la.

Mais uma vez, Aaron assentiu com um sinal de cabeça. Calou-se, pois não fazia o menor sentido irritar Meggy, mas ele pensou que, se tivesse oportunidade – e ele haveria de criá-la – teria alguns bons instantes de diversão com Christine, antes de matá-la.

Com esses pensamentos em sua mente, o mercenário empurrou um pouco o cíclico para a frente, baixando o nariz do helicóptero e imprimindo maior velocidade ao aparelho.

– Não podemos contar com mais do que meia dúzia de companheiros em Nova York. Os sistemas de telefonia e internet estão muito precários. Está muito difícil a comunicação com toda esta confusão lá fora – falou Aaron.

– Temos de avisar ao maior número possível de membros da Ordem – disse Meggy – E isso se Bourjois já não tomou providências nesse sentido. Mas, pensando melhor, não vamos precisar da ajuda de ninguém. Nós dois nos bastamos. Aliás, nós nos bastamos em tudo, não é mesmo?

O mercenário sorriu. De fato, ele não podia se queixar. Meggy tinha demonstrado sobejamente que era a mulher ideal para ele. Tanto como guerreira quanto como companheira.

– Quando tudo isso terminar, vou pedir para o Monsenhor que nos dê pelo menos um mês de férias – falou Aaron – Quero ir com você para um lugar bem longe e sossegado...

– Seria mesmo muito bom – comentou Meggy – O problema é saber se vai sobrar algum lugar tranquilo neste planeta...



Uma hora depois de deixarem Washington, nossos heróis pousaram no aeroporto Internacional de Filadélfia, no setor destinado aos helicópteros. Max pediu ao funcionário que veio atendê-los, que

providenciasse e instalasse dois tanques suplementares e completasse com combustível o tanque principal.

A manhã estava clara e sem nuvens. Enquanto Max inspecionava os instrumentos do helicóptero o casal aguardava do lado de fora da aeronave. Christine, olhando para o céu, chama a atenção de John:

– Veja! Será mais um OVNI?

John olhou com bastante atenção e disse:

– Imagino que as luzes de um OVNI piscariam e seriam coloridas como a gente vê em filmes. Esta luz é intensa e fixa. Acho que se trata da estrela anã Sedna se aproximando...

– Será que ele vai colidir com a Terra? Isso me faz lembrar o filme *Melancholia* de Lars von Trier – indagou Christine, preocupada.

– Não creio que isso irá acontecer. Deus não iria aniquilar a humanidade porque nem todas as pessoas são maldosas – respondeu John – As estatísticas estão a nosso favor. Ela retornará antes de chegar à órbita da Terra, pelo menos é o que astrônomo da NASA disse na reunião na Casa Branca.

Aproximando-se, Max falou:

– O que vocês estão vendo foi vaticinado há muito tempo atrás pelos índios Hopi. Eles previram a chegada de uma estrela azul que traria muita destruição no mundo para que a humanidade fosse purificada. O aparecimento da estrela azul seria o sinal celestial a anunciar a iminente destruição do planeta.

– Então, Sedna é a aguardada estrela azul Hopi? – Falou o professor que olhou para o céu para conferir as palavras de Max.

– Exatamente John. – Explicou Max – Embora Sedna seja um astro vermelho, o reflexo da luz do Sol nela em contraste com o azul do céu faz com que a estrela tenha um brilho levemente azulado, como você pode constatar.

Christine que também olhava para Sedna, falou:

– Lembro ter lido na escola alguma coisa sobre os Kachinas nas lendas Hopis...

– As lendas proféticas Hopis diziam que o aparecimento da estrela azul faria surgir um Kachina que iria dançar na praça e remover sua máscara. Os Kachinas são mensageiros espirituais na cultura Hopi, são equivalentes aos nossos anjos. Esta profecia também está se cumprindo. Vocês sabem que seriam os Kachinas? – desafiou Max.

Após breve silêncio, John falou:

– Seriam os seres alienígenas?

– Isso mesmo. Os anciãos Hopis previram que os extraterrestres estariam no mundo neste grave momento em que vivemos para nos ajudar e que eles iriam tirar sua máscara, isto é, eles se mostrariam abertamente ao mundo. Nós já vimos um lá no Brasil, mas muito em breve eles se revelarão ao mundo.

– Isso é incrível, como eles sabiam tudo isso, Max? – falou Christine admirada.

– As profecias sempre estiveram incorporadas na cultura Hopi. Já que você perguntou como eles sabiam a respeito destes acontecimentos, vou confidenciar uma coisa a vocês e que ninguém sabe: os índios hopis são os descendentes diretos do Povo Clóvis, população americana da pré-história. Tanto é assim, que eles habitaram onde hoje é o estado do Novo México e a tribo Hopi se desenvolveu bem próximo dali, no estado vizinho do Arizona. A cultura Clóvis foi quase totalmente dizimada por ocasião da última passagem de Sedna e aqueles que sobreviveram foram os ancestrais remotos dos hopis de hoje. A dolorosa experiência de 12 mil anos atrás foi transmitida de geração em geração na forma de inconsciente coletivo e transformaram-se nestas lendas proféticas que conhecemos. Mas não foi só sobre Sedna, a estrela azul, que eles profetizaram. Eles também previram uma hecatombe nuclear e esta guerra que acontece

do outro lado do mundo pode ainda ter um desfecho trágico. Eles também previram a inversão dos polos magnéticos que está se processando. Segundo a lenda, deuses guerreiros gêmeos morando um no polo Norte e outro no polo Sul manteriam a estabilidade do mundo, cuidando do eixo e da rotação do planeta. Acontece que neste período de purificação, os guerreiros trocariam de posição deixando o planeta em total desequilíbrio e convulsão.

Neste momento o funcionário do aeroporto avisou que tinha terminado o serviço. Os dois tanques suplementares foram presos ao aparelho e devidamente conectados com o tanque principal. Então, Max, colocando no rosto seu Ray Ban escuro e se dirigindo para a cabine do helicóptero, encerrou a conversa dizendo:

– Está na hora de seguirmos viagem, pessoal. A Big Apple nos aguarda.



CAPÍTULO

XI

Nova York, cidade natal de John, sempre fora, habitualmente, uma cidade de clima ameno, porém com picos elevados de temperatura no verão. O frio da metade final do inverno não costumava ser excepcionalmente intenso. Porém, com a súbita mudança no eixo terrestre, as temperaturas caíram acentuadamente e, às quatro horas da tarde, Christine viu-se obrigada a vestir roupas que estariam mais adequadas ao mês de janeiro no Alasca... Max e John imitaram-na e, protegidos por vestimentas capazes de segurar um frio até mesmo polar, rumaram para o ginásio da Universidade, onde seria proferida a palestra de esclarecimento.

– Estou um pouco nervoso – falou John – Será que vão aceitar bem o que tenho para lhes dizer?

– Já pensou que a população não tem outra alternativa? – indagou Max – O que você vai lhes dizer é exatamente o que eles precisam ouvir: O Julgamento Final chegou. Irá propor a eles um novo entendimento a respeito de salvação e condenação. A salvação representa a permanência aqui na Terra daqueles que são mansos e têm boa vontade na prática das boas obras para a construção do Reino de Deus em nosso mundo. Já a condenação representa a expulsão das almas maldosas e grandes pecadoras para um planeta primitivo e selvagem onde só encontrarão violência e dor. Estes condenados viverão lá até acontecer outra separação de almas naquela civilização. É um processo contínuo, você já sabe.

Muito sério, acrescentou:

– E não deixe de alertá-los sobre a Ordem da Revelação e Bourjois. Pode estar certo que ele vai tentar de tudo para controlar o mundo e fazer todos seus escravos... Precisamos estar atentos, não duvido que ele tenha preparado alguma coisa para nos matar.

Christine não conseguiu deixar de sentir um calafrio a lhe percorrer todo o corpo e John murmurou, preocupado:

– Sei disso. Precisamos estar o tempo todo juntos.

Apesar do ginásio já estar lotado, uma multidão se acotovelava do lado de fora tentando entrar. A confusão era tão grande que, mesmo sabendo que deveriam ficar juntos, logo se viram separados no meio da multidão. Max avançou, seguido por John, embora não o conseguisse avistar mais, e Christine ficou para trás. John se desesperou. Gritou por ela, tentou retroceder, mas a turba acabou por empurrá-lo e, quando por fim readquiriu o controle de seus movimentos, estava ao lado de Max, que o puxou para o corredor de acesso ao palco que tinha sido improvisado para a palestra.

Por um breve instante Christine se desesperou ao perceber que a multidão a estava empurrando para longe de John. E que este, também levado pela turba, afastava-se rapidamente de onde ela se encontrava.

Porém, ela sabia que não podia entrar em pânico e que, se decidisse lutar contra aquela monstruosa torrente de pessoas, acabaria sendo derrubada e provavelmente pisoteada.

Ainda tentou gritar por John, mas o barulho da multidão abafou-a. Sem qualquer alternativa, Christine se deixou levar, apoiando-se nas outras pessoas para não ser derrubada.

– Não achei mais Christine! – choramingou John – Ela se perdeu nesse mar de gente!

– Vou pô-lo no palco e voltarei para procurá-la – disse Max – E não se preocupe. Ela apenas se desprendeu de nós. E não vi ninguém suspeito.

John tentou se acalmar. Sabia que as palavras de Max “não vi ninguém suspeito” eram só para tranquilizá-lo. Teria sido impossível ver qualquer coisa no meio da confusão que tinha sido a chegada deles ao ginásio. Porém, assim como todas aquelas pessoas que ali se encontravam, o professor não tinha qualquer outra alternativa a não ser aceitar como verdadeiras as palavras do amigo. E podia ter certeza que Max, pelo menos, iria procurar por Christine.

Assim, já em seu lugar e pronto para iniciar a palestra, o professor viu Max se afastar por entre a multidão já bem mais calma e que ocupava as arquibancadas e a quadra de esportes.

Apanhando o microfone, raspou a garganta e começou:

– Vocês estão a par das últimas notícias sobre a estrela anã Sedna, pois saibam que tudo isso que está acontecendo no mundo foi previsto na Bíblia e por profetas e videntes do passado. Eu mesmo tive sonhos misteriosos...

Christine estava perdida, espremida no meio de tanta gente. Via John no palco, mas não conseguia um caminho para chegar até lá. Neste momento em que lhe surgiu uma pequena clareira no meio de todo aquele caos que ela notou a bonita mulher que a puxava pela mão e a levava para um canto menos conturbado.

Não trocaram nenhuma palavra, mas a sua salvadora não soltava sua mão e Christine, na verdade, sentia-se mais segura com aquele contato e não fez menção de tentar largá-la.

Foi então que avistou Max, sua cabeça destacando-se entre todas as outras, devido à sua grande estatura.

Percebeu que Max também a tinha localizado e que se encaminhava em sua direção. Tentou soltar a mão da mulher e, então, mais

apavorada do que nunca, viu que esta não tinha a menor intenção de soltá-la. Muito pelo contrário, viu que, em sua mão esquerda, estava uma seringa hipodérmica cheia de um líquido amarelado.

– Mas o que é isso?! – fez Christine – O que você está fazendo?!

E, sem esperar mais, com safanão, fez com que a desconhecida deixasse cair a seringa. Ao mesmo tempo, reunindo forças que até aquele instante não imaginava possuir, Christine esmurrou-a em pleno rosto e conseguiu soltar-se.

Teve tempo de ver Max empurrar algumas pessoas que o estavam atrapalhando e praticamente voar por cima de outras tantas, aterrissando em pé no exíguo espaço entre a mulher e ela.

– Corra, Chris! – ordenou ele – Vá para o palco! Fique no meio da multidão!

Christine obedeceu. Voltou para o meio da multidão e diluiu-se entre as pessoas.

Vendo que Christine punha-se em relativa segurança, Max pôde dedicar mais atenção àquela estranha mulher.

Esboçou um sorriso ao reconhecê-la e murmurou, entredentes:

– Ora... Mas é Margareth Scott...! A terrível “serpente do deserto”!

– Não sei como me reconheceu – sibilou Meggy – Mas não vai viver para poder se gabar!

Meggy esticou o braço direito para a frente e fez surgir, vinda de dentro da manga de seu casaco, uma navalha presa ao seu punho por um elástico.

Max conhecia muito bem aquela arma e sabia de que maneira Meggy poderia utilizá-la. Ela lançaria o braço outra vez, soltando a navalha que abriria, expondo a afiadíssima lâmina, atingiria o alvo – no caso a carótida de Max – e voltaria, fechando-se ao se esconder novamente na manga do casaco da mulher. Um truque sevilhano

de mais de duzentos anos de idade, mas que jamais deixara de ser eficiente...

Porém, nesses duzentos anos, descobriram-se muitas coisas a respeito de navalhas. Por exemplo, que elas não conseguem cortar seda pura, deslizando sobre o tecido. E Max sempre usava alguma coisa de seda em sua indumentária. No mínimo, um cachecol. Além disso, qualquer coisa que viesse a atrapalhar a trajetória da navalha poderia fazer com que ela não se fechasse e, desviando seu percurso, a lâmina voltaria aberta e contra o pescoço de quem a atirara.

Sem vacilar, Max enrolou o cachecol, em sua mão direita e, com extrema presteza e habilidade, apenas roçou a navalha que já vinha, como uma flecha, na direção de seu pescoço. A lâmina, como ele previra, voltou para Meggy. Aberta. E atingiu-a exatamente sobre sua cartilagem tireóide, esgorjando-a.

Meggy ainda quis gritar. Porém, o máximo que conseguiu foi emitir um som gorgolejante, o ar saindo de seus pulmões sem controle, misturando-se com o sangue que esguichava dos vasos dilacerados.

Max viu Meggy cair ao chão. Aquele problema estava solucionado. Contudo, ele sabia que ainda havia muito mais. Se Meggy estava ali, seu companheiro e parceiro também estaria e, como Aaron jamais haveria de enfrentá-lo sozinho, podia contar com mais alguns homens de Bourjois tão perigosos quanto o próprio mercenário.

À base de empurrões e cotoveladas, Max conseguiu se aproximar do palco, onde John, agora com Christine ao seu lado, estava explicando o que realmente ocorria com o planeta, tanto do ponto de vista físico, quanto espiritual.

Fez um gesto, quando o professor olhou para ele, pedindo que se apressasse.

John assentiu com um sinal de cabeça e, depois de mais alguns minutos, encerrou a palestra.

Sem conceder tempo para quaisquer perguntas ou indagações, John puxou Christine pela mão e, escoltados por Max, afastaram-se o mais depressa que puderam, rumo ao aeroporto para apanhar o helicóptero.



No entanto, ainda dentro da universidade, a caminho do automóvel que os levaria até o aeroporto, John notou que Christine estava caminhando com dificuldade, apoiando-se muito no seu braço e mancando.

– O que aconteceu? – quis saber o professor – Por que está mancando?

– Acho que torci o pé naquela confusão do ginásio – respondeu ela.

– Isso pode atrapalhar – ponderou Max – Se tivermos de correr por alguma razão ou se precisarmos vencer um percurso maior a pé na nossa próxima missão...

– Vai melhorar – disse Christine – Foi só uma entorse...

– É melhor irmos para minha casa. Ela precisa de cuidados – Falou John para Max, que prontamente concordou.

Ao chegarem em casa, o tornozelo direito da psicóloga estava muito mais dolorido e inchado.

Examinando o machucado, Max disse:

– Não há sinal de fratura, mas você precisará ficar em repouso... Não será nem um pouco conveniente que continue nos acompanhando.

Christine ficou amuada. Não queria, de jeito nenhum, separar-se de John, mas Max foi categórico:

– Nesse estado, você representará um perigo muito grande. Retardará nossos movimentos e passaremos a ser um alvo muito fácil para os mercenários da Ordem da Revelação.

E, com entonação que não admitiria contradições, acrescentou:

– Vamos descansar hoje aqui.

– O que vocês vão fazer amanhã? – perguntou a moça, ansiosa.

– Temos de impedir que Bourjois dê prosseguimento ao maquiavélico plano de se aproveitar deste caos para controlar o mundo...

– respondeu Max – E, como fui informado que ele está na Itália... Então é para lá que eu e John iremos.

John preparou uma bolsa de gelo para o tornozelo de Christine e Max, profundo conhecedor da cultura oriental, sacou do bolso um estojo de finas agulhas de acupuntura e aplicou-as nos pontos certos para aliviar a dor da moça, que em pouco tempo se sentiu confortada.

O sistema de comunicação em Nova York ainda não fora muito afetado, de forma que puderam assistir ao noticiário.

Ficaram sabendo que estava faltando energia elétrica na maior parte dos Estados Unidos e o sistema de abastecimento de água estava precário em muitas cidades. Os sucessivos blecautes geraram um terrível caos e estavam acontecendo saques, principalmente nos supermercados. O Presidente decretou Lei Marcial. Furacões e tornados violentíssimos estavam assolando o sul dos

EUA e o super vulcão Yellowstone estava na iminência de entrar em erupção. O campo magnético da Terra estava enormemente enfraquecido fazendo com que os raios ultravioleta e chegassem à atmosfera com mais intensidade e causando queimaduras graves nas pessoas, que lotavam ainda mais os hospitais.



CAPÍTULO

XII

No dia seguinte, tão logo amanheceu e após um bem reforçado desjejum, Max e John despediram-se de Christine e seguiram para o Aeroporto Internacional John F. Kennedy, onde um jato executivo da Ordem do Cravo, um Embraer Legacy 650, os aguardava para levá-los à Roma.

– Minha ideia era seguir para a Itália num voo comercial, mas com toda essa confusão, com a quantidade de voos cancelados e a superlotação de passageiros... Esta é a melhor solução – falou Max.

E, com expressão preocupada, acrescentou:

– De mais a mais, nunca poderemos ter certeza sobre os passageiros que estarão num voo de carreira. Já no jato da nossa organização, posso garantir que não haverá ninguém da Ordem da Revelação. Por isso estamos indo para a Itália no nosso jatinho e combater o mal pela raiz! Vamos procurar e destruir Monsenhor Bourjois antes que ele de prosseguimento ao seu plano diabólico!

– Mas como o encontraremos? – perguntou John – E como o alcançaremos? Imagino que ele esteja extremamente bem protegido...

– E, de fato está – respondeu Max – Mas toda vigilância possui pelo menos uma falha... E nós vamos buscar exatamente por isso. Sabemos, por exemplo, que a ambição de Bourjois é imensa. Ele certamente está em Castel Gandolfo para onde o Papa foi levado após o terremoto ocorrido em Roma. A esta altura, ele deverá estar com o Papa tentando influenciá-lo de modo a favorecer seus planos.

É para lá que iremos sem demora. Temos de impedir que ele chegue ao extremo de assassinar o pontífice para usurpar o trono de São Pedro.



O terremoto a que Max se referia tinha ocorrido dias antes, durante uma audiência do papa com Bourjois. O complexo de prédios do Vaticano foi bastante atingido, inclusive boa parte da Basílica de São Pedro, obrigando que o Papa fosse levado às pressas para sua residência de verão, 24 km a sudeste de Roma, na região do Lazio, que nada sofrera. Dias depois, o Papa convidou Bourjois para jantar com ele e continuar a reunião interrompida no Vaticano.

– Meu caro monsenhor, antes que a verdade sobre Sedna fosse revelada ao mundo, nossos astrônomos do Observatório do Vaticano, cujo telescópio está aqui mesmo em Castel Gandolfo, já sabiam de tudo. Fui informado por eles e há um ano e meio atrás. Ao longo do século XX, Nossa Senhora alertou inúmeras vezes através de vários videntes que as catástrofes aconteceriam como uma punição divina pelos desmandos e maldades dos homens. Aqueles que desviaram-se do caminho e não se converteram a Jesus agora terão de enfrentar a ira de Deus. Certamente que Sedna é a estrela Absinto profetizada no Livro do Apocalipse, capítulo 8, versículo 11.

– Não creio que haverá grandes consequências com a passagem deste astro, que não passa de um cometa maior que os outros que já passaram pela Terra. Toda essa confusão vai passar logo e tudo vai voltar ao normal – Disse Bourjois procurando mostrar despre-

ocupação com o caso. Após tomar um gole do vinho servido pelo mordomo, continuou:

– O que mais me preocupa, Santidade, é o cargo de Camerlengo que está vago. Desde o tremor ocorrido dias atrás o senhor não nomeou um substituto para o Cardeal Stefano que morreu soterrado.

– E você teria algum nome para sugerir?

Sem nenhum pudor, Bourjois sugeriu o próprio nome. O Papa talvez já esperasse por isso, pois não esboçou nenhuma surpresa no rosto. Ele sabia que a Igreja tinha uma grande dívida de gratidão com o monsenhor que sempre conseguia grandes somas de recursos para socorrer o Banco do Vaticano quando este enfrentava dificuldades financeiras. Era a hora de retribuir os muitos favores ao influente clérigo. Como o pontífice assentiu sem objeção, Bourjois retirou da pasta de couro que carregava consigo o documento que o nomeava Camerlengo, logo, substituto do Papa em caso de morte ou renúncia.

– Você é bem rápido, Dom Octavius... – Falou o Papa surpreso com a iniciativa do Bourjois.

– Faço de tudo para o bem da nossa Santa Igreja... – Respondeu tentando desconversar.

O Sumo Pontífice leu demoradamente o documento de poucas linhas escritas em latim. Vendo que ele hesitava, Bourjois argumentou:

– Santidade, eu sou sua melhor opção neste momento. A situação está crítica no mundo todo, mas sua saúde debilitada o impede de estar mais presente neste momento de dor mundial. A Igreja precisa ir em socorro aos sobreviventes.

Apesar de seus 80 anos de idade, o Santo Padre tinha a cabeça absolutamente perfeita. E era incontestável o que Bourjois dizia a respeito da posição que a Igreja Católica tinha de assumir naquele momento.

Com expressão ansiosa, o Papa disse:

– Minha saúde já não permite mais que eu me exponha em empreitadas fatigantes. Meu coração está fraco, dependendo de tomar meus comprimidos de cardiotônicos a base de digitoxina... Mas se fosse trinta anos mais jovem, garanto que eu estaria à frente de pelo menos uma equipe de socorro.

Bourjois sabia que o Sumo Pontífice estava sendo sincero. Não fosse aquela insuficiência cardíaca, diagnosticada um ano antes, e que o vinha perturbando, aquele homem estaria comandando equipes de resgate e levando pessoalmente remédios, roupas e víveres para os necessitados de Roma.

Internamente, ele sorriu. Justamente aquela deficiência do Santo Padre acabaria por se tornar a salvação de sua causa. O Papa pegou a caneta e assinou o documento que nomeava Dom Octavius Bourjois Camerlengo da Igreja Católica e, entregando o papel ao monsenhor, disse:

– Se você pensa que vou renunciar, não perca seu tempo com esta ilusão.

Bourjois apenas sorriu e pensou: “*Nem será preciso...*”. Na intensão de descontrair aquele momento, o maquiavélico sacerdote pegou uma garrafa de licor no armário da sala e serviu ao Papa, isso após ter colocado, disfarçadamente, cerca de trezentas gotas de digitoxina concentrada na taça, uma quantidade trinta vezes maior do que o Sumo Pontífice tinha de tomar.

O Papa tomou um gole e falou:

– Penso que já estamos vivendo o Juízo Final. Existe uma profecia, feita pelo monge inglês Venerável Beda, que diz: “*Enquanto o Coliseu se mantiver de pé, Roma permanecerá. Quando o Coliseu ruir, Roma cairá e se acabará o mundo.*”. Você viu que o Coliseu desabou com este terremoto...

Respondeu Bourjois com ceticismo:

– Creio que ele estivesse aludindo ao fato do Coliseu ser tão imponente, que se um dia a antiga construção desabasse, Roma e o mundo também viriam abaixo. Era só uma figura de linguagem, nada mais que isso.

– Talvez... ou ele poderia estar realmente profetizando a destruição da cidade no Juízo Final. – Tomou outro gole do licor e falou:

– Dom Octavius, sempre tive curiosidade de saber o que significa o símbolo da Ordem da Revelação, você poderia me explicar?

Bourjois não se fez de rogado. Tirou o broche de ouro da lapela do paletó e mostrando para o Papa disse:

– Esta é a marca do poder ilimitado. Veja o símbolo do infinito com uma linha embaixo.

Depois, girou o adereço 90° à direita e mostrou novamente para o Papa, dizendo:

– Agora o que o senhor vê?

– O número 18.

– Exatamente. Dezoito é a soma de $6 + 6 + 6$.

O Papa espantado exclamou!

– Meu Deus, esta é a marca da besta! Então você é o Anticristo!

A intoxicação digitalica produziu o resultado esperado no instante exato. O Papa começou a sentir-se mal, com o coração batendo lento e forte, seguidamente. Ficou pálido, com falta de ar e tonto até cair da cadeira.

O criminoso foi até a porta e gritou:

– Socorro! O Papa está tendo um enfarto!

Logo chegaram os médicos e alguns cardeais, mas já era tarde. O Papa estava morto.

Um cardeal pegou sobre a mesa o decreto que nomeava Dom Octavius Bourjois Camerlengo da Igreja e disse:

– Quais são suas ordens Dom Octavius?

Sem dizer qualquer palavra, ele abaixou-se, tirou o anel de pescador do dedo do Papa, que ainda estava estendido no chão, e colocou no próprio dedo. Um dos cardeais que assistiam à cena falou:

– Dom Octavius, o anel precisa ser destruído.

– O mundo está um completo caos. – Falou Bourjois com entonação grave. – Catástrofes acontecem em toda parte, em função disso por um longo período estaremos impossibilitados e convocar os cardeais para realizar um conclave, até porque vários deles morreram nas tragédias. Desta forma, eu assumo todas as funções de líder da Igreja Católica Apostólica Romana a partir de agora e decreto Sé Vacante por tempo indeterminado.

Os cardeais ali presentes conheciam muito bem a fama de Dom Octavius, que não gostava de ser contrariado. Ninguém contestou a decisão e todos reverenciaram o novo Papa.



A notícia da morte do Papa alcançou Max e John quando eles desembarcaram no Aeroporto Internacional de Roma, dez horas após deixarem Nova York. No entanto, ninguém ainda sabia que o Monsenhor Octavius Bourjois era o novo Papa. Ele sequer tinha escolhido um novo nome, pois considerava isso irrelevante. Preferia atuar nas sombras, acostumado com sua atuação como Eminência Parda que sempre fora. Os cardeais, com a aprovação de Bourjois, optaram por não divulgar que ele era o novo Papa, pois temiam uma reação desfavorável por parte dos fiéis, sendo mais prudente aguardar alguns dias antes de divulgar a notícia.

– Chegamos tarde John. Já era de esperar – rosnou Max – Quando da morte do Papa João Paulo I em 1978, Bourjois era membro da Câmara Apostólica, órgão da Cúria Romana responsável em administrar patrimônio da Igreja. Ele, e outros cardeais, ficaram chocados com as ideias bastante inovadoras do Papa recém eleito e resolveram tomar alguma medida para manter o *status quo* do Vaticano. Até hoje a morte de João Paulo I não foi convincentemente esclarecida. Estou certo que Bourjois estava envolvido naquele caso e certamente também está envolvido nesta morte de agora. Aposto que aí tem o dedo de Bourjois. E agora, mais do que nunca, temos de neutralizá-lo. Ele está avançando rapidamente.

– E como você pretende agir? Bourjois deve ter um exército protegendo-o...

– Sem dúvida e pode apostar que não será uma Guarda Suíça que, em pleno Século XXI, ainda não saiu da Renascença... Bourjois terá ao seu lado um batalhão constituído pelos melhores mercenários!

Esboçou um sorriso e juntou:

– Mas nós conseguiremos vencê-los. Pode acreditar nisso!

– Assim espero – disse John – mesmo porque, se formos derrotados, será o nosso fim. Bourjois não terá a mínima misericórdia! Fará absoluta questão de ver nosso couro pelo avesso!

Max nada comentou e, depois de alugar um carro, rumaram para a região de Castel Gandolfo.

– Temos de estudar à exaustão o local de ação – disse Max – E teremos de planejar tudo muito bem. Não poderemos errar, não teremos uma segunda chance!

Sentado no banco do carona, Max abriu um mapa da região e, mostrando alguns pontos para o professor, falou:

– Veja. Teremos de nos aproximar da residência de verão do Papa pelo noroeste. Isso implica em sermos obrigados a dar uma volta,

mas em compensação, poderemos observar a casa do alto de uma colina. Conheço o local e sei que de lá poderemos enxergar praticamente a propriedade inteira, com detalhes.

– Mas teremos de entrar, não é mesmo? – fez John – Não adianta nada poder ver tudo e não conseguirmos entrar!

– O muro que cerca a residência é alto e defendido por arame farpado – explicou Max – Não conseguiremos pulá-lo. Contudo, há um portão nos fundos, um portão de serviço, que nós utilizaremos. Só temos de neutralizar os mercenários de Bourjois e, depois, será como caçar um rato... Ele estará sozinho ou praticamente sozinho e nós o apanharemos.

John meneou a cabeça num sinal de dúvida e Max juntou:

– Evidentemente, não vamos nos expor num ataque aberto. Trouxe alguns armamentos que serão de extrema utilidade e que, bem usados, garantirão nossa segurança e vitória.

Assim dizendo, mostrou uma grande valise que estava ao seu lado, sobre o banco, e finalizou:

– Bourjois será obrigado a provar do mesmo método sujo que tem aplicado... E se alguém quiser dizer que é uma vingança de Deus, pode também nos considerar como sendo os vingadores. O que, pelo menos teoricamente, nos dá vantagem, pois estaremos lutando ao lado do Senhor...



A pequena e suave colina a menos de trezentos metros dos muros da Residência de Verão tinha, como proteção natural, a vegetação lo-

go à beira da estrada e um bosque relativamente denso de coníferas.

Escondidos por entre as folhagens, Max e John rastejaram até o espigão e, com a ajuda dos potentes binóculos que Max trouxera, puseram-se a estudar o seu objetivo.

Tinham de entrar lá dentro e sabiam que havia pelo menos cinqüenta homens de Bourjois cuidando da segurança. Uma missão praticamente impossível.

– Em outros tempos seria fácil – disse Max – A vigilância estaria a cargo da Guarda Suíça, normalmente armada apenas com lanças e espadas meramente cenográficas e decorativas. Mas sob o comando de Bourjois, teremos uma legião de mercenários armados até os dentes e com equipamentos dos mais modernos.

John olhou, focalizou o binóculo e assentiu com um aceno de cabeça, dizendo:

– Dá para contar, visíveis, pelo menos vinte homens. E estão portando fuzis de assalto. Não teremos a menor chance contra eles.

– Poderemos contar com o fator-surpresa – murmurou Max – E temos equipamentos que nos permitem atacá-los bem silenciosamente.

Mostrou para o professor as armas que tinha trazido, fuzis de alta precisão munidos de silenciadores, e acrescentou:

– Pode não ser muito bonito o que vamos fazer... Mas não teremos outra opção. Precisamos neutralizar o maior número possível de mercenários. Em seguida, teremos de nos proteger, pois este pedaço de mundo vai se transformar num verdadeiro inferno.

John olhou outra vez através do binóculo e falou:

– Não vejo Bourjois...

– Ele está bem escondido e bem protegido – asseverou Max – Jamais ficaria exposto. Teremos de ir lá dentro buscá-lo e, infelizmente, ele é um osso bem duro de roer.

Com expressão séria, Max explicou:

– Bourjois não é um sacerdote comum. É, ao contrário, um homem muito bem treinado em artes marciais e é extremamente perigoso.

– Bom seria se conseguíssemos matá-lo daqui... Quando se corta a cabeça da serpente, ela se anula... – murmurou John.

– De fato – admitiu Max – Seria o ideal. Mas também é um sonho. Apenas um sonho. Bourjois terá de ser apanhado lá dentro e eu duvido muito que consigamos trazê-lo para fora com vida.

– O importante é que nós saíamos com vida desta história toda... – resmungou John – Não teria a menor graça conseguirmos nos esquivar de todos esses desastres naturais e sucumbirmos nas mãos de um fanático como esse maldito Bourjois...!

Max ia dizer alguma coisa, procurar fazer com que o professor ficasse um pouco mais otimista, mas exatamente naquele instante, notou movimentação na casa, e disse:

– Observe as janelas do piso superior... Os mercenários estão se juntando num dos aposentos.

– Ótimo! – exclamou John – Poderemos apanhá-los juntos! Neutralizaremos vários ao mesmo tempo!

– Engana-se, professor... – retorquiu Max – Poderemos, no máximo, eliminar três. E todos os outros se poriam a salvo e, em seguida, começariam um fogo cerrado contra nós. E o passo seguinte, seria nos perseguir com a ajuda de cães treinados. Melhor pegar um por um e quando estiverem separados.

– Mas isso demorará demais! – protestou John – E eles vão descobrir que estão sendo alvo de tiros muito rapidamente!

– Isso é inevitável, professor – falou Max – Mas tenha um pouquinho de paciência e verá que as coisas são mais simples do que parecem. Temos, inicialmente, de abrir caminho para entrar na casa.

Exatamente como Max esperava, a aglomeração dos mercenários não demorou mais do que cinco minutos e logo eles voltaram a se dis-

persar, rumando em duplas em direções diversas.

– Vamos ver para onde eles vão – disse Max – E vamos procurar acertá-los também em duplas e em locais onde os corpos tenham possibilidade de demorar o mais possível para serem encontrados.

John assentiu com um sinal de cabeça e viu que uma das duplas se embrenhava entre os arbustos mais altos do jardim, à esquerda de onde eles se encontravam.

– Esses dois serão os primeiros – murmurou ele, armando seu fuzil – Eu pego o da esquerda e você o da direita...

Max meneou afirmativamente a cabeça, armou seu fuzil e aguardou, dizendo:

– Tenho na mira...

– No três – falou John – Um... Dois... Três!

Premeram juntos o gatilho e o som abafado dos disparos pareceu um só.

A trezentos metros de distância, os dois homens caíram, catapultados para a frente pelo impacto das pesadas balas calibre 458 Winchester, munição bem apropriada para matar um grande paquiderme.

Com rapidez e impressionante precisão, Max eliminou outros dois mercenários, num *doublé* espetacular e tão rápido que não deu tempo ao segundo alvejado nem mesmo de perceber o que tinha acontecido.

– Menos quatro – murmurou ele – Vamos procurar outra posição e tentar neutralizar mais alguns. E, depois, poderemos pensar em entrar...

Com Max carregando uma pesada sacola de equipamentos, eles rastejaram colina abaixo em direção à casa. Pararam e esconderam-se quando já estavam a menos de cinquenta metros da entrada do prédio.

– Agora vou mostrar a esses bandidos como é que se faz uma guerra realmente traiçoeira – resmungou Max.

De dentro de sua sacola, tirou um equipamento que mais parecia uma *bazuca* bem antiga.

– A Segunda Guerra Mundial acabou faz muito tempo – brincou John.

– As coisas podem ser quase iguais – retrucou Max – Mas você verá que são bem diferentes.

Montou uma ogiva plástica num dos foguetes e acrescentou:

– Estas ogivas estão carregadas de gás cianídrico. Bastarão oito segundos e todos os que estiverem no cômodo atingido, morrerão.

Pacientemente, esperou que um dos mercenários abrisse a janela e disparou.

– O inconveniente desse armamento é que não pode haver nenhum obstáculo diante da ogiva, por mais fraco que seja. O mais leve toque na ponta fará com que o gás seja liberado e não nos interessa que isso aconteça antes do projétil estar realmente dentro da casa...

Cerca de dois segundos depois, o projétil entrou pela janela e uma nuvem de fumaça pode ser percebida no cômodo ocupado por pelo menos seis mercenários. Como Max dissera, em oito segundos, havia seis corpos estendidos no chão.

– Antigo, mas eficiente – falou este – Acho que devemos começar a invasão. O gás estará completamente dissipado em alguns minutos, o tempo necessário para chegarmos lá.



Eles não poderiam adivinhar quantos mercenários ainda restavam e nem mesmo onde se encontravam. Assim, entraram por uma porta lateral, tomando todo o cuidado possível para não despertar a atenção dos bandidos.

– Não esqueça que nosso objetivo é localizar e neutralizar Bourjois – recomendou Max – E, neste caso, não importa se conseguiremos capturá-lo vivo...

– Na verdade, creio que nem mesmo temos qualquer interesse em tê-lo como prisioneiro – murmurou John.

– Tem razão – concordou Max – Um homem como Bourjois tem de ser eliminado. Se ficar vivo, mesmo numa prisão, será capaz de dar continuidade a seus planos malévolos. E, com a capacidade de convencimento que possui...

Atravessaram um pátio interno e entraram na área de serviço da residência. Na grande e maravilhosamente bem equipada cozinha, meia dúzia de funcionários trabalhavam. John e Max logo perceberam a expressão de terror que dominava suas fisionomias e, assim que o *chef* os viu, apressou-se em dizer:

– Nós somos apenas cozinheiros... Não nos façam mal! Somos obrigados a obedecer ordens!

– Sabemos disso – garantiu Max – Saiam daqui e mantenham a boca fechada! Apenas nos diga onde posso encontrar Dom Octavius Bourjois e quantos homens estão com ele.

– Eles devem estar no *bunker*, no porão – respondeu o homem – Faz alguns minutos um dos seguranças pediu-me para servir lá um lanche.

Max sorriu e falou:

– Pois não vamos decepcioná-los. Você vai lhes servir esse lanche. Aliás, terá de ser um lanche bem grande, pois o *charriot* será nosso passaporte de entrada e nosso esconderijo...

Rapidamente, explicou para o *chef* o que ele deveria fazer, ou seja, arrumar o maior *charriot* disponível, cobri-lo com uma toalha e, colocando-se na prateleira de baixo juntamente com John, rumaram para o porão.

– Assim que puser o *charriot* dentro do *bunker*, saia e trate de sumir da casa – recomendou Max.

Através de uma diminuta fresta entre as dobras da toalha, Max pôde ver, assim que entraram no *bunker*, que Bourjois estava sentado numa poltrona na parte mais distante da sala, tendo ao seu lado dois seguranças brutamontes armados com submetralhadoras. Às suas costas, numa estante, repousava num apoio de marfim, uma belíssima espada de samurai, que Bourjois mandou pendurar.

Na verdade, Max poderia, usando sua pistola munida de um eficiente silenciador, liquidar de imediato Bourjois e seus dois guardacostas. Porém, ele queria fazer algumas perguntas ao Monsenhor... E este só conseguiria respondê-las se estivesse vivo e consciente.

Uma dessas perguntas era simplesmente descobrir onde Bourjois mantinha escondido o dinheiro que, havia anos, vinha desviando dos cofres do Instituto para as Obras de Religião, o Banco do Vaticano. Era dinheiro destinado aos projetos de caridade da Igreja espalhados pelo mundo que ele usurpava sem remorsos. Ele conseguia que financistas, corporações e governos fizesse depósitos generosos no Banco do Vaticano e depois ele mesmo sacava sua parte como uma espécie de comissão não prevista nos estatutos da organização religiosa.

O *chef* parou de empurrar o *charriot* quando estava a menos de cinco passos da poltrona de Bourjois.

Max estava ciente de que precisava agir depressa. Sabia do potencial de defesa daqueles dois homens que faziam a guarda mais próxima do Monsenhor e sabia, também, que os outros mercenários que se encontravam ali no *bunker* reagiriam de imediato e violen-

tamente. Havia apenas uma pequeníssima possibilidade de eles, vendo-se sem chefe, entregarem-se depondo as armas.

Ainda escondido, Max fez sinal a John, que estava empunhando uma submetralhadora, mostrando-lhe que deveria focar nos mercenários que se encontravam mais atrás e à direita de Bourjois. Eram oito e o professor teria de mostrar rapidez e eficiência de fogo. Sem a menor possibilidade de uma segunda chance.

Com um puxão na ponta da toalha, Max saiu do esconderijo já disparando contra o mercenário que estava à sua direita. O homem foi atingido em plena testa, foi catapultado para trás e caiu exatamente aos pés de Bourjois, já morto antes de chegar ao solo.

Por sua vez, John disparou contra o outro gorila, enviando-lhe um projétil para o coração e, em seguida, acionando o gatilho de sua submetralhadora, simplesmente varreu os outros oito mercenários, praticamente cortando-os ao meio com suas precisas rajadas.

Ao contrário do que o próprio Max estava esperando, que Bourjois também estivesse armado, este não portava nenhuma arma de fogo e, com a agilidade de um gato, saltou para trás e apanhou o *katana* que estava na estante, desembainhou-o e atacou.

Max poderia ter atirado contra o Monsenhor, mas preferiu tentar capturá-lo vivo e, usando a toalha do *charriot* como defesa, envolveu-o impedindo-lhe os movimentos.

Bastou uma pancada desferida com o lado da mão contra a cabeça de Bourjois para prostrá-lo, desmaiado, no chão.

Porém, por azar, ao cair, a afiadíssima lâmina da espada atingiu-o no pescoço, cortando-lhe a carótida do lado direito.

O sangue esguichou e antes que se pudesse fazer qualquer coisa, o Monsenhor entregou a alma ao Diabo.

– Game Over, Bourjois! – falou John com ironia.

– Bem... – resmungou Max – Fiquei sem as informações que desejava. Ninguém vai poder aproveitar o dinheiro que esse safado roubou!

– Mesmo que a Ordem da Revelação tenha sido desmantelada com a morte do seu líder – falou John, passando a mão na testa para tirar o suor – ainda resta Aaron... E não duvido nada que ele vai querer se vingar de nós. Primeiro porque perdeu suas mordomias e poder e, segundo, porque nós lhe tiramos a parceira, Meggy.

– É possível, mas temos que nos preocupar em voltar para casa. Vou solicitar o jato executivo da nossa organização para que esteja disponível amanhã pela manhã. Vamos descansar esta noite em um hotel aqui perto.

Era a notícia que John estava esperando, pois a saudade de Christine era grande.

Com a morte de Bourjois, um novo Camerlengo foi escolhido entre os cardeais e este achou por bem sair da Europa devido à intensificação das catástrofes naturais e a guerra que estava ameaçando os países europeus. Sendo o Brasil o maior país católico do mundo, este foi o destino natural para transferir a Santa Sé que foi estabelecida na Basílica de Nossa Senhora Aparecida, no estado de São Paulo.



CAPÍTULO

XIII

No dia seguinte ao chegarem ao aeroporto souberam que o piloto passara mal durante a madrugada e tinha sido levado para o hospital. Eles não podiam esperar por muito tempo, então Max decidiu ele mesmo pilotar a aeronave, pois sendo engenheiro aeronáutico também sabia pilotar aeronaves daquele porte.

Com Max no comando do jato e John como co-piloto, ambos decolaram de Roma, voltando a proa para a direção Oeste para ver o que se passava na costa do Mar Mediterrâneo.

A paisagem era desoladora: havia muita destruição por todo litoral do Mediterrâneo. Em algumas partes o mar tinha avançado continente adentro. Ao passarem pela Palestina, John viu o mar avançando pela Faixa de Gaza e lembrou-se da profecia de Jesus que dizia: *“Quando virdes a abominação da desolação situada onde não deve, quem lê, entenda, então os que estiverem na Judéia fujam para os montes.”* (Marcos 13:14). Toda aquela situação havia sido prevista dois mil anos atrás e ninguém, exceto certo autor brasileiro, havia entendido antecipadamente a revelação de Jesus.

Do alto, em compensação, eles veem também várias naves extraterrestres, pousadas em áreas descampadas, resgatando pessoas próximas a vulcões em erupção ou perto do mar enquanto o nível das águas subia muito rapidamente.

– Veja! – exclamou Max – Os extraterrestres estão socorrendo os desabrigados. Estão salvando essas pessoas...

– Para onde serão levadas? – indagou John – E quem são esses “escolhidos”?

Nesse instante, uma das naves extraterrestres decolou. Subiu verticalmente e desapareceu.

– Eles devem estar sendo levados para algum local seguro para depois retornarem quando essa devastação passar – comentou Max – Esses “escolhidos” terão a missão repovoar a Terra e construir um mundo melhor.

– John, você lembra aquela febre das profecias maias e de que o mundo iria acabar em 21 de dezembro de 2012? Pois é, estamos vivenciando o que muitos esperavam que deveria ter acontecido naquela data. Acontece que a correlação entre o calendário maia e o gregoriano foi calculada incorretamente. Ainda faltavam mais alguns anos para o chamado “fim do calendário maia”. Mas esse dia chegou. Hoje é o último dia do 13º Baktun. Hoje é o “21 de dezembro de 2012”. É o Apocalipse e o Juízo Final!

Já sobre o Atlântico, John avistou, à sua direita, um caça italiano que se aproximava rapidamente.

Max, que também o vira, exclamou:

– Vai nos atacar! Só pode ser o Aaron!

Assim dizendo, Max empurrou o manche para a frente e aumentou a potência das turbinas.

Bem a tempo. Do jato, tiros de metralhadoras foram disparados, as balas por pouco não atingiram o avião.

Max puxou o manche para o peito, ganhando novamente altitude, ao mesmo tempo em que acionava o detector de mísseis de que o jato era provido.

– Vai ser difícil... – murmurou – Este aparelho não tem maleabilidade para manobras de fuga e não temos armas...

– Temos de confiar nos Seres Superiores – disse John – Se temos uma missão a cumprir, eles não nos abandonarão.

Nesse mesmo momento, o alarme de “míssil disparado” soou. Max fez uma curva abrupta para a esquerda, mantendo o nariz do aparelho erguido e forçando ao máximo as turbinas. Apesar de ter conseguido desviar do míssil, ele sabia que não teria chances de escapar do avião militar fortemente armado. Procurou ficar calmo para não desesperar John.

No entanto, a salvação deles chegou rápido. Como se viesse do nada, uma verdadeira chuva de meteoros começou a cair do céu. Sedna estava muito brilhante parecendo ser um pequeno Sol ao lado do nosso astro rei. Tudo indicava que ela estava passando bem perto da Terra.

– Vamos ser atingidos de qualquer maneira! – exclamou Max – Se não for pelos mísseis de Aaron, será por um desses meteoros! São grandes como uma vaca!

A manobra súbita que Max fizera, fez com que o jato pilotado por Aaron passasse à sua frente e, no instante em que este iniciou uma curva em *looping* para retomar a caçada, um grande meteoro o atingiu, despedaçando-o.

John e Max respiraram aliviados e a repentina chuva de meteoros parou por completo logo em seguida.

– Aí está! – falou Max – A intervenção das Inteligências Superiores... Incumbiram-se de destruir Aaron...

John, lembrando-se do Sermão Profético de Jesus, falou para Max:

– Essa chuva de meteoros também está profetizada na Bíblia. De uma forma alegórica, o texto de Marcos diz que “*as estrelas cairão do céu e as forças do céu serão abaladas.*”.⁵ Sedna está abalando a magnetosfera e todas as forças que mantêm a Terra em equilíbrio.

5: Marcos 13:25

Max concordou com um sorriso, como se já soubesse estas associações feitas por John e completou:

– Os profetas bíblicos chamaram de Ira de Deus ou Dia do Senhor o presente cataclismo global que estamos vivendo. Aliás, o primeiro alerta sobre Sedna foi revelado pelo profeta Daniel e confirmado por Jesus que deram-lhe o nome de Abominação da Desolação, como você já descobriu. O livro do Apocalipse chamou Sedna de Absinto ou Amargura e ainda disse que muitos homens morreriam pelas águas – não é isso que está acontecendo com a elevação do nível do mar? Até Nostradamus sabia desta estrela anã e deu-lhe o nome de o Monstro na centúria 3:34. Mais recentemente, esotéricos e espiritualistas também alertaram que algo de grave iria ocorrer com a passagem próxima à Terra de um astro que denominaram Nibiru, Hércólobus ou Planeta X. Hoje sabemos que esse astro é Sedna.

Cerca de vinte minutos depois, em um voo bastante tranquilo, começaram a sobrevoar as Ilhas Canárias.

Max inclinou o avião um pouco para a esquerda e disse:

– Veja... – Ali está a ilha de La Palma e o *Cumbra Vieja*, um vulcão muito perigoso que parece ter ficado sossegado com todo esse caos...

John olhou e falou:

– Só parece, Max. Acho que ele esperou por nós para entrar em erupção... A fumaça está muito densa e daqui vejo lava borbulhando na cratera...

Foi exatamente nesse instante que a explosão ocorreu.

Uma imensa língua de fogo se ergueu de dentro da caldeira e o flanco oeste do vulcão começou a rachar e a deslizar para o oceano, exatamente o lado voltado para a costa leste dos Estados Unidos.

Assustado, John falou:

– Jesus! A ilha está desmoronando para dentro do mar e está formando um tsunami monstruoso. Está indo em direção à Nova York, precisamos correr para salvar Christine. Ela não pode sair de casa sozinha e ninguém deve estar sabendo dessa erupção.

– Podemos ser mais rápidos do que o tsunami – ponderou Max – Conseguiremos chegar ao aeroporto antes das primeiras ondas alcancem a costa.

– Temos de chegar! – exclamou John preocupado – Nem quero imaginar que Christine seja atingida por essa outra tragédia!

Estavam voando bem alto e Max baixou um pouco o nariz da aeronave para ganhar velocidade. Mantendo as potentes turbinas Rolls-Royce em carga máxima, murmurou:

– Temos combustível suficiente... Este avião não é supersônico, mas atinge 800 km/h, o suficiente para chegarmos a tempo. O mais angustiante será o trajeto de helicóptero do aeroporto até sua casa... Teremos a impressão de estar voando numa tartaruga alada, mas conseguiremos.



Enquanto isso, no apartamento de John, Christine assistia na televisão as notícias das inúmeras catástrofes que ocorriam por todo planeta devido a máxima aproximação de Sedna, que brilhava intensamente no céu. A TV transmitia ao vivo imagens de grandes naves alienígenas pousadas nos campos e recebendo multidão de pessoas que lá se abrigavam da radiação solar cada vez mais intensa na ausência do escudo protetor que o campo magnético terrestre repre-

sentava. Luzes coloridas da aurora boreal podiam ser vistas no céu de todo hemisfério norte até o equador devido ao enfraquecimento da magnetosfera, que por sua vez era causado pela inversão dos polos magnéticos em processo acelerado.

Christine assistia a tudo apreensiva, quando as primeiras imagens da transmissão ao vivo das redes de TV mostravam uma chuva de centenas de meteoros vindos da direção de Sedna e caindo sobre Nova York. Ela quis sair de casa, mas o pé doía muito e mal podia andar dentro de casa. Além do que, ela havia prometido a John que o esperaria em casa. Acontecesse o que fosse ela ficaria em casa.

Quando a notícia da explosão do *Cumbra Vieja* e o conseqüente tsunami que se formou vindo rapidamente em direção à costa leste americana chegou às redes de televisão americana, ocorreu um blackout no bairro deixando Christine sem saber do perigo que corria ficando em casa. O alerta era para que todos deixassem Nova York e procurassem abrigo em locais bem altos. Mas ela nada ficou sabendo e continuou em casa.

Com todo o caos que tomara conta da cidade – bem como em muitas cidades ao redor do mundo – o policiamento estava muito deficitário, pois todos agentes policiais estavam ocupados com a evacuação dos cidadãos. Com isso, surgiu uma formidável oportunidade para os bandidos saquearem supermercados e residências em busca de alimentos e objetos de valor.

Alguns desses criminosos decidiram saquear as casas do bairro onde John morava, o Brooklyn, que parecia abandonado e, logo, eles não encontrariam resistências que atrapalhasse “o serviço”.

Christine, com os movimentos limitados, ainda permanecia na sala desde que a energia caiu, quando escutou um barulho na cozinha.

Pensando que poderia ser alguém da Defesa Civil que estivesse revistando as casas para buscar as pessoas que seriam removidas, dirigiu-se para a cozinha apoiada numa bengala.

Ao entrar na cozinha, a namorada de John leva um susto ao ver aquele homem pondo numa grande sacola tudo o que encontrava de latarias e outros mantimentos. Imediatamente percebeu que se tratava de um ladrão e, corajosa, atacou-o.

Brandindo a bengala como se fosse uma espada de samurai, Christine lançou-lhe um primeiro golpe visando a cabeça.

Sentiu o tornozelo, percebeu que não poderia se apoiar direito e isso prejudicava-lhe grandemente os movimentos.

Recuou um passo, preparando-se para um novo ataque, desta vez procurando distribuir melhor o peso sobre os dois pés.

O bandido, aproveitando o momento de hesitação de Christine, jogou uma garrafa contra ela, obrigando-a a desviar a cabeça para não ser atingida.

O ladrão, saltando para a frente, agarrou-a, ameaçando-a com uma faca de cozinha.



Pelo rádio do jato, a torre de controle tinha avisado que iriam suspender todas as operações dentro de meia hora, pois o tsunami estava avançando muito velozmente para a foz do Hudson e todos – inclusive os controladores de voo e demais funcionários do aeroporto – tinham de abandonar a cidade. Chegando ao destino, Max pousou o jato sem maiores problemas na pista reservada para pousos e

decolagens de aeronaves militares. Correram para a área reservada aos helicópteros e pegaram o primeiro que encontraram disponível e pronto para o uso. Ao decolarem foi possível avistar a onda gigante se aproximando da praia Rockaway. Com toda pressa, rumaram para o Brooklyn, não muito distante de onde estavam, o que demoraria poucos minutos para chegar lá.

Para John o tempo parecia não passar... estava nervoso e impaciente. Muito em breve uma gigantesca onda estaria chegando à costa e arrasando tudo que encontrasse pela frente. Christine certamente estaria em casa esperando por ele e se não chegassem a tempo... John não queria nem pensar nesta possibilidade.

Não demoraram mais do que cinco minutos. Max pousou no meio da rua, que estava deserta, bem enfrente à casa de John.

Sem perda de tempo, o professor correu para a porta de entrada e estranhou que ela estava aberta. Ao entrar assustou-se ao ouvir Christine gritando:

– Largue-me, maldito! Pegue o que quiser, mas largue-me!

John não perde tempo. Com as mãos nuas, avança para o bandido que, para se defender, larga Christine.

A moça, ainda mancando, corre para o quarto.

O ladrão, virando-se de frente para John e segurando a afiada faca de cortar carne, enfrenta o professor e avança, lançando o braço armado na direção de sua garganta.

Porém, John conhecia as artes marciais e estava bem treinado. Com facilidade, defendeu-se do golpe e fez com que seu adversário largasse a faca.

Este, porém, não se dando por vencido, agarrou uma banqueta e ergueu-a para acertar John na cabeça.

Foi nesse momento que houve um estampido e o bandido, atingido na têmpora esquerda por um pesado projétil de calibre .357 da Magnum que John mantinha em casa.

– Eu teria dado conta – reclamou John, abraçando Christine, que ainda empunhava o revólver fumegante.

– Não quis esperar para ver, querido... – murmurou ela – Preferi interferir.

– Temos de nos apressar, Chris – disse John – Um tsunami está chegando!

Colocando Christine em seus braços, John foi rápido para a rua, onde Max os aguardava com o motor do helicóptero ligado.

Olhando para o céu, John avistou milhares de pássaros que rumavam para o interior. Era o sinal evidente da proximidade do tsunami. Ao olharem para o fim da longa rua foi possível ver as águas aproximando-se rápidas, derrubando casas e arrastando árvores e automóveis.

– Vamos! Entrem! – gritou Max.

Acomodaram-se no helicóptero e ainda estavam pondo os cintos de segurança quando Max decolou no exato instante em que a onda destruidora chegava onde estavam.

Já em segurança, a mais de duzentos metros acima do solo, eles puderam ver o tamanho da destruição. Ruas e avenidas tinham se transformado em rios caudalosos cheios de detritos e escombros. Prédios tinham desmoronado, as pontes estavam destruídas, navios estavam nos lugares mais insólitos, juntamente com carros e caminhões. Havia muitos corpos espalhados.

– Acho mais seguro irmos para as montanhas. – Falou Max e o casal concordou.

Já mais tranquilizados, eles notaram um grande aumento da luminosidade e, olhando para o céu, viram a estrela anã Sedna ao

lado do Sol, brilhando intensamente com uma luz avermelhada que parecia saltar faíscas. A Terra estava sendo iluminada por dois sóis! E não demorou muito para Sedna passar na frente do Sol eclipsando-o e escurecendo o dia.⁶ Era o sinal evidente de que a estrela anã estava cruzando a eclíptica e iniciando o caminho de volta para os confins do sistema solar.

– Vamos nos afastar daqui! – falou Max, apontando a proa do helicóptero para o interior do país – E também não posso arriscar que este astro prejudique os instrumentos da aeronave!

A precaução do piloto era pertinente e bastaram 15 minutos voo para os instrumentos começarem a falhar fazendo o aparelho a perder altitude. Max tentava a todo custo manter o helicóptero no ar, mas isso não seria possível por muito tempo. O melhor a fazer seria encontrar um lugar para fazer um pouso de emergência. Avistou um campo aberto e rumou para lá. Apesar da sua perícia, a aeronave girava inexplicavelmente até bater violentamente contra o solo e quebrar a cauda. Com o impacto os ocupantes ficaram desacordados.

Neste estado de inconsciência, John teve mais uma visão ainda efeito colateral do chá que abre o terceiro olho ou a visão espiritual da quarta dimensão. Ele olha para o alto e vê Sedna com um tamanho colossal. Ainda mais vermelha do que tinha visto no céu antes do acidente. A estrela parecia que ia engolir a Terra de tão grande que se apresentava. Era até possível ver alguma coisa do relevo do astro de tão perto que parecia estar. Havia muitos vulcões e o solo parecia rachar fazendo sair fumo e lava incandescente. Aliás, o fogo era o que abundava ali, fazendo daquele lugar um verdadeiro inferno. John lembrou-se das palavras de condenação de Jesus que referia-se

6: *“Ora, naqueles dias, depois daquela aflição, o sol se escurecerá e a lua não dará a sua luz.” Marcos, 13:24*

a “fogo eterno” e do texto do Apocalipse que cita o terrível “lago de fogo” para onde aqueles que não estavam registrados no livro da vida seriam lançados.

De repente, John vê saindo do solo seres pavorosos que grunhiam e gritavam com dor e desespero. Eram espíritos das trevas que estavam sendo atraídos para Sedna. Eram muitos e a quantidade ia aumentando gradativamente. Muitos tentavam se agarrar ao solo ou às árvores, mas a força que os puxavam era muito maior e nenhum deles conseguia ficar na Terra.

John assistia a este amedrontador cenário quando despertou com um sobressalto. Viu o que tinha acontecido e que tinha alguns ferimentos leves pelo braço e no rosto. Christine parecia bem, não tinha ferimentos e logo acordou. Eles chamaram por Max que estava com a cabeça tombada para o lado da janela, mas não respondia. John e Christine saíram do helicóptero e foram ver Max, que tinha um ferimento na cabeça, mas não parecia ser grave e ele logo despertou também.

Acharam por bem ficar dentro da aeronave por algum tempo até se recuperarem do susto.



CAPÍTULO

XIV

Sedna já começava a diminuir de tamanho, o que indicava que a estrela anã estava se afastando. A radiação do Sol não parecia estar oferecendo risco e isso era sinal de que o campo magnético terrestre estava se recompondo. Max olhou para o painel de instrumentos e constatou o que era esperado: a agulha da bússola que deveria estar apontando para o norte agora apontava para o sul, comprovando que os polos magnéticos tinham se invertidos.

Decidiram sair do helicóptero e caminhar por uma estrada de terra. Christine se apoiava em John e foram andando sem rumo por meia hora até encontrar um posto de gasolina com uma pequena cafeteria ao lado. Entraram no lugar e chamaram por alguém. Como não apareceu ninguém para atendê-los, Christine sentou-se e Max foi ver o que tinha para comer. John viu que tinha uma televisão e ligou-a bem na hora em que um repórter noticiava:

– Estamos falando ao vivo diretamente do abrigo subterrâneo presidencial na Montanha Cheyenne, onde o presidente dos Estados Unidos da América fará agora um pronunciamento à nação.

– Americanos, americanas e povo do mundo todo. A guerra acabou. A paz foi selada entre todos os países em conflito. O Conselho de Segurança das Nações Unidas determinou por unanimidade que todo armamento nuclear seja destruído e o material radioativo

reaproveitado nas usinas nucleares. Foi preciso uma intervenção divina vinda do espaço para impedir que a espécie humana fosse dizimada em um holocausto nuclear de proporções globais.

No entanto, civilização terrena passou pela mais terrível das catástrofes naturais já vista pela nossa raça. Fomos surpreendidos por uma estrela anã que não suspeitávamos o quanto era perigosa. Ela deixou um rastro de destruição por todo planeta e alterou consideravelmente a geografia dos continentes.

A Falha de San Andreas rompeu e parte do estado da Califórnia se separou do continente e transformou-se numa ilha. O mesmo aconteceu com a Falha Nova Madrid que, entre Memphis e Nova Orleans, se abriu para o Golfo do México ao longo do Rio Mississippi por cerca de 500 km. A América Central não existe mais. A placa tectônica do Caribe afundou mil metros fazendo com que as águas do atlântico se juntassem com as águas do pacífico, deixando uma passagem livre para o transporte marítimo. O Canal do Panamá não mais existe.

O Mar Mediterrâneo avançou para o interior do norte da África e Oriente Médio. As regiões da Europa próximas ao nível do mar ou abaixo dele estão agora debaixo d'água. Na Ásia, muitas ilhas afundaram e outras surgiram onde antes era só água. No meio do Atlântico, uma grande extensão de terra do tamanho do Texas emergiu do leito oceânico formando uma grande ilha. Esta dever ser Atlântida que muitos diziam ter afundado no passado.

Depois de 780 mil anos, a polaridade dos polos magnéticos se inverteu. O que era polo norte, agora é sul, e vice-versa.

O eixo da Terra também sofreu alteração. O Polo Norte geográfico migrou para a Sibéria e o Polo Sul deslocou-se para o meio do Oceano Pacífico. Algumas regiões foram alagadas e congelaram-se em poucas horas. Ficarão para sempre assim. Com o deslocamento polar, a Groelândia e o continente Antártico descongelaram-se. A Antártida será território internacional, com administração das Nações Unidas e será habitada por pessoas de todas as nações sobreviventes das tragédias, que reconstruirão lá suas vidas. O mesmo acontecerá com a ilha que se formou no Atlântico.

Com a mudança da geografia no Oriente Médio, Jerusalém será devolvida às Nações Unidas e no Monte do Templo, onde estavam construídos o Domo da Rocha e a Mesquita de Al-Aqsa, destruídos por um terremoto, será construída a nova sede das Nações Unidas.

Hoje, proponho estabelecer a mensagem das Pedras Guias da Geórgia como a declaração de uma nova ordem mundial para a reconstrução do nosso planeta. Hoje, uma nova era se inicia para a civilização humana. A Declaração da Geórgia diz:⁷

01. Manter a humanidade abaixo de 500.000.000 em perpétuo equilíbrio com a natureza.

02. Controlar a reprodução sabiamente - aperfeiçoando as condições físicas e a diversidade.

7: As Pedras Guias da Geórgia (Georgia Guidestones) é um monumento em granito localizado no Condado de Elbert, Geórgia, onde estão gravados dez frases em oito línguas modernas (inglês, espanhol, suaili, hindi, hebreu, árabe, chinês e russo) e uma pequena mensagem, no topo, escrita em quatro antigas línguas (babilônio, sânscrito, grego e em hieróglifos egípcios). Ninguém sabe a verdadeira origem e razão do monumento. Tudo que se sabe é que em junho de 1979 um desconhecido sob o pseudônimo de R.C. Christian contratou a empresa Elberton Granite Finishing para que construísse e instalasse a estrutura.

03. *Unir a humanidade com um novo idioma vigente.*
04. *Controlar a paixão - fé - tradição - e todas as coisas com razão moderada.*
05. *Proteger povos e nações com leis e tribunais justos.*
06. *Permitir que todas as nações regulem-se internamente, resolvendo disputas externas em um único tribunal mundial.*
07. *Evitar leis insignificantes e governantes desnecessários.*
08. *Equilibrar direitos pessoais com deveres sociais.*
09. *Valorizar a verdade - beleza - amor – procurando a harmonia com o infinito.*
10. *Não ser um câncer sobre a terra – Deixar espaço para a natureza.*



Com o fim do pronunciamento, Max desligou a televisão e serviu uns sanduiches para o casal com o que encontrou no local.

– Não pensem que acabou – falou Max, com uma risada – Tudo aconteceu muito rápido e John não teve tempo de cumprir a missão de alertar maior número de pessoas. Agora vocês precisarão confortar os sobreviventes e inspirar o sonho e a esperança para um novo começo. E podem apostar que esta não será uma parte fácil da sua missão!

– Pelo menos não teremos de nos preocupar com Bourjois e a Ordem da Revelação – disse Christine – Isso quer dizer que você estará livre de nós... Cumpriu a sua parte na missão.

– Não é bem assim – objetou Max – Está certo que Bourjois e a Ordem da Revelação não representam mais qualquer perigo. Mas existe o risco de surgir outros Bourjois. Vocês terão de enfrentar pessoas que desejarão se aproveitar da desordem que ficou o mundo para tentar alguma forma de domínio. E eu terei de estar presente para protegê-los.

– Pode acreditar que não pretendemos nos transformar em substitutos de Bourjois... – resmungou John.

– Pois convença o mundo todo disso – riu Max – Sempre haverá quem veja tudo o que fizerem de bem, como meios para alcançar o poder...

Ampliando o sorriso, deu uns tapinhas nas costas do professor e acrescentou:

– E não pensem que a Ordem do Cravo esteja visando esse poder... E muito menos eu!

Conversaram um pouco mais até escutarem um zumbido estranho vindo de fora. Saíram da cafeteria e não viram nada estranho, mas o zumbido continuava.

– O que será isso Max? – perguntou John intrigado.

– Não sei. Nunca ouvi barulho tão estranho.

– Eu também não, mas parece estar vindo daquele lado. – Disse John apontando para uma pequena colina entre arbustos.

– Olhem, tem alguma coisa iluminando lá. Vamos ver o que é. – Falou Christine ansiosa.

Subiram no pequeno monte e tiveram uma grande surpresa. Abaixo deles avistaram um grande vale com dezenas de naves extraterrestres muito iluminadas e pousadas, de onde saiam muita gente. Eram homens, mulheres e crianças, aqueles que foram arrebatados em naves espaciais, resgatados dos locais de risco no clímax do cataclismo global. Também havia outras naves com grandes

guindastes que construíam prédios de cinco andares com agilidade impressionante para abrigar aqueles sobreviventes.

John abraçou Christine, lhe deu um beijo e disse:

– Sedna foi o castigo de Deus necessário para que a raça humana aprendesse a viver em união e harmonia com seus semelhantes. Reconstruiremos o planeta devastado para que nossos descendentes vivam em um mundo de paz e felicidade. A Terra será o reino de Deus onde todos os homens de boa vontade viverão.



FIM

A
ÚLTIMA CONTAGEM
REGRESSIVA

O QUE ISAAC NEWTON NÃO DESCOBRIU

2ª EDIÇÃO
+ EDIÇÃO COMPACTA



J. S. HELIOS

perse

SUMÁRIO DA SEGUNDA EDIÇÃO DO LIVRO *A ÚLTIMA CONTAGEM REGRESSIVA*

– VERSÃO COMPACTA

- 01 - A PROFECIA DE SÃO MALAQUIAS
- 02 - A PROFECIA OCULTA NA BASÍLICA DE SÃO PAULO FORA DOS MUROS
- 03 - SINAIS PREMONITÓRIOS
- 04 - PROFECIAS DE HOLLYWOOD
- 05 - BARACK OBAMA É A REENCARNAÇÃO DE ABRAHAM LINCOLN?
- 06 - ESTRELA NÊMESIS: O CASTIGO DE DEUS
- 07 - PRIMEIRO EFEITO NÊMESIS SOBRE A TERRA: IMPACTO DE ASTEROIDES
- 08 - SEGUNDO EFEITO NÊMESIS SOBRE A TERRA: INVERSÃO DOS POLOS MAGNÉTICOS
- 09 - TERCEIRO EFEITO NÊMESIS SOBRE A TERRA: DESLOCAMENTO DOS POLOS GEOGRÁFICOS
- 10 - A PROFECIA DE LEONARDO DA VINCI
- 11 - O EFEITO NÊMESIS SOBRE VÊNUS
- 12 - A IRA DE DEUS EM 2016 - CORRIGINDO JOAQUIM DE FIORE
- 13 - A IRA DE DEUS EM 2016 - O TEMPO DE DEUS. QUANDO 1260 É IGUAL A 2016
- 14 - OS MANUSCRITOS PROFÉTICOS DE ISAAC NEWTON
- 15 - A IRA DE DEUS EM 2017 - REVELANDO O QUE ISAAC NEWTON NÃO DESCOBRIU
- 16 - O INÍCIO DA ERA MESSIÂNICA EM 2018
- 17 - O FIM DO PAPADO NA IGREJA CATÓLICA EM 2019
- 18 - O RETORNO DE SEDNA
- 19 - SEGREDOS EM ÓRION
- 20 - A PROFECIA DE JESUS PARA UMA CATÁSTROFE GLOBAL
- 21 - JERUSALÉM, A FUTURA CAPITAL DO MUNDO